



Obras completas de M. Teixeira-Gomes

*Gente Singular*

*Novelas Eróticas*

*Maria Adelaide*

*Ana Rosa*



Obras completas de M. Teixeira-Gomes

*Gente Singular*

*Novelas Eróticas*

*Maria Adelaide*

*Ana Rosa*





Obras completas de M. Teixeira-Gomes

*Gente Singular*

*Novelas Eróticas*

*Maria Adelaide*

*Ana Rosa*

Volume II

Coordenação

José Alberto Quaresma

Nuno Júdice

Prefácio

Helena Carvalhão Buescu

Imprensa Nacional  
é a marca editorial da **INCM**

Imprensa Nacional-Casa da Moeda, S. A.  
Av. de António José de Almeida  
1000-042 Lisboa

[www.imprensanacional.pt](http://www.imprensanacional.pt)  
[www.incm.pt](http://www.incm.pt)  
[www.facebook.com/ImprensaNacional](https://www.facebook.com/ImprensaNacional)  
[editorial.apoiocliente@incm.pt](mailto:editorial.apoiocliente@incm.pt)

Reservados todos os direitos,  
de acordo com a legislação em vigor.  
© José Alberto Quaresma e Nuno Júdice  
© 2021, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, S. A.



Conceção gráfica  
Imprensa Nacional-Casa da Moeda  
Revisão  
José Vieira  
Paginação  
Leonel Duarte  
Fontes tipográficas  
Títulos Tribute | Frank Heine | 2003 © Emigre  
Texto Minion Pro | Robert Slimbach | 1990 © Adobe Fonts



1.ª edição: novembro de 2021  
ISBN: 978-972-27-2952-9  
Depósito legal: 487 388/21  
Edição n.º 1024901



Imagem da contracapa: Manuel Teixeira-Gomes (c. 1910), fotografia,  
Officinas Photographicas, Lisboa. BNP Esp. N46/cx. 40

## PREFÁCIO

Estas quatro obras correspondem ao conjunto mais significativo da segunda parte da obra literária de Manuel Teixeira-Gomes, uma vez publicados anteriores volumes em que se afirmavam as principais características da sua estética: o sensualismo descritivo, a atenção ao pormenor singular, a captação de episódios muitas vezes elaborados como fragmentos autónomos. Todas estas características se consolidam, nas obras agora publicadas, de forma distinta — embora em todas elas possamos compreender o seu alcance e a forma como contribuem para a invenção e o singular estilo de Teixeira-Gomes. Veremos, em cada um dos quatro títulos, de que modo podemos encontrar estes elementos e como eles se combinam para definir uma voz invulgar no nosso panorama literário do início do século xx.

*Gente Singular* foi publicado em 1909, no final da monarquia portuguesa. Teixeira-Gomes, que viria a ser Presidente da República (o sétimo), entre 1923 e 1925, deixa-se aqui transportar pela sua atenção ao pormenor e à particularidade nos factos aparentemente mais comuns e quotidianos da vida. Assim, a «gente singular» de que fala, e que poderíamos num primeiro momento imaginar como indivíduos extraordinários, apresenta-se, pelo contrário, como conjunto de sujeitos enquadrados em contexto menor, as pequenas ou grandes cidades e vilas, os usos e costumes habituais (e não-habituais!) da sua gente, os campos atravessados pelo narrador e pelas personagens, os lugares de alguns dos seus desvios e especiosidades. São estes os indivíduos sobre quem recai a ideia de «gente singular».

E porquê? O que Teixeira-Gomes propõe é que é nestes pequenos parceiros da vida menor que, com atenção, se podem encontrar características e episódios, que protagonizam, de alguma forma peculiares. Transportando para uma escala maior: não haveria vida alguma em que um olhar atento não viesse a descobrir a agudeza da diversidade e da diferenciação. É pois o seu olhar que nos guia, e a sua fina sensibilidade que nos chama a atenção para as disparidades e estranhezas que passam muitas vezes sem nota. Tais disparidades recebem, em *Gente Singular*, muitas vezes um tom irónico, satírico, ou mesmo cáustico, que não apaga, entretanto, uma empatia infeliz, como no caso da Princesa Venérea, protagonista do primeiro conto. Já na história protagonizada por Leonor, a equívoca mulher que com aparente inocência está na origem do desastre financeiro do protagonista, ou na dos quatro manos que governam o grotesco episódio do conto «Gente Singular», o que sobreleva é a facilidade com que, mesmo a propósito do mais inopinado objeto (uma retrete...) é o episódio inesperado e faceto que se torna relevante: o olhar do narrador sempre perspicaz e sarcástico, que traz à tona as «singularidades» (e recordemos Eça de Queirós, no conto do mesmo nome) de gente aparentemente sem história... («O triste fim do major Tatibiate» ou «Profecia certa».)

*Novelas Eróticas* (1935), *Maria Adelaide* (1938) e *Ana Rosa* (1941) representam os últimos anos de produção literária de Teixeira-Gomes, desde 1925 já no autoexílio em que viria a morrer, em outubro de 1941, em Bougie (Argélia). O sentimento do esteta que foi Teixeira-Gomes é aqui levado ao extremo, num sensualismo ímpar na literatura portuguesa (mormente quando, na primeira metade do século xx, os tempos iam de feição ora a um intelectualismo modernista, ora a uma visão psicologizante, que o autor de que nos ocupamos também não pratica).

É curioso que a propósito de Teixeira-Gomes por vezes se veja usar o termo «nefelibata», que caracteriza um certo sentido de alheamento da realidade. Curioso porque, na verdade, o que nele se impõe é, pelo contrário, uma atenção particular e sensorial à materialidade pormenorizada das coisas, de tudo quanto existe e toca, por vezes de forma tão vívida, o narrador. É isto que subjaz às novelas que intitulou eróticas, porque o são de facto — e não poderiam sê-lo sem essa prevalência do corpo material que, justamente, está na base da pulsão erótica. Esta pulsão convive, por outro lado, de mãos dadas com a melancolia que a sua memória convoca: o narrador de Bougie recorda os episódios cosmopolitas e eróticos que, na

sua juventude, viveu em Amesterdão; em Sevilha e Córdoba; em Barcelona, no Mar Tirreno e em Itália; em Barcelona e Turim; entre Esmirna e Constantinopla; e, enfim, no «seu» Algarve, que nunca anda muito longe de si. É, assim, um erotismo cuja densidade temporal (antes e agora) permite olhar para o passado como prazer dos sentidos, revivendo-o através da melancolia do presente. Esta situação torna o narrador num espectador contemplativo do seu próprio prazer no erotismo do mundo, representando-o de forma complexa e autorreflexiva. Por outro lado, novelas como «A Cigana» ou «O Sítio da mulher morta» combinam sensualidade, pitoresco e uma curiosa forma de narrativa simultaneamente realista e mágica, se não mesmo fantástica, assim dando conta de uma espessura contrastante a este conjunto de novelas, e mostrando a subtil arte literária do autor.

Esta mesma mescla de características tão diferentes e mesmo aparentemente incompatíveis dá o tom, de modo ainda mais intenso, ao romance *Maria Adelaide*. Nele, o narrador, Ramiro d'Arge, apresenta um conjunto de atributos que já vimos serem próprios da escrita sempre liminarmente autobiográfica de Teixeira-Gomes. O deslumbramento com a paisagem algarvia é aqui total, emergindo em curtos fragmentos que pontuam os também muito curtos capítulos que constituem a obra. Esta estruturação dá ao romance um ritmo sacudido, ao surgir como breves episódios de uma linha quebrada que constitui a história que se desenrola: o nascimento, desenvolvimento e cruel morte, aos pedaços (em sentido metafórico e literal), da relação amorosa entre o narrador e Maria Adelaide. Dos primeiros episódios, todos eles centrados no êxtase erótico e amoroso que leva o narrador até Maria Adelaide, aos interregnos que constituem as crises nervosas e as acusações mútuas em que se vão embrenhando, até à dolorosa morte da protagonista e subsequente fascinação erótica do narrador por uma nova e precoce amante, este romance traça uma pequena e invulgar suma dos principais traços da invenção literária de Teixeira-Gomes, bem como do seu estilo apurado. Se ainda houvesse dúvidas, elas seriam aqui apagadas: Teixeira-Gomes considera a prosa de ficção (mas também a autobiográfica) como uma forma quase isenta de moralismos e dos constrangimentos retóricos do romance burguês, na descrição de uma história de amor em que a relação física é simultaneamente o fator desencadeador da história amorosa, mas também o elemento por que cruelmente ela se vai desfazendo. Não há aqui contemplanções relativamente ao emaranhado psicologicamente indecifrável e duro que constitui o ser humano: não é

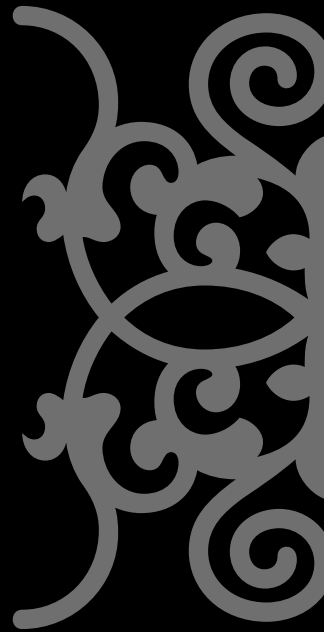


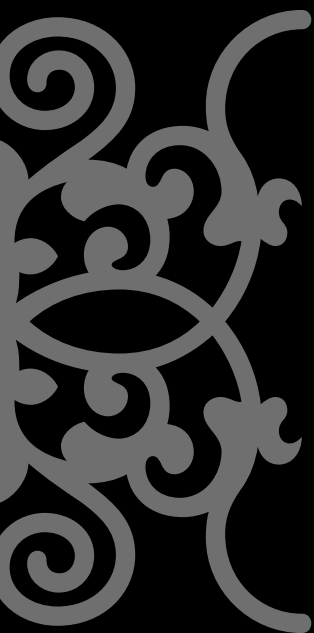
apenas o narrador que é singular, mas, e como atrás vimos, todos os humanos o são, de uma forma ou de outra.

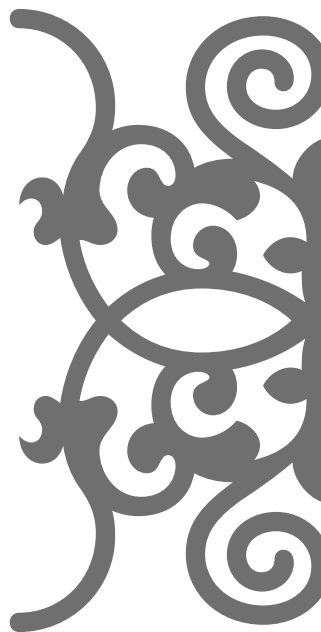
Esta linha de continuidade prossegue, aliás, na última obra publicada no próprio ano da morte de Teixeira-Gomes, *Ana Rosa*, permitindo assim avaliar a consistência e coesão do seu projeto literário. Na verdade, e muito embora o manuscrito publicado que nos chegou corresponda apenas ao esboço do romance que o autor chegara a anunciar, é admirável a forma como estas poucas páginas representam uma rima e simultaneamente um remate relativamente à inconfundível produção literária de Teixeira-Gomes. Tudo aqui, como na restante obra, aponta para o fazer de um *artiste*, palavra que no léxico da época sublinhava o apurado sentido estético e estilístico que um autor imprimia ao que escrevia, pintava ou esculpia. Teixeira-Gomes é aqui esse *artiste*, comprazendo-se no requinte com que usa a palavra e nos faz imergir, a nós, leitores, diretamente na trama ficcional. Na realidade, os primeiros parágrafos daquele que seria o primeiro capítulo de um novo romance, inacabado como vimos, mergulham-nos numa cena em tudo idêntica à de *Maria Adelaide*: as intensas impressões de um encontro amoroso que acaba de ter lugar, no quarto do narrador. Poderia ser uma cena saída de *Maria Adelaide*. Não o sendo, ela atesta a continuidade de traços inventivos e estilísticos do seu autor, que assim demonstra a persistência de uma imaginação e de uma efabulação em que o sensualismo impera. Ana Rosa é, no entanto, e no esboço a que temos acesso, diferente de Maria Adelaide — e as reflexões que o narrador faz acerca da violência com que consumara (quase como «um estupro») o ato sexual, em contraste com a ternura e a confusão de Ana Rosa, de novo nos remetem para a consciência inteira dos inexplicáveis conflitos que ao humano estão reservados. A impiedosa e autoconsciente descrição que o narrador faz de si mesmo, dos seus ímpetos e desejos, sublinha a forma como Teixeira-Gomes, nas suas últimas obras, alia à sensualidade, sua característica, o impulso reflexivo que, aliás, em muito ultrapassa a dimensão da psicologia (e, em particular, de qualquer hipotética «explicação» psicológica). E o facto de a descrição que temos de Ana Rosa dar conta, na sua brevidade e impossível desenvolvimento, de uma configuração feminina que permitiria abrir para diferentes caminhos romanescos não faz mais do que deixar-nos, leitores, como ao narrador, expectantes face ao que não nos será nunca possível conhecer: o resto da história.

O conjunto destas quatro obras confirma o teor da imaginação literária de Teixeira-Gomes, afirmando-o como o elegante escritor dos sentidos e do prazer, ao mesmo tempo que do deslumbramento das coisas, seres e paisagens e, muito em particular, do «seu» Algarve. Uma sensibilidade vibrante, a sua, aliada a um realismo que nos dá a textura do mundo.

*Helena Carvalhão Buescu*  
Centro de Estudos Comparatistas  
Universidade de Lisboa







# NOVELAS ERÓTICAS



*DEUS EX MACHINA*

O inverno de 1890 foi dos mais ásperos que flagelaram a Europa durante o século findo, e na Holanda, então — onde eu o passei quase todo —, pois relativamente temperado e malissimamente preparado para as baixas temperaturas, morria-se de frio. Mas morria-se deveras, isto é: apareciam com frequência, nas ruas das cidades populosas, criaturas humanas inteiriçadas e mortas de frio.

O fleumático holandês clamava nos jornais contra a inclemência celeste, tal qual o exuberante napolitano — na desgraça todos se parecem —, anos depois vendo o Vesúvio tocar-se de gelo e a Riviera di Chiaia atascada em neve, se insurgia, também nas gazetas — como se a culpa fosse do governo —, contra a Providência que ordenava ou permitia aqueles rigores de temperatura em região a eles tão pouco afeita.

Foi o caso que nos Países Baixos todo o mês de dezembro a temperatura se manteve entre 25° e 30° centígrados de frio; gelaram completamente os canais, os rios e até o Zuider-Zee, o seu pequeno Mediterrâneo. Mas os holandeses, em todo o caso melhor petrechados do que os napolitanos para resistir a semelhantes intempéries, aproveitaram a situação para dela tirarem algum partido, e metidos em peles, caras ou baratas conforme as posses de cada um, puseram-se na rua a patinar, e como grandes mestres que são nesse género de divertimento insensivelmente se transformaram de sorumbáticos, mazorros e grotescos em gente comunicativa, desempenada e alegre, dando ao país uma animação extraordinária e nunca atingida em invernos normais.



Nos bairros populares das grandes cidades, como Amesterdão, o movimento durava, com intensidade quase igual, dia e noite, pois a qualquer hora o mesmo formigueiro humano cobria os canais, gente de todas as idades deslizando sobre o gelo em caprichosas evoluções e agitando os braços para atear o calor no corpo. Seria difícil encontrar-se alguém na rua que não levasse consigo um par de patins.

Era uma espécie de frenesi contagioso a que, naturalmente, não soube resistir e como houvesse passado vários invernos de aprendizagem no Norte da Europa aperfeiçoei-me e saí-me também exímio patinador, levando os dias inteiros a descrever corretíssimos S S e geométricos 8 8 sobre os lagos dos parques, na companhia dos meus amigos e das suas respeitáveis famílias.

Um dia que eu ficara de me encontrar em Vondel-Park — próximo ao Rijks-Museum — com vários elegantes de ambos os sexos para dali seguirmos em excursão de patinagem até Harlém, logo à entrada do parque, numa volta estreita e mal concorrida do lago, a atenção prendeu-se-me irresistivelmente numa rapariga encantadora, de farta e negra cabeleira solta, que patinava sozinha, e fiquei-me a contemplar-lhe os graciosos movimentos sem mais me lembrar de que a poucos metros de distância era impacientemente esperado por um numeroso grupo de amigos.

Ela notou sem demora a embasbacada insistência do meu embevecimento, que pareceu desagradar-lhe soberanamente, e como, ao transpor uma das curvas do lago, se voltasse para verificar se eu ainda a remirava, deu um jeito ao pé, de que resultou desmanchar-se-lhe o patim. Isto encolerizou-a grandemente, purpurizando-lhe o rosto e tornando-o ainda mais adorável.

Procurou sítio para sentar-se e tirar o patim, mas não querendo vir à margem do lago, a fim, talvez, de evitar a minha proximidade, mesmo sobre o gelo se deixou cair, como que numa birra infantil, e baldadamente empreendeu endireitar a haste de aço ou quilha que se entortara ao saltar do velho patim.

Mas à medida que se ia convencendo da inutilidade dos seus esforços assim crescia o seu despeito, a sua irritação, até ao ponto de interpelar brusca e rudemente outro inocente transeunte que parara também para a ver, dizendo-lhe qualquer coisa que devia significar: «ainda se não fartou de olhar para mim?». No entanto, os seus olhos, esbraseados pela cólera,

quando poisavam nos meus pareciam abrandar e dir-se-ia que exprimiam intenções conciliadoras.

Convencendo-se de que nada conseguia e desistindo afinal de continuar no recreio da patinagem, quase enfurecida arrancou os atilhos aos patins e infantilmente os ergueu ao céu, num jeito de ameaça; depois meteu-os debaixo do braço e com os olhos marejados de lágrimas foi-se, mas não sem primeiro me lançar um rápido olhar no qual a minha fatuidade descortinou convite a que a seguisse.

Era uma forte rapariga de seus 15 anos, com o desenvolvimento de mulher feita, embora vestindo saia curta; a tez levemente morena ou desse tom mate, que no Norte se contrapõe ao róseo nacarado das loiras e à luz meridional se capitularia, talvez, de alvura láctea; olhos imensos e pretos, da cor do cabelo que lhe caía, solto, sobre as costas, fartíssimo e ondeado como um velo de azeviche.

Sem mais pensar nos meus companheiros saí do parque e fui-lhe, discretamente, no encalço.

Aquela parte da cidade, cortada, como os outros bairros de Amesterdão, de canais que ali se caracterizam pela sua sinuosidade e pela rusticidade afetada ou real das suas margens, mais ou menos ornadas de vegetações diversas — ao tempo despojadas de folhas mas florescentes de neve — e pela fantasia e variedade na arquitetura das edificações, reveste o aspeto de cidade de bonecas, construída em Nuremberga.

Tomei à esquerda pela margem do mais próximo canal, e mesmo em frente às ruínas da *Ópera* recentemente destruída por um incêndio, quando a minha heroína ladeava direito a uma ponte, encontrámo-nos; cruzaram-se os nossos olhares e ela, após hesitação muito breve, retrocedeu para tomar o meu caminho, passando-me logo adiante. Estuguei o passo, alcançando-a sem demora, e dirigi-lhe não sei já que banal galanteio. Recebi pela expressão indignada dos seus olhos coriscantes a resposta esperada, mas sem me intimidar perguntei-lhe se falava francês e ela, evitando o meu olhar, mas tornando-se da cor de lacre, respondeu:

— Sim senhor, falo, mas isso que lhe importa?...

— Importa-me imenso para podermos conversar, porque eu não sei holandês.

— Conversar!... Pois tem alguma coisa a dizer-me?

— E ainda o pergunta!

— Mas se eu não posso adivinhar!

Ela então estacando e fazendo-se novamente vermelha, fixou-me com agudeza e, batendo pé, gritou:

- Por sua causa é que eu escangalhei o meu patim...
- Por minha causa?...
- Sim senhor, o senhor é que teve a culpa; se não se tivesse posto a olhar para mim daquela maneira não sucedia nada...
- Então acredita no mau olhado?...
- Não sei o que isso é; sei que se o senhor não olhasse para mim...
- Se eu olhei para a menina foi por sua culpa...
- Essa agora...
- Linda como é...
- Ainda ninguém olhou para mim daquele modo...
- Toda a gente olha...
- E eu ia desmanchando um pé...
- Não me diga isso que me causa muita pena...
- Pena, muita pena, é que eu lhe queria dar...
- Isso não é sincero. Quer-me convencer com esses olhos que tem mau coração.
- Se vivesse comigo veria...
- E porque não hei de viver?
- Há de viver até ali ao fim da rua...
- Nem mais nada! Não quer então que eu a acompanhe? (Silêncio.)
- Mora muito longe?
- O senhor é curioso a valer.
- Mas não faz mal nenhum perguntar.
- Sim senhor, moro muito longe...
- Deixe-me então acompanhá-la um pedacinho mais...
- A rua é para toda a gente...
- Gostava tanto que fosse minha mestra de patinar.
- Eu?!
- Então?
- Nunca...
- Mas porquê?
- Os meus patins não prestam... — e ao dizer isto sorriu tão ingenuamente, já tão confiada!
- Olhe que desculpa. Em qualquer parte se alugam bons patins.
- Mas eu não tenho dinheiro...

- Alugo-os eu.
- E eu que lhe não quero ficar a dever favores...
- Mas sendo minha mestra quem os ficava a dever era eu...
- Talvez... Mas o senhor não há de ter jeito nenhum para aprender...
- Porque julga isso?
- Eu sei lá. Porque não tem cara de ter jeito... Não é loiro...
- Também a menina não é loira.
- Ora, mas sou holandesa e sou...
- É judia?

O que fui eu dizer! Háviamos entrado já em camaradagem franca ao tempo de soltar esta inocente pergunta, cujo efeito na minha graciosa companheira foi indescritível. Empalideceu, ruborizou-se, gaguejou e a muito custo despejou a insupeável cólera:

— Porque é que o senhor imagina que eu sou judia? Onde é que se vê que eu sou judia? Então não se pode ter o cabelo preto sem ser judia? O senhor naturalmente é judeu e pensa que todos o são...

E levou cinco minutos seguros em recriminações, à minha impertinência, à minha estupidez, numa irritação vivíssima que todas as minhas desculpas não conseguiam apaziguar. Por fim, de feições dolorosamente contraídas, as lágrimas a bailarem-lhe nas pestanas, disse em voz baixa:

— E eu que já estava fazendo tanto gosto em ser sua mestra!...

Aproveitei esta ponte lançada à reconciliação e, chamando-lhe criança, como criança a fui consolando, explicando-lhe que nenhuma intenção houvera da minha parte em a melindrar; que ser judia não era vergonha alguma e já agora que ela mostrava tanta zanga aos judeus sempre lhe dizia a verdadeira razão por que a supusera daquela raça. Não fora tanto pelos cabelos pretos, nem pela tez morena, fora por outro motivo muito diferente.

— Que motivo? — acudiu logo ela, ardendo em curiosidade.

Parece-me que o melhor será não dizer, não vá a menina zangar-se outra vez...

- Só por isso, não... Há de dizer.
- Tenha paciência mas não digo...
- Diga, que mando eu... — exclamou novamente arrebatada.
- Digo já... É porque lhe achei mau coração.
- Eu? Mau coração, eu?
- Mas a menina mesmo o confessou...
- Isso foi a brincar — rematou ela já com a boca e os olhos cheios de riso.

Pouco depois estavam feitas as pazes, quando ela, parando subitamente e circunvagando a vista, reconheceu que entrávamos em *Rembrandt Plein*, aonde convergem as mais centrais e concorridas ruas de Amesterdão, e observou:

- É tempo de nos separarmos; não gostava que nos vissem juntos.
- Se quiser entramos num café...
- Hoje, não.
- Bem... E amanhã onde nos encontramos?
- Para mim o sítio melhor é Vondel Park, e para si também, por causa da patinagem.
- Pois seja em Vondel Park.
- À uma da tarde...
- Fica justo...
- Adeus... — e estendeu-me a mão definitivamente confiada, e ao mesmo tempo com a expressão voluntária e generosa de quem concede uma inestimável graça, tão magnânima e dadivosa que eu, fixando-me novamente na sua estranha formosura, imaginei apertar entre as minhas a mão de alguma fada oriental perdida nos gelos da Holanda.

Embora Amesterdão seja uma vasta e populosa cidade onde se pode passear levando uma mulher pelo braço, sem riscos de encontros imperitinentes, quando, naturalmente, se evitem os centros de maior concorrência, eu devia recluir a indiscreta curiosidade da colónia israelita, da qual, por me verem a miúdo na companhia do Sr. Kater, um dos seus mais conspícuos membros, eu era conhecido, e devia sobretudo evitar Vondel Park que era, naquela época de delirante patinagem, o ponto de reunião predileto da gente elegante a quem as minhas habilidades em descrever no gelo S S e 8 8 não podiam ter passado despercebidas. Mas na ocasião de me despedir da minha amiga de encontro não me ocorreram argumentos que desabonassem o local, e como o parque fosse vastíssimo, contendo recantos de pouca frequência e outros concorridos de gente de pouco e até de pobres, no dia seguinte buscámos sítio adequado às nossas entrevistas, que nos continuou a servir por algum tempo, limitando-me eu, por medida prudente, a modificar o meu vestuário de modo a não destoar escandalosamente da quase indigência que a minha companheira aparentava.

Ela percebeu logo às primeiras experiências, apesar de toda a minha simulação, que eu não era tão ignorante em patinagem como confessara, e ao segundo dia, como nos aventurássemos, de mãos dadas, levados pela

embriaguez de resvalar livremente, por uma parte mais larga do lago, sucedeu que a minha companheira se desequilibrou e eu instintivamente a segurei pela cintura, amparando-lhe o corpo com o meu e numa rápida volta em que eu era mestre exímio não só a livre de uma queda certa mas evolucionei com ela aos ziguezagues, absolutamente esquecido do meu papel de discípulo.

Tive então de confessar o meu embuste, o que lançou no horizonte da nossa felicidade uma nuvem escura. Expliquei-lhe que mentira para arranjar pretexto às nossas entrevistas, mas ela, além de manifestar a sua antipatia aos homens que mentiam — coisa própria de mulheres —, observava que as mentiras não tinham desculpa senão quando eram indispensáveis e muito pobre devia ser a minha imaginação para não descobrir melhor pretexto.

— Se me tivesse dito francamente: sei patinar e gostava de o fazer consigo, eu vinha da mesma forma e não me entrava agora no espírito esta desconfiança que me aborrece e magoa...

Interrompeu a diversão, nesse dia, e só dois dias depois é que voltámos a encontrar-nos, eu receoso de não ser perdoado e ela já esquecida e novamente risonha e afável.

A minha heroína chamava-se Camila e era filha de um negociante de fruta que morava para os lados de Geldersche Kade, homem, ao que percebi, trabalhador mas de limitados recursos, e fabulosamente prolífico: catorze filhos. Camila ia nos 17 anos e tinha a seu cargo cuidar de dois dos seus irmãos mais novos. A sua educação literária fora relativamente esmerada, mas o seu carácter indisciplinado, o seu génio impulsivo, quebrava os moldes de requintada sociabilidade a que a haviam sujeitado durante algum tempo, tornando-a criança caprichosa e fantástica. Ela dizia a miúdo: bem sei que não devo fazer isto ou aquilo, mas por isso mesmo o faço.

A família não sabia que destino dar-lhe; as irmãs e irmãos mais velhos ganhavam já a vida, só ela não tinha préstimo algum e como a sua permanência em casa era motivo perpétuo a dissensões e dissabores, os pais davam-lhe ampla liberdade, esperando ensejo de a casar ou de a empregar quando porventura se oferecesse ocasião que ela não refugasse.

Assim era que levava a melhor parte dos dias flinando, sempre com um romance do Querido — espécie de Zola holandês — no *indispensável*, um depósito de côdeas de queijo, pedaços já secos de pão com massas de Corinto, na algebeira a que ela recorria — chamando-lhe o seu

Entrepôt-dok ou porto franco — sem a menor cerimônia, fosse onde fosse, para meter na boca o primeiro bocado que topava.

Continuávamos a encontrar-nos em Vondel Park, quase sempre às duas da tarde e após uma hora de patinagem, tanto ou mais emocionante do que seria uma hora de baile em salão aristocrático, emocionante pela sensação deliciosa que a proximidade do seu corpo me provocava, no calor daquele exercício incomparável que acelera a circulação sem embotar os nervos e, na sua materialidade, presta-se aos mais graciosos e artísticos movimentos; após a excitação saudável dessa hora, ela, ordinariamente, consentia que a acompanhasse até *Nieuwe Markt*, o pitoresco mercado de peixe, vizinho à casa paterna. Atravessávamos então a parte mais velha, populosa e pitoresca da cidade, onde os canais se intrincam e as pontes se multiplicam à sombra de torres lendárias que nascem da água e se coroam de arrendados campanários e ali, mais do que em qualquer outro ponto, as casas desequilibradas e irregulares revestem aspetos de armada de galeras flutuando, adornadas, umas e outras meio submergidas. Sozinho seria impossível aventurar-me por aqueles bairros cujo encanto veneziano eu suspeitava sem nunca o poder fruir cabalmente, mas na companhia de Camila, que jamais perdia o fio do labirinto, eu ia repousadamente observando a vida estranha daquela população anfíbia, formigando num cenário que, a despeito da realidade, parecia obra de fantasia, e longe dos olhos avultava na memória com todos os caracteres de uma criação fantástica e inverosímil. Dificilmente eu daria ideia do prazer experimentado naqueles passeios, em que nós vagueávamos como dois moços pequenos, chupando laranjas e parando, pasmados, a cada passo.

Outras vezes íamos quase ao fim do Vondel Park a uma leitaria onde abancávamos para comer bolos, e levávamos uma hora calados, metidos a um canto, olhando enternecidamente um para o outro — eu, cheio de receio instintivo de que reparassem na minha linda companheira, e assim fornecesse pretexto à inveja e à maledicência que me perturbassem ou destruíssem a felicidade.

Sucedia também entrarmos no museu, não para ver pinturas que pouco interesse inspiravam a Camila, mas para percorrermos as coleções coloniais onde cada objeto lhe desafiava a imaginação, trasladando-a às regiões de costumes e interiores holandeses que ela animava compondo romances adequados às figuras de cera e aos misteres que os seus trajos

denunciavam; ou às coleções de móveis e loiças com que ela ornava imaginárias habitações como se andasse na labuta de arranjar o ninho.

Aconteceu mesmo, duma ocasião em que a vi mais empenhada neste devaneio, dizer-lhe eu: — Bem, a casa está pronta e agora nós metemo-nos dentro dela, temos muitos filhos, e somos muito felizes, como no final dos contos...

— Não diga disparates — atalhou —, o senhor não casava comigo...

— Mas porquê?

— Porque eu sou pobre e... — em voz sumida, baixando os olhos — judia...

— Sim?... Pois as judias nunca me meteram medo e a prova foi que eu a supus tal a primeira vez que lhe falei...

— E isso é o que eu dificilmente lhe perdoarei...

— Mas, minha amiga, eu não a entendo...

— Ah! É que eu tenho um imenso orgulho em ser judia... Mas parece-me que os judeus não trazem escrito na cara a raça a que pertencem e quando mo disse... Olhe, ainda hoje penso que escarneceu de mim...

— Bem!... Aqui voltamos nós ao começo quando já se tratava do casamento que é o fim...

— Casamento!... isso é continuar a zombaria... Pois saiba que eu também não queria estar sujeita a um homem que fosse de religião diferente da minha... nem que fosse mais rico do que eu... nem...

— Diga tudo...

— O melhor é estar calada!... Não é verdade que não há coisa tão difícil como é a gente dizer exatamente o que pensa? Religião! Que me importam a mim essas histórias da carochinha?... Ah! Mas nunca percebi porque se há de gostar só para casar... Casar é uma espécie de negócio e quando se gosta de alguém não se deve pensar em interesses...

— Agora queria eu perguntar-lhe se gosta de mim...

— Para casar?...

— Não...

— No dia em que gostar logo lho digo...

Convém notar que apesar da facilidade com que no Norte os namorados se tuteiam, eu não conseguiria que Camila o fizesse; por aparente ou real espírito de submissão ela insistia em que eu a tratasse por tu, a que eu não acedia por natural delicadeza, salvo em lances de enterrecimento afetivo.



Poucos dias depois, seguindo ao longo do Amstel, embevecidos na embriaguez do nosso sonho que parecia cifrava-se na esperança vagamente entrevista de atravessarmos a vida errantes e juntos, deteve-nos a multidão que se aglomerava em volta de um imenso camião de cervejeiro, voltado, cujos barris se haviam partido e borboletavam o líquido conteúdo na calçada. De repente Camila, em tom sobressaltado, observou-me:

— Há um sujeito na plataforma daquele americano que o cumprimenta...

— A mim?... — E seguindo a indicação da minha companheira reconheci o Sr. Kater que insistia em saudar-me, mas como o ajuntamento se desfizesse e o americano seguisse o seu caminho eu mal correspondi aos cumprimentos e logo esqueci o encontro. Mas não passaram muitos minutos sem que notasse na fisionomia de Camila sinais evidentes de preocupação.

— O que tem? — inquiri.

— Nada... Olhe lá, conhece aquele sujeito do americano?

— Muito. É uma das pessoas que eu melhor conheço em Amesterdão...

— O Sr. Kater?... — interrompeu ela, surpreendidíssima.

— Sim. Mas a Camila também o conhece?...

— De vista. Com os meus pais e alguns dos meus irmãos é que ele tem relações...

— E ele não sabe quem a menina é?

— Creio que não... — e logo — com certeza que não...

— Ele teve negócios com o seu pai?...

— Já teve..., antes de meu pai se estabelecer de conta própria. Eu ainda lhe não disse o nome do meu pai, chama-se Cruteman.

— Nunca ouvi falar nele...

— E o Sr. Kater gostou muito da minha irmã mais velha, que já é casada...

— Ah!... E como soube isso?

— Conversas ouvidas em casa... Creio mesmo que isso concorreu para meu pai abandonar o escritório do Sr. Kater... Mas adeus — e ajuntou rindo: — Já cheira a peixe e nós sem repararmos que entrávamos no Nieuwe Markt, terreno defeso... Até amanhã...

De Nieuwe Markt a Oude Schans, onde era o escritório do Kater, havia dez minutos de caminho e, embora a ocasião não fosse própria para o procurar, pois àquela hora de volta da Bolsa encontrá-lo-ia certamente na crise diária de trabalho, cercado de empregados, transmitindo ordens e fechando contratos, o ouvido colado ao telefone e a voz ditando,

imperiosamente, concisos mas importantes telegramas, não resisti à tentação de o importunar para colher qualquer informe acerca desses Crutemans que deixavam uma filha tão linda e caprichosa à solta e vestida miseravelmente.

Kater fora das pessoas com quem eu primeiro travara relações em Amesterdão, e as continuara inalteravelmente num pé de quase completa intimidade — embora com profundas reservas de ambos os lados, reservas até certo ponto justificadas pela enorme diferença de idade.

Fora por ele iniciado nos mistérios da vida holandesa, essa vida que parece regida rigorosamente por preceitos de perfeita moral, universalmente acatados e que no entanto é viciosa como nos mais desacreditados países do mundo.

Mas o vício na Holanda excita-se com recatadas cautelas e por isso mesmo é ali mais requintado e sedutor, e as suas consequências escandalosas mais surpreendentes, inesperadas e retumbantes.

Quantos pais de família unanimemente respeitados e venerados ali aparecem de um dia para o outro arruinados pelas exigências faustosas de amantes que ninguém lhes conhecia, e quantos abandonam subitamente os lares e a pátria, após liquidações forçadas de grandes haveres, para seguirem o destino de alguma hetaira, cujas sedas rugedoras e joias resplendentes causavam pasmo em Kalverstraat sem que a arguta maledicência sequer farejasse a origem certa de tamanho luxo.

Tão apertados são os preceitos da boa sociedade holandesa que basta a um dos seus membros, mesmo novo e solteiro, ser visto na companhia de alguma mulher de reputação suspeita para se lhe fecharem todas as portas e para que o excluam de todas as reuniões e festas familiares. Mas nem por isso as mancebias são menos frequentes, nem é menor, nas cidades, a concorrência aos sumptuosos bordéis — havendo aqui, ainda por cima, que iludir a vigilância dos Argus das Sociedades contra a luxúria, guardas perpétuos das suas entradas —, nem por isso a vida galante esmorece à míngua de mocidade estouvada e da velhice voluptuosa.

Acolhido em Amesterdão por uma família ilustre e intransigentemente puritana, a quem fora recomendado, o aspeto dessa sociedade intimidara-me e por ter ingenuamente acreditado na sua sinceridade é que o Kater, mefistofélico e cético, se empenhara, logo no início das nossas relações, em levantar o véu espesso que lhe encobria as mazelas.

Ele próprio, sem demora e a fim de corroborar com factos as suas asserções, me industriou na forma de, sem escândalo, encetar a existência

de gozo e estúrdia que ali se me afigurava inexequível, recomendando-me casas especiais de encontros e denunciando-me como pecadoras criaturas pulcras e, na aparência, inacessíveis.

Kater julgara ver em mim o refinado cínico a quem uma família escrupulosa festejava como o homem de sãos princípios, e insinuara-se-me no espírito de mil modos no intuito de colaborar nessa comédia, fornecendo-me armas para perpetrar um embuste donde poderia mais tarde resultar descrédito para essa família — no seio da qual corria fama que eu entraria — e isso tão-somente porque ela o mantinha, a ele e a todos os da sua raça, a distância respeitável. Mais tarde, desenganado pelas minhas confidências interessadas, e admirado da argúcia meridional com que eu lhe baldava os pequenos tramas, dedicou-me real interesse, «como se eu fora judeu» — explicava justificando-se.

Kater era um homem de pequena estatura, mas grosso e ágil; a tez e os cabelos no mesmo tom espaçadamente loiro, conservando aos 50 anos rosas de *baby* nas faces, o que concorria para lhe manter a aparência de imarcescível mocidade confirmada pela afetada expressão ingénua da fisionomia, que a um mais detido exame os olhos claros e à flor do rosto, movediços, inquietos, penetrantes, desmentiam. Fervilhava em toda a classe de negócio que presumia lucrativo e trabalhava com paixão, incansavelmente, homericamente.

A sua ambição crescera à medida que a fortuna lhe aumentara os bens e como pela sua origem menos que modesta de judeu alemão não pudesse aspirar à intimidade dos ricos judeus portugueses, nem da aristocrática sociedade puritana, indígena, sonhava com o primeiro lugar entre os dinheirosos da sua colónia, a qual já era numerosíssima e contava muitos membros opulentos em Amesterdão, embora ali fosse cada vez mais mal vista.

Fui procurá-lo ao seu escritório, estabelecimento modelar cercado de amplos armazéns onde tudo se movia por eletricidade e formando um enorme edifício de ladrilho, ferro e vidro cujos alicerces nasciam da água, na intersecção de dois canais.

O movimento de mercadorias trazidas e levadas por dezenas de barcas ou fragatas que se acostavam aos armazéns era prodigioso, como fantástica parecia a legião dos empregados que circulavam no edifício ou escreviam abancados, e à boa distribuição de todo este incessante e fadigoso trabalho Kater presidia no seu gabinete de *pich-pine*, vasto, claro e envidraçado como sala de sanatório, onde constantemente vários secretários tomavam nota do que ele ditava sem perder ocasião de acudir ao seu telefone

móvel quando se tornava mister corresponder diretamente às solicitações de algum freguês importante.

Quando cheguei ao escritório passava das 4 horas, mas ainda o encontrei na febre conseqüente ao «choque da Bolsa», desfiando o labirinto de ordens e contraordens de que a sua carteira trazia a súmula em sucessivas páginas cheias de abreviaturas feitas numa letra grossíssima e deformada, verdadeira caligrafia de colegial.

Apertou-me a mão em silêncio indicando-me ao mesmo tempo uma das vastas poltronas que rodeavam o fogão, onde me sentei. Um dos secretários chamou o criado para me servir e Kater continuou no seu trabalho com o ar inspirado de quem «escuta vozes do outro mundo», sibilando e ciciando em holandês, com interrupções em variadíssimos idiomas, conforme a naturalidade do correspondente a quem mandava escrever, sublinhando, destacando, golpeando a frase essencial do seu pensamento.

Isto durou talvez mais de uma hora, enquanto eu sopeava a minha impaciência fumando um negro e húmido charuto de Bornéu e tomando aos pequeninos goles um grogue quente de velhíssimo Schidam.

Por fim, despedidos os secretários, voltou-se para mim e sem mudar o tom seco e autoritário que lhe era usual no trato dos seus empregados, interrogou:

- Então, que temos?...
- Uma história complicada, mas sobretudo informações.
- Comerciais?
- Eróticas...
- Conte a história e peça as informações.
- Você tem tempo?
- Para ouvir histórias dessas... decerto.
- Pois aí vai...

Este diálogo e o que se lhe seguiu não impediram o meu interlocutor de continuar a sua faina que, àquela hora, consistia principalmente em assinar, após breve inspeção do respetivo conteúdo, as inúmeras cartas, memoranda e bilhetes postais depositos mecanicamente sobre a sua secretária por uma cesta de vime, volante.

Contei-lhe resumidamente, e limpa de enfeites, a minha aventura, ajuntando:

- Agora você que conhece bem a família de Camila vai-me dizer que espécie de gente é...

- Como é que você sabe que eu a conheço?
- E sei ainda mais, sei que também teve amores com a irmã mais velha...
- Vejo que a mais nova é bisbilhoteira a valer e por isso o não felicito eu...
- Camila nada afirmou de positivo, mas eu é que inferi...
- Pois tive amores; tive e pouco felizes, embora me custassem os olhos da cara... Com vagar lhos contarei doutra vez...
- Mas enfim, explique já que classe de gente é...
- Judeus, meu amigo, gente de muita reflexão, de muito cálculo, de muita prudência e de grande prática do mundo...
- E são ricos?
- O pai ganha bastante.
- Como deixa então andar a filha sozinha e tão mal vestida?...
- Bem pode compreender que dada a facilidade com que nos reproduzimos, na nossa raça, torna-se indispensável o ser milionário para trazer os filhos, de pequeninos, vestidos com luxo e ainda por cima fazê-los acompanhar de criados graves. Ora o seu Cruteman está ainda muitíssimo longe de ser milionário... Nessas famílias as raparigas só começam a vestir decentemente quando ganham para isso ou quando têm noivo rico... Note que não é costume entre nós dotar as filhas... A propósito, que ideia faz a menina Camila da sua situação financeira?
- Não sei...
- No entanto, se o meu amigo já lhe falou na sua própria família e na vida que leva, ela terá concluído que não é pobre.
- Não, porque lhe tenho dito que sou empregado...
- Em não fazer nada...
- ... no consulado espanhol.
- Onde ninguém o conhece...
- Justo...
- Não está mal... Mas veja se mete na cabeça da sua namorada que é pobre...
- Para quê?
- Mais tarde saberá. No entanto use da máxima prudência. Sobretudo não escreva...
- Mas em suma a família é ou não decente?...
- Que pergunta, caro amigo, como se houvesse alguma família israelita indecente!

— Kater, não zombe. Estou apaixonado...

— Case-se então.

— Isso é tão demorado, tão complicado...

— É, mas Camila merece toda a casta de sacrifícios; com certeza não há em Amesterdão criatura tão linda... A irmã mais velha não lhe chegava aos calcanhares e eu fiz por ela barbaridades... Mas adeus. Venha amanhã jantar a minha casa; passaremos o serão juntos e desabafaremos... Está certo?

— Sim.

Ao apertar-me a mão, Kater olhou-me fixamente e disse, em tom quase carinhoso de que eu não o julgava suscetível:

— Não falte amanhã; é indispensável para seu interesse e para seu governo ouvir o que se deu entre mim e a irmã de Camila. Com esses Crutemans toda a cautela é pouca. Adeus.

A apreensão que estas palavras me causaram foi de pouquíssima dura: eu tinha 25 anos e estava namorado e portanto couraçado contra quaisquer suspeitas que porventura embaciassem a minha confiança na ingenuidade e boa-fé de Camila.

Quanto à respeitabilidade e riqueza da família eram pormenores que nem passageiramente me prendiam a atenção, e se falara nisso a Kater fora para dar explicação plausível à minha vista: no fundo o que eu procurava era encontrar confidente para os meus amores, alguém a quem pudesse revelar sem reserva todos os episódios da minha aventura e que escutasse complacentemente as minhas divagações líricas acerca da heroína.

Decidi aceitar o convite para o dia seguinte, mas as circunstâncias, precipitando o desfecho à novela, não me permitiram lá ir.

Quando me encontrei com Camila, à hora acostumada, achei-lhe extraordinária mudança na expressão do rosto, fazendo-me lembrar pelo afogoeado das faces e pelo brilho dos olhos o ar de deusa indignada que tomara após a cena dos patins.

Sem mais preâmbulos contou-me que a família já sabia das nossas relações e encontros, depois, declarando-se com toda a sinceridade de que uma criança é capaz, referiu as ordens terminantes do pai intimando-a a que cessasse imediatamente de me ver, pois do trato de pessoas suspeitas como eu só lhe poderiam vir sabores e vergonhas, mas ela, marejando-se-lhe os olhos de lágrimas, jurava-me que, fosse eu quem fosse, nunca me deixaria...

Muitos dias havia já que mais ou menos pela nossa imaginação perpassava a eventualidade de sairmos juntos de Amesterdão, o que se traduzia em projetos inexequíveis, pueris e deliciosos como contos de fadas. Camila nem mesmo os campos de Amesterdão conhecia; nunca transpusera a área das suas construções, mas na sua alma existia o idílico anseio não do bucolismo rústico, mas de vida faustosa levada em parques de árvores seculares, de infinitas alamedas, povoadas de estátuas brancas e jatos de água espadanada, e onde se pudessem colher flores às braçadas...

Descrevendo-lhe eu uma vez o que era a vizinha Harlém na primavera, quando as suas planícies florescem e se cobrem de infindáveis searas de junquinhos, de túlipas, de jacintos, de anémonas, formando um rescendente e variegado tapete, ela, depois de me obrigar a prometer que a havia de levar ali, ajuntava:

— E quando lá for hei de me despir toda nua e hei de rolar sobre as flores...

Nesse momento uma onda sufocante de irrefutável sensualidade enchera-me o peito e afogara-me o coração, figurando aquele corpo, que eu sentia debaixo dos vestidos mal talhados e velhos, serpentino, mimoso e firme nas deliciosas curvas da sua incompleta puberdade, movendo-se, nu, na fragrante alcatifa de flores vivas cujos cálices repuxavam por entre os seus cabelos soltos, ou se lhe prendiam nas axilas, ou se lhe enramalhavam entre as coxas...

Essa visão deslumbrante nunca mais me largara o cérebro e eu percebia que a não surgir algum imprevisito e insuperável acontecimento me seria impossível resistir por muito tempo aos impulsos dos sentidos...

Para fugir à tentação, que a mais e mais me perseguia, tratei de evitar encontros em lugares solitários e sobretudo nesses cafés holandeses que um espesso reposteiro divide ao meio, deixando nas trevas grande parte da sala onde os namorados se isolam e se osculam com a liberdade e a desfaçatez de quem realmente estivesse ao abrigo de quaisquer indiscrições.

Mas de repente o quadro que a sua imaginação compusera e que se me fixara na memória, do seu corpo estendido em leito de flores, assaltava-me os sentidos e nas ondas de sangue que o desejo agitava dentro em mim soçobrava a minha racionada castidade...

E de pouco me valia evitar também qualquer contacto de mãos que se enleiam ou de braços que se prendem; na sua presença os meus nervos ardiavam e queimavam-me a carne como fios de metal aquecidos ao rubro e

na sua ausência cada pormenor do seu corpo que a memória reproduzisse ou a imaginação figurasse ateavam igualmente labaredas de concupiscência.

Nesse dia, após as confidências e as espontâneas promessas de constância, vieram as queixas e recriminações à família, que assim a deixava andar tão pobrementemente vestida, expondo-a aos motejos das outras raparigas e, o que era ainda mil vezes mais ultrajante, às declarações e insistências amorosas de certos velhos desavergonhados que vagueiam pelas cidades em busca de pomos verdes... Duma vez, um deles levava o atrevimento até ao ponto de lhe oferecer uma nota de cem florins se ela consentisse em o acompanhar a casa...

E de repente, Camila, sem se preocupar com a eventualidade de sermos vistos, pois embora fôssemos por uma rua desviada do parque, no mais cerrado da mata de pinheiros, a cada instante encontrávamos gente, de repente, passou-me o braço à volta da cintura, apertou-me estreitamente contra o seu corpo e deitando a cabeça no meu ombro desatou a soluçar entremeando de lágrimas o final das suas confidências:

— Ah! Eu não sei como te não pejas de me acompanhar — dizia, tuteando-me pela primeira vez —, mal vestida como eu ando... Se não fosses tu, meu amigo, o que seria a minha vida... Que pena que eu tenho de não ter ido logo para ti, da primeira vez que te vi!... Olha, vou-te dizer um grande segredo: Se os meus pais me deixam andar sozinha é para ver se algum homem rico se compromete comigo e depois o obrigam a casar, como já fizeram com as minhas duas irmãs mais velhas... Parece que tu és pobre, pelo menos meus pais assim o julgam, e por isso nos querem separar... Mas a mim pouco me importa que sejas pobre ou rico e enquanto me não enxotares, como se enxota um cão, não te deixo... Vamo-nos embora... Eu quero ir-me embora contigo... Vamos, meu amigo, vamos?...

A sua face ardente colara-se à minha e as suas lágrimas desfaziame-me nos lábios com um delicioso sabor salobro que nunca mais esqueci.

— Vamos..., quando quiseres..., já... — anuí, absolutamente decidido, na mais completa embriaguez que dali em diante me alheou para tudo que se não relacionasse com o meu amor.

Como lhe fosse fácil sair de casa logo de manhã cedo, combinámos encontrarmo-nos, no dia seguinte, num café vizinho da Gare Central, e seguir para Dordrecht no primeiro expresso de Berlim que larga às 7 <sup>3</sup>/<sub>4</sub>; naquela estação do ano a essa hora ainda era noite, o que nos permitiria embarcar sem dar nas vistas...



Selámos o nosso contrato de união eterna com mil longos beijos que nos transmutavam as vidas; pela primeira vez as minhas mãos procuraram os seios e deles se apropriaram com voluptuosa sofreguidão: como eram duros e agudos!... Separámo-nos a muito custo e pela obrigação urgente de nos prepararmos para a partida, o que da minha parte exigia cuidados especiais e diligências indispensáveis e demoradas.

Antes, porém, de a levar a Nieuwe Markt, entrámos no grande bazar de Sofia Plein e comprámos o indispensável para tornar decente o seu vestuário; tudo foi depois remetido ao meu hotel, assentando nós que no dia seguinte eu levaria no braço um casaco escuro forrado de peles cinzentas, escolhido por ela — e que a cobriria até aos pés, dando-lhe o aspeto ideado pelas divindades do Norte —, o qual, no café onde nos encontraríamos, ela vestiria e assim poderíamos sem escândalo viajar em primeira classe e procurar um hotel elegante de Dordrecht.

Dei as voltas necessárias para arranjar uma certa soma de dinheiro, avisei da minha próxima partida para Anvers as poucas pessoas a quem por obrigação restrita o devia comunicar, e feitas as malas enviei para Anvers, onde tinha domicílio certo, a bagagem grossa, ordenando que me expedissem para o Hotel de França, em Dordrecht, qualquer correspondência que me fosse endereçada, mas proibindo terminantemente que revelassem a alguém o meu paradeiro.

Mal me chegou o tempo para todas estas diligências, de modo que me foi impossível ir jantar a casa de Kater; tão-pouco me pareceu prudente pô-lo ao corrente da situação e assim resolvi partir sem lhe dizer palavra.

Camila já me esperava, à porta do café, transida de frio, quando eu lá cheguei na manhã seguinte. Pensando na dificuldade de se desembaraçar do casaco velho, viera em corpo e não se atrevera a entrar no café.

Lancei-lhe o casaco de peles sobre os ombros e pus-lhe na cabeça um boné de astracã preto, que ela também escolhera na véspera, enquanto a beijava, tentando aquecer-lhe com os lábios as faces e as mãos quase geladas...

Como estivesse nevando e embora esta operação fosse rápida, o casaco e o boné cobriram-se-lhe de flocos brancos, e quando, aberta a porta do café, a luz a envolveu, eu tive a visão de acompanhar um ser ideal, a encarnação de alguma deusa da mitologia escandinava, tão soberana e peregrinamente bela me apareceu; de resto a impressão produzida nos poucos frequentadores que àquela hora se encontravam no café certamente

se assemelhou à minha, tão completa se lhes manifestou nos rostos a expressão de admirativo assombro.

De aí a nada achávamo-nos instalados num compartimento do comboio onde ninguém mais ia e eu substituía-lhe as botas velhas por outras compradas na véspera, atirando as primeiras pela janela com mil preocupações, comicamente exageradas, que lhe trouxeram aos lábios o seu habitual riso de criança, e depois lhe desanuviaram o rosto.

Camila dividira o farto cabelo em duas tranças que enrolara na cabeça; até ali eu vira-a sempre de cabelo solto e o novo penteado transformara-a: parecia ter 20 anos.

As linhas simples do boné concorriam para dar à sua fisionomia uma expressão também nova para mim, de serenidade absoluta: compreendi que a minha companheira deixara de ser a criança gentil e descuidada da minha primitiva adoração para se tornar na mulher feita, refletida e decidida a seguir o meu destino, que se me entregava incondicionalmente...

Quando pensáramos na cidade que nos devia servir para o primeiro poiso, acudira-me à lembrança Dordrecht, sem eu bem saber porquê; considerando porém no caso, durante a noite, resolvi insistir na primeira determinação: o Hotel de França, onde eu estivera já, parecia-me, pela sua tranquilidade e bom serviço, excelente para nos acoitar e como a cidade só era frequentada no verão e àquele hotel não concorriam caixeiros viajantes, de antemão dava por certo que o iria encontrar sem hóspedes. E quem imaginaria que, raptando uma donzela, eu teria o desplante de permanecer na Holanda? Depois Dordrecht é a cidade típica holandesa, silenciosa e plácida, na margem dum rio caudaloso, teatro das mesmas cenas marítimas que nos transmitiram os pincéis de um Cuyp ou de um Salomão Ruysdael, e há ali um exemplar admirável de catedral gótica cujo coro é maravilhoso pelo paganismo das suas esculturas da Renascença, de modo que teríamos para nos acolher o isolamento das grandes naves ogivais e para diversão no anseio místico, indispensável às almas que se prendem, o exame das figurinhas harmoniosas e truculentas que enxa-meiam o setial...

Chegámos a Dordrecht às 9 horas; a nevada cessara mas substituíra-a um nevoeiro denso, palpável e gelado, que afugentava da rua quaisquer transeuntes ociosos.

No Hotel de França o porteiro vendo um casal novo com pouca bagagem e conformando-se às pudibundas práticas do país, antes de nos

franquear a entrada ao estabelecimento introduziu-nos numa pequena antecâmara para ali sermos interrogados pela gerente, que pouco tardou.

Era uma criatura ossuda, fria, suspicaz, vestida de cinzento, à moda das enfermeiras inglesas, que nos fixou com desconfiança mas a quem facilmente inculquei o necessário respeito pedindo-lhe o melhor aposento do hotel que tivesse fogão para fogo de lenha.

— Tanto minha mulher, como eu — expliquei — detestamos o fogo de carvão...

— Com efeito — acudiu logo a gerente — o fogo de lenha é muito mais aristocrático, pena é que seja tão caro...

E após rápida inspeção ao vestuário e ao rosto de Camila que na sua peçca estava realmente elegante e aparentava idade superior à que tinha, a gerente — por cujo olhar, no entanto, perpassava uma chama de cólera recalcada que um desdenhoso estender de lábios sublinhava, como que a exprimir este pensamento: tão nova, tão linda e... honesta; não pode ser... — foi-nos mostrar os quartos disponíveis, a bem dizer todos quantos havia no então deserto hotel, e nós escolhemos aquele onde encontrámos o mais vasto fogão, como se fosse intenção nossa passar em Dordrecht os dias a meter achas no fogão.

— Que mau tempo que faz! — Advertiu a gerente enquanto a criada acendia o fogão na alcova e no salão de que se compunha o aposento. — Não sei como há quem se atreva a andar na rua...

— Também nós, se o tempo não melhorar, não temos tenção de sair... — obtemperei sem demora, aproveitando aquela reflexão meteorológica para estabelecer que nos deviam trazer grande provisão de lenha e servir-nos todas as refeições no quarto.

Pedimos que nos preparassem o almoço e daí a uma hora estávamos à mesa junto ao fogão onde a lenha crepitava alegremente. Camila substituíra o vestido velho pelo que escolhera no bazar e era de cor neutra e corte singelo, sem enfeites, próprio para viagem, moldando-lhe exatamente as harmoniosas formas de adolescente, e movia-se, dava ordens, lembrava alvitres para tomar mais cómoda a nossa instalação, com a elegância, a naturalidade, o engenho de uma consumada dona de casa afeita a fruir os mais requintados regalos de riqueza e de luxo. E enquanto nos serviam o almoço, nada traiu nos seus gestos ou nas suas palavras a criança quase selvagem, loucamente impulsiva e fantasticamente caprichosa que ela na realidade era.

Mas levantada a mesa, despedido o criado e, após a verificação minuciosa de que nada nos faltaria, corrido o ferrolho, Camila fixou-me um instante e de repente saltou-me ao pescoço, fechando os braços, dependurada ficou, infantil, risonha e traquina, cobrindo-me a cara de beijos...

Peguei nela ao colo, levei-a para a alcova e sentei-a numa vastíssima poltrona de veludo verde-escuro, ao lado do fogão, de cuja lareira, cheia do brasido de lenha, subiam grandes chamas que alumiaavam o aposento ao rés do chão, formando uma zona ardente onde estava a poltrona, e deixando-lhe a parte superior em completa obscuridade...

Ajoelhei e comecei lentamente a despi-la...

Não há palavras que descrevam as maravilhas do seu corpo, a sua carne rosada e firme desmaiando, nas curvas, no tom mate de açucena; os pés de estátua grega; o ventre polido e retraído, nascendo das coxas roliças como um escudo de prata fosca e partindo-se, no remate, para inflar nos dois agudos pomos a que as vacilantes chamas do fogão davam reflexos iriados; e os longos braços a um tempo frágeis e marmóreos!...

Os meus lábios cobriam sofregamente a carne que aparecia enquanto as mãos teciam em volta do seu corpo uma apertadíssima rede de carícias...

Ela tudo aceitava, como se fosse o devido preito à sua beleza peregrina e quando lhe soltei o cabelo ergueu-se para que eu a pudesse adorar na plenitude da sua formosura...

Sem dizer palavra tomei o casaco que ela pusera sobre um próximo sofá voltado com a peliça para fora, estendi-o junto ao fogão; depois dei-tei-a nas peles e naquela atmosfera candente, sentindo quase as labaredas lamberem-me a carne, penetrei-a demoradamente, num tal espasmo de gozo que ainda hoje o recorde com um característico e inconfundível estrangulamento do esófago e uma fulguração dolorosa nas entranhas!

Nesse dia não saímos do quarto: o nosso contínuo chalarar entremeava-se de carícias. Construíamos o futuro da nossa vida sem alusão alguma ao passado; não creio que jamais dois seres humanos fruissem horas de enlevo superior ao nosso, horas assim que resgatam as torturas de muitos anos de sofrimento e miséria...

Camila confessou que tivera de antemão como certo que eu a despisse e todo o seu cuidado na véspera, já que não podia vestir-se com elegância, fora preparar o corpo com a pulcritude necessária, purificando-o para o delicioso sacrifício. Para isso levava horas no banho...

Ao dia seguinte recebi um bilhete de Kater, já recambiado de Anvers, pouco mais ou menos assim: «Esperámos ontem baldadamente o meu amigo para jantar e hoje a minha surpresa foi grande quando no hotel me disseram que tinha abalado repentinamente. O que foi? Já lhe não mereço confiança bastante para me interessar nas suas aventuras?»

Esse Kater, com os seus manejos envolventes, sempre me parecera um personagem dúbio a quem inquestionavelmente seria perigoso confiar segredos industriais ou sentimentais; mas eu devia-lhe serviços valiosos, provas indiscutíveis de simpatia e até auxílio desinteressado em lances de muito aperto.

Demais era uma criatura que mau grado a sua açambarcadora febre comercial mostrava lampejos estéticos. «Eu dava tudo para ter pintado os *Noivos Judeus* de Rembrandt» — declarava-me ele uma tarde em que nós, na praia de Scheveningen, sugestionados pela doçura nacarada e translúcida da atmosfera, relebrávamos as obras-primas dos incomparáveis coloristas holandeses, a quem o tom de pérola serve de luz e os liga a todos em próximo grau de parentesco artístico. Com tal sinceridade e tão espontaneamente lhe escapara esse grito de alma que, a meus olhos, rasgara na sua inteligência uma profunda e vasta clareira de poesia...

Verdade seja que o aludido quadro, duma tão penetrante subjetividade na sua aureolada execução, poderia prestar-se a pretensões de proselitismo religioso, visto como os protagonistas pertencem à seita israelita, e impressionar especialmente por esse lado o espírito do espectador correligionário, mas no meu conceito o grito fora ingénuo e irreprimível, desabafo por onde definitivamente eu entrevira o traficante prezando acima do lucro material a glória imarcescível de produzir uma obra de arte empolgante e emotiva.

Quando eu saíra de Amesterdão também pensara naqueles mesmos *Noivos Judeus* que me haviam acudido à lembrança não para ilustração estética do lance aventuroso, mas para tornar apreensivas algumas das suas futuras e inevitáveis passagens. Na pintura, que deslumbra a vista pela sua intensidade luminosa, os dois melancólicos personagens retratados exibem trajos de gala duma tão faustosa ornamentação que lembram o vestuário das madonas espanholas ou italianas, coisas seculares, expostas à poeira e dela entranhadas, sempre dum asseio duvidoso; com a má fama que pesa sobre a raça israelita, no capítulo higiene, era-me impossível figurar aquele amoroso casal liberto das suas

pomposas vestes e restituído à ingenuidade da nudez paradisíaca sem constatar que a sua carne clamava por banhos... Obsessão trasladada para o meu caso!...

A surpresa de encontrar a minha Camila igualmente venusta, nítida e pura, levou-me à plenitude da exultação e ligando este ensartado de sensações disparatadas ao conceito de Kater sobre o quadro de Rembrandt acudiam-me rebates pueris de gratidão aos dois, negociante e artista, avigorando-me a confiança no primeiro.

E como seja também indispensável à mocidade cantar e contar as suas alegrias, sobretudo se elas são de origem amorosa, eu sem mais hesitações nem reflexões respondi ao bilhete de Kater dando-lhe conta da minha situação e revelando-lhe o meu atual paradeiro...

O idílio seguiu o seu curso, no mesmo grau inebriante de intensidade voluptuosa com que o havíamos iniciado. Sobreveio uma tormenta de neve, tornando as ruas intransitáveis e fornecendo-nos pretexto plausível para não abandonarmos o nosso aposento donde saímos apenas duas ou três vezes para comprar flores que eram o enlevo de Camila e a minha ruína, tão leoninamente caras se vendiam naquela época em Dordrecht... A compra das flores deu mesmo azo a que a minha amante soltasse uma das mais encantadoras frases que me acariciaram a alma.

Camila, ao invés da gente da sua raça, dir-se-ia que não dava importância alguma ao dinheiro, cujo valor parecia ignorar absolutamente, mas na loja da florista, em uma das ocasiões em que ali fomos e a encontramos maravilhosamente fornecida, feita a escolha — a que procedia com delicadíssimo instinto de beleza, juntando em fartos molhos, de um variegado prodigioso, os junquinhos e as anémonas das estufas holandesas, com os cravos e as rosas de Nice que custavam mais de um florim cada um, vendo-me tirar da carteira várias notas para pagar a conta, fixou-me espantada, perguntando:

— E para que é tanto dinheiro?

— Para pagar as flores, filha...

— O quê, esta mancheiinha de flores?... Não, não quero... — E fez o gesto de as atirar sobre o mostrador, mas com os olhos já tão cheios de lágrimas, tal uma criança a quem roubassem o seu brinquedo preferido, que eu acudi, sem demora:

— Camila, não sejas doida... Que te importa a ti o dinheiro que as flores custam se elas te causam um tão grande prazer?...

E ela retomando o molho das flores, que apertou de encontro ao peito, puxou-me para si e murmurou-me ao ouvido:

— Meu querido amiguinho, perdoa-me; nunca me lembro que tu és pobre...

Ao sexto dia à noite, quando nos sentávamos à mesa para jantar, trouxeram-me um telegrama de Amesterdão, sem assinatura, mas evidentemente obra de Kater, visto ninguém mais ali saber o meu endereço, nos misteriosos termos seguintes: «Se lhe aparecer tomador à sua Vénus oriental largue-a sem resistência; em todos os casos jure que não dispõe de meios bastantes a permitirem-lhe o luxo de possuir obras de arte de tamanho valor.»

A redação ambígua deste aviso, cujo sentido exato me foi impossível discriminar, embora percebesse a sua de resto muito clara referência a Camila, irritou-me e desde logo amaldiçoei a leviandade com que me abrira ao Kater e o escolhera para meu confidente.

Fiquei preocupado por um indefinido mas persistente pressentimento de desgraça próxima, nuvem negra a despontar no horizonte e ensombrando já todo o céu da minha felicidade.

Camila, a quem não escapou a mal disfarçada contrariedade, insistiu pela sua explicação e eu dei-lha cabal, relatando quanto se passara com Kater desde o dia em que o procurara no escritório.

— Foi grande imprudência — advertiu ela — teres-lhe revelado onde estávamos... Esse Kater é uma criatura perigosa de quem meus pais, como lhes ouvi dizer mais uma vez, temem não sei que inevitável revindicta... Irá ele denunciar-nos? É quase certo e o melhor será sairmos de Dordrecht amanhã cedo.

Aceitei o alvitre, decidi seguir ao dia seguinte para Bruxelas onde me seria fácil pôr Camila a bom recato, ficando eu em Anvers — e portanto, graças à proximidade das duas cidades, nas condições de passar as noites em sua companhia, durante o mês ou mês e meio que julgava o suficiente para a completa liquidação dos negócios que exigiam a minha presença no Norte da Europa.

Tomada esta resolução, e como ela bastasse a livrar-nos de qualquer aperto, jantámos com a alegria e o apetite próprios de quem está na pujança da vida e em quarto crescente da lua-de-mel.

Eu mandara pôr a mesa na alcova cujo fogão além de elegante era vastíssimo, permitindo queimar grandes porções de lenha e conservar o antro ateadado em labaredas.

Estávamos à sobremesa, entretidos a comer gengibre de conserva; Camila escolhia na compoteira as talhadas mais curtas dos apimentados frutos, metendo-mas na boca para vir com os dentes partir a parte que lhe pertencia, quando bateram à porta da antecâmara.

— Entre, quem é — acudi prontamente, supondo que fosse algum criado.

Ato contínuo a porta abriu-se e a voz grossa de um desconhecido soou, gritando em tom áspero:

— Camila, Camila, onde estás?...

— Meu pai! — exclamou Camila, empalidecendo horrorosamente e caindo sobre uma poltrona com o rosto escondido nas mãos.

Logo entraram à alcova três indivíduos: o pai de Camila, arganaz de perfil duríssimo, suíças negras, levemente estrábico; um rapaz bem posto, hercúleo, risonho e imberbe, que, por ser a variante, em loiro, das feições de Camila, fácil me foi adivinhá-lo seu irmão; e um personagem volumoso, linfático e sibilante, tresandando a polícia... respeitável.

O Sr. Cruteman, fingindo que me não via, dirigiu-se à cadeira onde a filha permanecia na mesma atitude de prostração e soltando-lhe com violência o rosto das mãos começou a falar-lhe em holandês, desabridamente.

No entanto o irmão entabulava comigo, em francês achavascado, uma conversa fútil e variada, a respeito das diversões que a Holanda oferecia no inverno à sociedade elegante, como se estivéssemos ao «chá das cinco», e o representante da autoridade, acomodando-se no sofá, em pose de retrato oficial, as mãos estendidas e cruzadas no castão da bengala, circunvagava pelo aposento o olhar morredição coado pelas polpudas pálpebras mal cerradas...

O meu muito imperfeito conhecimento da língua holandesa impedia-me de decifrar exatamente a irritada diatribe que a meu respeito o Sr. Cruteman impingia à filha, catilinária de baldados efeitos depressa mudada em veemente exortação...

Mas não havia razões que convencessem a minha namorada nem ameaças que a demovessem do seu propósito; ela persistia na sua imobilidade passiva, sem levantar os olhos do chão, até que, erguendo-se impetuosamente espicaçada por uma longa e derradeira frase proferida em tom desprezível e sublinhada raivosamente, cravou em mim aquele mesmo olhar fulgurante da cena dos patins e gritou em francês:

— O meu dever é seguir o meu amante se ele quiser casar comigo. — Mas decerto, casarei... E quem é que o duvida?... — protestei com arrebatamento.



A tão perentória declaração correspondeu o Sr. Cruteman, empertigando-se desdenhoso e falando destarte em excelente francês correntio:

— Dispensio, em absoluto, a glória de semelhante aliança: (*irónico*) tenho-o na conta de um cavalheiro perfeito, que soube respeitar a honra da minha filha, mas, repito (*secamente*) não consentirei nunca em dar-lhe a minha filha, embora a leviandade e a imprudência com que ela se lhe confiou merecesse exemplar castigo e outro melhor não seria fácil encontrar do que entregar-lha... (*malicioso*) Meu caro senhor: aqui, na nossa pequenina Holanda, quando pretendemos casar começamos por garantir às nossas noivas os indispensáveis meios de subsistência.

— Mas eu... — atalhei para protestar que, embora filho família, me encontrava em situação de manter a mulher e a prole por mais numerosa que fosse. O Sr. Cruteman, porém, sem me dar tempo a coisa alguma concluiu desabridamente:

— O Sr. Mullen — indicava o homem linfático — tem ordem de o prender tão depressa eu o requisiar. Minha filha vai comigo para casa e espero que o senhor não terá a audácia de a seguir a Amesterdão, aliás usarei dos meios que a lei holandesa faculta aos pais de família para resguardar as filhas da cobiça dos sedutores sem escrúpulos e sem cheta.

— O senhor insulta-me e aviso-o de que o não faz impunemente... — clamei eu, crescendo para ele, mas já o filho punha a peliça nos ombros de Camila e tomando-a pela cinta a ia arrastando direito à porta. Vendo que ela não oferecia a resistência esperada em lance de tão doloroso constrangimento, a minha pundonorosa exaltação desfez-se dando apenas lugar ao amargurado pressentimento de que a minha amante me abandonava.

— Camila! — gritei desesperado — pois tu consentes que assim nos separem!...

Corri para ela de braços estendidos, no auge do frenesi, disposto a arrancá-la à força das mãos do irmão, mas o homem linfático, mais lesto do que seria possível imaginar-se, interpondo-se; prendeu-me com prodigioso vigor de encontro ao peito e num francês absurdo embora compreensível, que a sua voz de falsete tornava grotesco, articulou placidamente a fala incumbida ao seu papel de comédia, enquanto os Crutemans desapareciam:

— Peço-lhe encarecidamente que me não obrigue a empregar violências tão contrárias e que tanto repugnam ao espírito liberal da pátria holandesa.

Tive-o de guarda, silencioso mas vigilante, pelo espaço de uma hora contada no relógio, finda a qual se despediu cortesmente recomendando-me que saísse da Holanda sem demora, pois a mais elementar prudência assim o aconselhava, para escapar a qualquer «investida cúpida do ignóbil Cruteman» — foi textualmente a sua frase.

Durante essa hora de agudo e desvairado sofrimento, no tumultuar de sensações que me encandeavam o cérebro, entre as quais o súbito despego de Camila fulgurava, envolvendo-me o coração de línguas de fogo, sem que eu pudesse achar-lhe explicação plausível, arquitetou-se-me no espírito, quase inconscientemente, mas lógico e decisivo, o mais formidável requisito contra o Kater, a quem atribuía todas as culpas, e sobre essa impressão escrevi-lhe uma carta onde os ultrajes pululavam e feriam como se fossem vibrados na ponta de um chicote...

Um quase nada aliviado pela aparente descarga de bílis represada, entrou comigo, a apolear-me cruelmente, a irresistível tentação de voltar sem demora a Amesterdão, que mais não fosse para me aproximar de Camila, percorrer as ruas por onde havíamos passado juntos, contemplar a janela do seu quarto, apalpar as paredes da sua casa... Consultei o horário: tinha expresso daí a dez minutos e a estação era próxima. Parti.

O que foi a angústia do trajeto, a ânsia de chegar, o desespero dos infinitos minutos contados um por um, de faces coladas à vidraça gelada, perscrutando na negra noite o lençol de neve que tudo cobria!... Depois a agonia dos derradeiros mas infindáveis instantes, à chegada a Amesterdão, na corrida febril do comboio, silvando estridulamente, lançado a todo o vapor sobre pontes que pareciam submergidas, ou através de cerradas matas de mastros de navios ou rompendo a massa imponente da aglomeração de edifícios, as pinhas de casario, enormes, com a fachada inteiramente iluminada pelo xadrez das suas inúmeras janelas, e logo soltando-se numa inesperada superfície de gelo, mas sem parar nunca, sem nunca chegar ao almejado destino, até à súbita investida na colossal e deslumbrante redoma de cristal da gare envidraçada, retumbante de clamores exagerados e por fim o salto para o cais, salto de louco com o comboio ainda em movimento, e a fuga cega direito aos sumidouros da saída, e os braços do homem linfático abertos na minha frente para me colherem num amplexo férreo, e a sua voz descolorida a segredar-me: — Já o esperava... Virtualmente está preso mas consentirei que volte a Dordrecht no próximo comboio, aquele que ali está e vai

partir; se me prometer sob a sua palavra de honra que amanhã regressa a Anvers e não torna este ano à Holanda.

Prometi e segui para Anvers.

Ao dia seguinte, em vez dos padrinhos de Kater cuja visita me parecia consequência inevitável à minha carta, recebi dele o seguinte bilhete:

«Criança que tão mal corresponde ao mais assinalado serviço de quantos a sua gratidão jamais poderá conhecer!... Aí vou proximamente e então nos explicaremos.»

O meu pensamento, na obsessão de resolver o crudelíssimo enigma que a completa metamorfose de Camila representava, perdia-se em labirinto de conjecturas a mais e mais intrincado. Eu levava horas a escrever-lhe cartas apaixonadas, suplicantes, ameaçadoras, que ao fim de oito dias me foram devolvidas, emaçadas nos seus sobrescritos intactos, e apostiladas pelo próprio punho da minha amante com estes dizeres: «Devemos obediência a nossos pais e os meus proibem-me de continuar as relações que tão levanamente encetámos. Esqueça-me como eu julgo que também já o esqueci.»

Nestas linhas, para maior confusão minha, havia borrões que podiam ser de lágrimas!

No entanto a irritação contra o Kater decrescera à reflexão de que, se fosse verdadeiro o amor de Camila, nenhuma razão a impediriam de me comunicar os motivos pelos quais

o pai recusava consentir na nossa união e pouco a pouco era ela quem as minhas recriminações carregavam de maiores culpas. Lembrava-me a sua ingénua confiança, os seus raptos de amorosa incitação, os breves dias de Dordrecht que renasciam na deleitosa miragem do seu corpo, e tudo concorria para me exacerbar a amargura...

Até os termos ridículos da minha carta ao Kater me exasperavam, sobretudo ao confronto da sua réplica pouco menos de carinhosa.

Sem embargo acolhi-o de má sombra quando passadas três semanas ele me apareceu em casa risonho, expansivo e cordial como nunca o vira.

— Não se penitencie nem perca tempo em busca de inúteis desculpas — começou sem mais preâmbulos —, eu sei o que são desesperos amorosos, na mocidade, e calculo o grau de sofrimento que lhe causará a perda de uma formosura tal como a inigualável Camila... Almoçaremos no restaurante Bertrand de cujos petiscos venho faminto. Nós na Holanda não sabemos o que é comer e ainda menos o que seja beber: precisamos

de vir à Bélgica para nos desenfastiarmos... Trago na lembrança um menu com petiscos tais como Trimalcão algum, civilizado, jamais se repimpou...

Fomos. A refeição correu desanimada, senão triste; nem o Kater sentia o apetite que apregoara, nem eu conseguia constranger-me até ao ponto de sorrir. Serviram-nos peixe com vinho do Reno da célebre marca «Leite da mulher amada» de uma preciosíssima colheita; era casualmente o mesmo que eu tomava em Dordrecht na companhia de Camila, e este, conquanto fosse bem inferior na qualidade àquele que o Kater me oferecia, deixara-me na vista e no paladar uma inextinguível e incomparável impressão de flavor perfumado.

À sobremesa o Kater encetou o tema das explicações:

— Meu pobre amigo... e chamo-lhe «pobre» porque o vejo assim amargurado, quando «feliz» seria o adjetivo mais próprio: meu pobre amigo, que abençoada estrela a sua para o conduzir ao meu escritório em ocasião tão propícia: se eu ignorasse os pormenores da sua aventura, hoje, o meu amigo ou estaria jazendo na húmida palha de um cárcere holandês ou seria o genro de um dos mais completos bandidos que pisam as ruas de Amesterdão. E olhe que ali os há de primeiríssima água. Mas se fosse genro apenas... Seria ainda devedor de soma importante ao mesmo malandrim que o sujeitaria de pés e mãos e de forma a não lhe permitir nunca mais qualquer veleidade de independência... Saiba que o Sr. Cruteman teve logo de começo conhecimento das suas relações com a filha e porque o via elegantemente vestido, alojado em hotel caro e na convivência de gente rica, supô-lo rico também e determinou apanhá-lo para genro. Longe de contrariar a filha deu-lhe ampla liberdade e esperou serenamente os acontecimentos. Ao que parece ainda tentou industrializar a menina para com maior segurança alcançar o seu fito, mas Camila amava-o e no instintivo receio de o prejudicar se baldaram as lições do pai. Dois dias antes da sua fuga ele veio estar comigo na Bolsa e perguntou-me se eu o conhecia. — É para fazer negócio? — inquiri, farejando alguma tramoia. — Não, respondeu, julgo que pretende uma das minhas filhas... — Aqui ainda a sua boa estrela interveio na resposta que maliciosamente lhe dei: — Acautele-se; parece-me que a família é pobre e ele não tem modo certo de vida. Se quiser posso informar-me:

— Nisso me obsequiaria particularissimamente.

Ficámos em que eu telegrafaria ao meu correspondente de Lisboa pedindo prontas informações, e ele, naturalmente de orelha caída, foi de

ali para casa proibir a filha de o ver até nova ordem. Nunca pensei em pedir tais informações e estava nisso quando recebi a sua visita no meu escritório. Devo adverti-lo de que me sentia um tanto ou quanto magoado julgando a sua reserva propositada, mas naquele dia convenci-me de que ela provinha somente da falta de oportunidade asada a confidências, e resolvi passar a noite seguinte na sua companhia para repousadamente concertarmos algum plano de defesa eficaz... Mas o meu amigo desapareceu e sem demora o pai de Camila me veio comunicar que desaparecera também a filha. Observei: — Fugiram os dois, juntos?... — Calculo que sim. — Pois, Sr. Cruteman, ruim negócio esse!... — Já recebeu as informações? — Ainda não, mas tudo me leva desde já a presumir que serão péssimas... — Quando julga recebê-las?... — Depois de amanhã, talvez... — E sabe onde eles param? — Nem sei, nem suspeito. — Recorrerei à polícia que facilmente os descobrirá e recebidas que sejam as informações procederei... — Prometi transmitir-lhe as notícias esperadas de Lisboa, tão depressa as tivesse, e medindo o tremendo precipício de miséria e vergonha a que a mão daquele facínora o podia atirar, não hesitei, meu amigo, em servir-me de um expediente talvez indigno mas em todos os casos salvador: telegrafei em cifra ao meu correspondente pedindo-lhe que, pela mesma via, me desse aviso da falência de seu pai calculando um passivo importante e o ativo nulo...

Aqui, ao meu gesto impulsivo de irado protesto, acudiu Kater:

— Não me interrompa: seu pai é um proprietário opulento, de crédito inabalável no seu país e que nada teria a perder malquistado na Holanda pela tuba infamada de um Cruteman... Seu pai seria o primeiro a agradecer-me. Mas adiante. Recebido o telegrama de Lisboa, chamei o Cruteman ao meu escritório e aterrorizei-o com a perspectiva da desonra *improdutiva* da filha... Dos mais íntimos recessos da alma do vilão saiu este irreprimível grito atroz: — E eu na apertada situação financeira em que atualmente me acho, que tanto contava com ela, a mais linda de todas as minhas filhas!... — Sob a promessa de que o não perseguiria judicialmente revelei-lhe o seu endereço e arranjei-lhe o empregado da polícia que o acompanhou e a quem deram, superiormente, instruções especiais para o deixar fugir caso a situação se complicasse até ao extremo de o Cruteman exigir a sua prisão. Porque, devo confessar-lhe, temi da sua ingenuidade, e mais, da sua vaidade meridional, algum lance que baldasse o meu plano...

— Como podia ser isso?

— Ora! Bastava que o meu amigo, em vez de perder tempo em falar ao coração de Camila, gritasse perentoriamente ao pai: — A minha família é rica e eu tenho dinheiro bastante para sustentar a sua filha e a Você se necessário for; se o não acredita dê-me oito dias de espera e eu lho provarei... — Mas o meu amigo estava enamorado e afortunadamente só cuidava de galvanizar o coração da sua amada, que o peçonhento sopro do progenitor envenenara, dissecara e conspurcara. Para a sua amada tornou-se evidente o logro em que caíra desde que o amigo deixou passar sem protesto a acusação de pobreza... O epílogo da farsa forneceu-o, tão característico ou mais do que seria lícito desejar, o seu sogro de mão esquerda, apresentando-me a conta dos gastos feitos na ida a Dordrecht pela importância de 168 florins — e aqui tem o recibo — quando o máximo que despenderia seriam 30 florins. Agora consulte a consciência e diga se lhe prestei ou não serviço arrancando-o das garras daquela gente...

— Mas Camila...

— Sabe quanto me custou a mim a irmã mais velha, que o próprio pai me lançou nos braços?... Muito mais de cem mil florins que foram como manteiga em focinho de cão, pois o tal Cruteman joga na Bolsa e perdeu-os sem demora...

— Mas Camila... Nunca me será possível esquecê-la...

— Não seja piegas... — rematou autoritariamente o Kater.

Nesse ano não voltei à Holanda e no ano seguinte, das várias vezes que fui a Amesterdão, nenhuma notícia colhi a respeito de Camila... Só três anos depois é que a vi, e pela derradeira vez, ao canto do Rokin, mesmo em frente ao edifício da «Arti et Amicitiae».

Instintivamente os nossos olhos encontraram-se e prenderam-se numa devoradora chama de sensualidade; o seu rosto empalideceu e fez-se cor da cal das paredes — dos países onde elas se caíam.

Mas tão elegante, luxuosa e primorosamente vestida me apareceu, que somente a reconheci quando ela ia longe, confundida na multidão de Kalverstraat. Acompanhava-a outra senhora que devia ser sua irmã.

Ainda pensei em segui-la: mas para quê? Além de tudo o mais eu andava então absorvido por outros amores...



## A CIGANA

### CARTA A ANTÓNIO PATRÍCIO

*Hammamet, dezembro de 1930.*

Meu caro amigo:

Com aquela mesma mulher cuja presença, anos depois de nos separarmos para sempre, adivinhei, «senti», num recinto imerso em profundas trevas e cheio de gente; e logo, porque fugi para a não ver, me sugeriu a explicação do mito de Orfeu e Eurídice; com essa mesma mulher, durante os nossos longos e atormentados amores, deu-se um caso de telepatia tão raro, que merece realmente ser arquivado.

Eu jurei a mim mesmo que jamais contaria a alguém os episódios dessa paixão, e tenho cumprido o juramento na sua parte mais íntima e essencial; mas não resisto a lembrar certas passagens de menor importância, e escrevendo-as experimento um intenso e amargo deleite. É curioso que seja eu próprio que me constranjo a voltar a um assunto, no qual bem sei que não posso bulir sem que se me espedacem raízes do coração!

E no caso presente ainda tenho de arcar (ridículo detalhe) com as dificuldades da linguagem, que deverá ser escarolada de todos os ouropéis, para o efeito almejado. Árdua empresa. Reportando-me ao tempo em que se passou o estranho caso, ainda respiro a sua atmosfera literária, que



alimentava os «ansiosos poetas do sonho errante»... E foi em Córdova que ele se deu: Córdova nostálgica, das violas, do nardo, dos jacintos...; Córdova dolente, das mulheres fatais, que disparam olhares acesos em luxúria para quem se lhes cruza no caminho; e onde é ainda mais selvagem, excitante, afrodisíaco, o tripúdio das bailarinas andaluzas...; Córdova oriental, da torre de «mala muerte», e do «infinito» palmar estilizado em pedra que a mesquita «encerra»...

Que irresistível tesouro de ornamentação e digressões!

Porém recordo que tão embebido andava então no meu amor, que dessa vez nem à mesquita fui.

Isso me valerá para narrar o caso nu e cru, o qual podemos intitular *A Cigana* e encabeçá-lo com as sagradas palavras de um bispo, a *Águia de Meaux*, o sublime Bossuet:

«Dans le transport de l'amour humain, qui ne sait qu'on se mange, qu'on se dévore, qu'on voudrait s'incorporer en toutes manières et, comme disait ce poète, enlever jusqu'avec les dents ce qu'on aime pour le posséder, pour s'en nourrir, pour s'y unir, pour en vivre?»

Sinto que os meus amores atravessam uma crise agudíssima. Durante as nossas entrevistas noturnas os silêncios da minha noiva apavoram-me. E se os corta é para chamar pela sua aia, a fiel Gertrudes, que no quarto próximo está de vela, para dar o alarme ao menor prenúncio de perigo. Pede-lhe água, flores, um lenço, as pastilhas, mil lembranças que servem só para interromper o gozo de um ou outro raro momento, em que ela parece querer realmente interessar-se pela minha presença. Mas o pior é que se aproxima a feira de Córdova, a que indubitavelmente não faltará, e ainda não falou em tal, nem me perguntou se eu também ia. Começo a suspeitar que ela me não quer ver lá. E faltam apenas dois dias. Os meus amigos, a fina flor da estúrdia sevilhana, já troçam da minha indecisão. Eles são inúmeros, e com os parentes e amigos que têm em Córdova arranjaram um maravilhoso programa de festas, no qual entra o aluguel de um «tendido» completo da praça de touros, para assistir às três «corridas», com o Guerrita, o Espartero e o Largatijo por «matadores». Não me decido, o que irrita soberanamente o meu confidente, Pepe Cuadrado, o dândi, o cínico, o «calavera», que julga possuir por transmigração a alma de D. Juan Tenório.

— Esa mujer — observa ele — no pasa de una vulgar criminal. Goza con tus sufrimientos. Pero como te ha cogido, santísima Virgen! Ya no eres hombre, ya no eres nadie... Ah! fuera conmigo que castigo le dava! Porque no coges tu la Rosarito, que te adora, y no la llevas a Cordoba? Hoy no hay muchacha en todo el Borrero, y en toda Sevilla, y en toda Andalucía, mas guapa que ella. Que suceso, amigo. Luego verias la tuya pimbecha mas dulce que un corderito... que vendria lamerte los piés...

— Calla, burro, no blasfemes — atalhava eu, quase sem poder reprimir as lágrimas.

Mas nessa noite a minha noiva, no tom mais natural do mundo, ao despedir-se, pergunta-me:

— Tu também vais à feira de Córdoba, não é verdade?

— Se tu fores...

— Então eu deixava de lá ir por coisa alguma...

Com uma alma nova corri em busca de Pepe Cuadrado, para lhe dar a boa nova e ao mesmo tempo inquirir das possibilidades de alojamento em Córdoba, pois com a minha indecisão os diretores do «rancho» decerto não contavam comigo. Fui encontrá-lo, quase manhã, em casa de «Isabel la cigarrera», onde ele se refugiava com frequência, e era sempre igualmente acarinhado pela patroa e pelas pupilas. De mau talante me acolheu, declarando que pouco jeito sentia para confidente de entremês, mas por fim, compadecido, exclamou:

— Ya contaba con eso, tonto, y figuras en todos los puntos del programa: hospedaje, toros, carruaje... el resto, contigo y adiós.

O camarote da praça dos touros, onde estava a minha noiva, achava-se, em relação ao «tendido» tomado pela minha trupe, tão bem colocado, que nada aqui poderia escapar à sua inspeção. Acrescia ser tal a algazarra da rapaziada, que o público, logo na primeira «corrida» clamava da Presidência que lhe pusesse cobro; e à noite o jornal *El Toreo* apontava à autoridade esse «tendido escandaloso» que parecia na posse de uma horda de selvagens. Pois nem com tanto ruído e escândalo a minha noiva lhe dispensou uma simples «mirada», e nem uma vez só, por acaso ou descuido, o seu olhar poisou um instante no lugar onde estava eu. E de manhã, durante a missa, à tarde, no desfile da Alameda, e à noite, no teatro, em que eu a não perdia um momento de vista, sucedia o mesmo. Não restava dúvida: trouxera-me a Córdoba no evidente propósito de romper comigo, ou então dar pretexto a que eu rompesse com ela, visto

como, nos seus juramentos, afirmara sempre que nunca seria ela quem o faria. A crueldade deste procedimento não escapou a Pepe Cuadrado, que ao segundo dia da feira, estando a meu lado no teatro, depois de a estudar a preceito, olhou-me com ar de compaixão e exclamou:

— No hay duda, es hermosissima... pero que tremendo castigo no merecia esta mujer!

Sucedeu que me vieram oferecer, no hotel, um bilhete para a «corrida» do terceiro dia, a qual estava provocando vivíssimo interesse, pois além do que se esperava dos três afamados matadores, nessa função de despedida, lidavam-se nove touros da «ganaderia» do Lagartijo, que se metera a criador, e queria estrear os seus bichos com grande luzimento. Vieram propor-me o bilhete quando eu me dispunha a sair, já a caminho da praça de touros; pertencia a um cavalheiro que adoecera subitamente. Tomei o bilhete, pensando que assim escapava ao «tendido escandaloso», cuja alegria já me implicava com os nervos, e ao mesmo tempo ao tormento de esperar, de balde, um olhar de misericórdia da minha noiva.

Quis a sorte que eu ficasse por detrás de uma rapariga de peregrina beleza, que estava na companhia do pai e de um primo. Um troco que lhes forneci, ao passar o vendedor de refrescos, pôs-nos em relações, que logo se tornaram familiares ao saberem que eu era estrangeiro. Com as «bocas» e o «manzanilla», de que vinham providos, nos fizemos «amigos», e à saída o pai convidou-me a ir a sua casa, onde havia uma pequena «tertulia», com música e dança, para entreter a mulher, meia paralítica. A rapariga era, além de formosíssima, encantadora nos modos, e iam-lhe divinamente a mantilha branca e os cravos vermelhos. Dava nas vistas de toda a gente e choviam-lhe em volta os «olé, viva tu gracia!»

Mesmo ao sair da praça encontrámo-nos envolvidos numa grande mole de gente, apertada entre a parede e a fila de carruagens que também havia parado. Tratava-se da prisão de um moço do campo, que matara três pessoas para roubar as pesetas que custava o bilhete da «corrida», a que ele jurara assistir. Era uma pobre criatura franzina, lívida, com o ar desvairado, o cabelo empastado em sangue, que lhe escorria pelo rosto, de um golpe de sabre que recebera dos «guardias», os quais, apesar das algemas, o seguravam esforçadamente, enquanto não chegava o carro celular. Naturalmente o caso despertou grande curiosidade e prestava-se a todo o género de comentários. A rapariga comovera-se, e, como eu a fosse desembaraçando da multidão, para nos aproximarmos da fila das carruagens, onde o espaço

era mais livre, ela tomou-me instintivamente o braço, a que se encostava com aquela deliciosa «morbidez» das mulheres andaluzas que buscam proteção.

— Tenho medo — murmurava.

— Porquê? no estoy yo aqui? — respondi-lhe entre jocoso e intrépido.

Mas ela era tão tentadoramente linda que não resisti a passar-lhe o braço à roda da cintura, e assim nos quedámos, até que o pai, que se perdera na multidão, nos lobrigou, fazendo-nos sinal para avançar com as carruagens, que começavam a mover-se. Para me desviar das rodas da que me ficava mais próxima voltei-me, tendo sempre apertada contra mim a rapariga; na carruagem e olhando-me com verdadeira expressão de espanto indignado, estava a minha noiva...

Não fui nessa noite ao teatro, onde eu tomara uma cadeira para as três récitas da feira; do camarote da minha noiva era quase impossível olhar para a plateia sem ver o meu lugar, mas, tal como sucedera na praça de touros, nunca ela dera ali sinal de se aperceber da minha presença. E depois de tão marcada indiferença, de provado desprezo, a que vinha aquela expressão indignada, ao encontrar-me na companhia de outra mulher quase tão linda como ela? Tinha pois razão Pepe Cuadrado: ela era como todas as outras mulheres, vaidosa, cruel, desapiedada... e precisava castigo. E quase a meu pesar, eu regozijava-me com a ideia de que ela sofreria de me não ver no teatro, pensando que me andava divertindo com a outra, ufano de levar pelo braço uma rapariga assim formosa.

Porém a minha paixão era demasiado funda para ceder a tais diversões. Pouco me demorei em casa dos cordoveses, e logo fui em busca de um grupo dos da minha trupe, que depois do jantar ficava no «café del Gran Capitán», esperando os que tinham ido ao teatro, para darem uma volta pela feira e pelos bordéis. Porque me obrigasse a levantar cedo, para assistir à missa da minha noiva, não os acompanhara nas noites antecedentes, de modo que o meu aparecimento foi muito festejado, e ainda mais quando lhes disse que tinham companheiro para a noitada. E propus uma visita à feira, onde eu ainda não fora.

Quando nos aproximávamos soou estrondosamente um órgão-realejo, que julguei ser o mesmo que estivera na feira de Portimão do ano anterior, com uma grande barraca de bichos e uma mulher muito gorda, que fazia o reclamo à entrada com uma serpente enrolada no pescoço. Disse-o a um dos companheiros, ajuntando: «apostava o que quisessem como era o mesmo realejo». — «A apostar que não é» — replicou ele por birra.

E tomando uns o meu partido, e outros o do contrário, assim apostámos uma soma relativamente avultada, para ser gasta em «bebidas fortes».

Era com efeito o mesmo órgão, a mesma barraca e a mesma mulher gorda com a serpente enroscada no pescoço. Começámos logo no próximo botequim a estafar o dinheiro da aposta. Pepe Cuadrado, inquieto por me não ver nos touros e tendo esperado debalde que eu aparecesse no teatro, largara-o a meio da representação, e viera em minha procura, encontrando-me justamente quando entrávamos na barraca de refrescos. Contou-me então que a minha noiva, durante o primeiro ato, não despegara os olhos da minha cadeira, mal disfarçando a sua ansiedade; e logo às primeiras cenas do segundo ato, visivelmente incomodada, desaparecera do camarote, havendo ele indagado, e sabido de certeza, que ela fora para casa.

— Pues debe de estar muy contente contigo y rabiando, sin duda, por no poder mandarte al infierno...

Narrei-lhe o episódio da «niña cordobesa» e apenas terminava quando entra na barraca a cigana mais encantadora que eu ainda vira. O mesmo pensavam os meus camaradas, e com surpresa geral eis que a cigana, tão depressa me descobriu, corre para mim dizendo:

— Hay dos días que te busco... para leerte la buena-dicha...

E sem mais preâmbulos tomou a minha mão e começou a estudá-la atentamente.

— Los portugueses son tremendos — comentava Pepe Cuadrado com certo despeito. — Mirad este que le persiguen hoy las tres gracias...

Mas a cigana que nas suas mornas mãos macias acariciava a minha, pondo de repente os olhos nos meus, com uma «mirada» que me trespassou o coração, segredou-me:

— No te pude decir aqui lo que leo en tu mano, hijo mio... Te lo diré fuera... Viene... Vienes?...

— Si, si — respondi-lhe. — Aguardame que pronto iré...

E a cigana, airosa, grácil, flexível, quase que voou para a porta e sumiu-se... Levantei-me para a seguir. Houve um coro geral de reprovação.

— No vaya V.; está V. loco; no hay nada mas peligroso; hoy coje V. pero es la ultima cuchillada de su vida. No le dejes ir, Pepe.

Mas Pepe, com grande fleuma aparente, replicava:

— Yo? A mi que me hace... todos los portugueses son locos, repito, y este mas que ninguno...

Desembaraçando-me dos companheiros depressa me encontrei na rua, onde a cigana me esperava e logo me arrastou para fora da feira, na sombra das últimas barracas. E tomando-me as mãos:

— De verdade yo te gusto?...

— Como no, si tu eres tan retaguapa...

— Quieres encontrar-te conmigo?...

— Donde, en tu casa?

— En mi casa, no; mi novio te mataria...

— Donde, entonces?...

— Mira; a las once y media, quando se pone la luna, yo estaré cerca de la estación...

— Pero, chica, eso es un desierto...

— Pues mejor...

— Y luego yo no quiero dejar mis compañeros...

Então ela, arrebatadamente, desprendendo-me as mãos com ímpeto, os olhos faiscantes:

— Lo que tu tienes es miedo...

E ia-se afastando, quando eu a tomei quase com violência entre os braços, e baixinho, com a boca a tocar na sua, lhe disse:

— Que tonta eres, si, iré, hija mia.

Silenciosamente, passando-me o braço à volta do pescoço deu-me um beijo nos lábios, um desses beijos queimados que nunca mais esquecem. E soltando-se murmurou:

— Hasta ahora, querido.

Os meus companheiros receberam-me com as felicitações e os gracejos próprios da ocorrência:

— Ha escapado V.? Bravo! Pero que pronto; tiene V. pluma de gallo, etc.

Mas eu olhando o relógio e vendo que pouco mais de uma hora me restava, para iludir os companheiros e palmilhar o caminho da estação, repliquei:

— Lo que yo tengo es sueño y me voy a acostar.

— Yo te acompaño a la fonda, chico — acudiu Pepe Cuadrado, e saímos juntos.

Não pude deixar de lhe contar o que se passava com a cigana.

— Pero tu la conocias?

— Yo? nunca la habia visto mas gorda...

Ele ainda tentou dissuadir-me da aventura e oferecia-se para ir comigo; por fim só me largou quando eu consenti em armar-me com o seu revólver,

cujas qualidades de precisão e alcance, além de outras, misteriosas, de talismã ou amuleto, ele encarecia.

A estação ficava bastante fora da cidade e num verdadeiro descampado. Quando lá cheguei já cessara todo o movimento de passageiros e mercadorias; estavam todas as luzes apagadas, e a Lua desaparecera deixando o céu mais tenebroso, no seu manto de veludo pregado de estrelas.

Apenas me aproximei do terreiro ajardinado que antecede a estação, a sombra da cigana surgiu da escuridão das árvores, e tomando-me a mão foi-me levando, silenciosamente, por onde as trevas eram mais densas, até chegarmos à beira da grande seara de trigo que ali cobria a planície. Deitou-se, dizendo-me, baixinho, que a imitasse, e depois, de rastos, muito lenta e cautelosamente foi abrindo caminho na seara, sem a trilhar. Assim chegámos a uma pequena ondulação do terreno, onde o trigo parecia mais ralo, e aí, parando, e puxando por mim, de modo que os nossos corpos ficaram estendidos, a par, murmurou, já com os lábios nos meus:

— Aquí me tienes, hace lo que te da la gana...

Tenho ainda nos dedos a impressão que me deixou a pele tépida daquele corpo delicioso, à medida que o ia explorando; e nos lábios, na face, a doçura dos seios agudos e prodigiosamente elásticos... Logo começou o grande duelo de amor, no qual cada um de nós se empenhava em dar melhores provas de valor e resistência. Não sei como, numa das «reprises» acudiu-me a ideia de que era o corpo da minha casta companheira da tarde que eu cingia nos braços, e isso me incutiu novo e estranho ardor. Notou-o a cigana e disse:

— Que amoroso eres, querido.

Entretanto outra ideia me germinava no cérebro, que eu repelia como se fosse um crime, um sacrilégio, mas que acabou por me dominar completamente. Se a minha noiva estivesse no lugar da cigana! Como eu lhe fazia expiar, no seu corpo delicado, de rosas e açucenas, contra a terra dura, todos os tormentos que os seus caprichos, os seus desdêns, a sua maldade, me haviam infligido! Ali, contra a terra dura, apertada nos meus braços, que lhe esmagariam a carne, como se fossem de aço, nos espasmos da luxúria. Ali... Mas a cigana, assustada, exclamou:

— Pero que te pasa, niño... Que malo eres... me haces daño. Si, que me matas... — e logo, desfalecida: — Alma de mi vida... que me muero...

Acordei já com o sol alto, julgando que a cigana ainda me beijava. Era um grande cão perdigueiro que me lambia a cara. A cigana desaparecera...

Cheguei à estação mesmo quando o comboio silvava para se pôr em marcha, e fui recebido, ovacionado, com uma algazarra infernal. Um tenente da «guardia civil», que eu não conhecia e que parecia esperar-me, apertou-me efusivamente as mãos, felicitando-me por ter saído são e salvo da arriscada aventura. Pepe Cuadrado explicou-me que as autoridades, prevenidas, iniciariam, sem demora, diligências para descobrir

o meu paradeiro, se eu não aparecesse na estação a tempo, e para o verificar estava ali o tenente. Mas não vá acontecer que incomodem a minha encantadora cigana, observei.

— Tonto — replicou — parece que no conoces España. Hasta que el acaso no hubiera descubierto tu cadaver putrefacto, nadie se ocuparia más de ti...

Só depois de chegado a Sevilha, recolhido no meu quarto, e estendido na cama, é que pude juntar um pouco as ideias e refletir sobre a minha sorte.

O que faria a minha noiva?

Sem dúvida o despeito levá-la-ia a tomar qualquer resolução que me punisse, e que iria, talvez, até ao corte de relações. E principiava a aterrozar-me com as consequências de um caso, em que eu entrara inocentemente, mas que ela nunca aceitaria como tal. Porém, acudiam-me ímpetos de revolta. Que pensasse o que quisesse; que fizesse o que quisesse. Havia perto de quatro anos que o meu martírio durava, e se acabasse seria o maior dos alívios. O melhor até era não ir nessa noite falar-lhe às grades da sua janela. Que me esperasse ou não; era um modo de lhe provar o meu ressentimento; o começo do meu despego...

Mas às dez da noite, pontual como nunca, já eu lá estava. E ela esperava-me e falava-me como se nada houvesse passado. Apenas uma referência ao rapaz que assassinara para ir aos touros.

— Eso, si, que son cosas de España... — dizia, com a sua voz mais grave.

E de repente, apertando-me com força as mãos, quando eu começava a beijar as suas:

— Sabes, he soñado contigo... Que malo eres... — Os seus lábios buscavam os meus, e nos curtos intervalos dos seus beijos, murmurava: — Que malo eres... que daño me has hecho... — e logo: — Ai! que me matas... alma de mi vida que me muero...

E num espasmo de loucura, com tal força abalava as grades da janela que eu vi jeitos de as arrancar. Mas a sua face e os lábios esfriavam,



e senti que desfalecia. Agarrando-a como pude, através das grades, para que não caísse, gritei:

— Gertrudes, viene, acude pronto, que la niña se desmaya...

E a agonia da sua paixão durou ainda quase dois anos... A minha nunca morreu...

## MARGARETA

Em matéria de viagens fui sempre, por instinto e reflexão, refratário a programas; contudo, na minha primeira ida à Itália, reconhecendo a necessidade de visitar com certo método país tão incomparável e infinitamente variado na paisagem e na arte, delineei um plano que me tolhesse as turbulências juvenis, sopeando-me a irrefratável mania das digressões, e executei-o sem repugnância nem arrependimento.

Desta vez tendo forçosamente — a obrigação sentimental! — de passar por Sevilha, deliberei tomar ali algum vapor costeiro que me levasse a Barcelona, onde procuraria transporte direto a Génova, seguindo logo para Florença, na resolução de permanecer em território toscano durante a primavera.

Na minha grande inexperiência afigurava-se-me que, evitando a França, nada interromperia nesse trajeto o caráter essencial e comum à alma neolatina, e trasladar-me de Espanha a Itália seria apenas continuar em país habitado por gente de igual compleição intelectual, embora diversa na denominação geográfica.

Grande alcance estético prestava eu a essa peregrinação de Florença, parecendo-me conveniente evitar tudo quanto me desviasse o espírito das linhas progressivas e convergentes à pátria austera de Miguel Ângelo.

Iluminações formosas (totalmente confirmadas depois) eram as que então me sugeria a miragem da fascinadora cidade!

Visitados os pontos de mais devoção do meu culto sevilhano meti-me no vapor *Gigon*, e descido o Guadalquivir de margens planturosas repeti

com redobrado gosto o já meu muito conhecido roteiro da costa espanhola, de Cádiz a Barcelona.

Esses vapores só navegam, habitualmente, durante a noite, de forma que os dias inteiros podia-os o passageiro levar em terra, nas numerosas cidades da escala obrigada, cidades de que eu tinha — e ainda hoje tenho — as floridas etiquetas pitorescas, românticas e imarcescíveis: Cádiz de especiosos encantos; Algeciras, com o seu nome de arribada em velha crónica, e o panorama da imensa baía que Gibraltar espreita e domina; Málaga das mulheres pérfidas e das ciganas doiradas; Almeria tórrida, escondendo no seu aparente manto de enxofre e esparto a veiga fertilíssima; Cartagena fortificada em cerros naturais, que lhe fecham o porto num círculo perfeito; Alicante árabe, propícia aos palmeirais; Valência das tranças acobreadas, rescendendo a flor de laranjeira e a anis; Tarragona dura e ventosa, ilustrada pela colossal rosácea da sua catedral, os seus presídios e os sólidos vestígios de muito remotas idades...

Barcelona, nesse tempo, sofria apenas dos pródromos da sua crise demolidora e reconstrutiva; existia ainda intacto o bairro da catedral, com a sua rede de tortuosas ruas estreitas, formando nós em palácios góticos de florente fachada; a «praça real», italiana como a de qualquer burgo perdido nos Apeninos; a graça, a afabilidade hospitaleira da sua população robusta, mourejante, industriosa; e os campos acidentados, ricos em deslumbrantes panoramas, marchetados de jardins e ruínas preciosas.

No carácter geral da cidade havia mais homogeneidade, de modo que a catedral — a incomparável — com as suas naves tenebrosas, onde se acendem as fulgurações dos vitrais;

o claustro composto, deduzido, como sinfonia magistralmente orquestrada na série das suas capelas de retábulos polilhados, entrevistados através de vetustíssimas e imaginosas grades de ferro batido; a sua catedral — a única — não dava ainda essa impressão de flagrante anacronismo que depois foi tomando passo a passo, com a abertura das infinitas avenidas retilíneas, dos esquares geométricos, das vastas praças retangulares.

Era ainda um ponto de romaria piedosa, para o artista e para o crente, essa catedral e o seu bairro. Ali me entretive dias inteiros, sem me impacientar com o atraso do *Orion*, grande vapor da companhia Rubatino, vindo de Buenos Aires, no qual resolvera embarcar para Génova, contentando-me com passar diariamente pela agência, que era próxima do meu hotel, a informar-me da sua chegada. No dia em que ele apareceu,

comprado o bilhete, fui fazer as minhas despedidas ao templo, onde levava horas de tão puro enlevo. Mas não ia muito senhor de mim: algo enternecido e como que envergonhado de sentir que me faltava a fé...

Já passava do meio-dia e tudo se encontrava deserto. Dei a volta ritual do claustro, coei-me ao interior do templo, e deliciei-me pela derradeira vez nas perspectivas daquelas grutas de finíssimas estalactites, onde as formas hieráticas traduziam aspirações celestiais, e os rastos de ouro acentuavam nas trevas as curvas elegantes — suplicantes — das altíssimas ogivas. Depois, no ponto mais apagado, mais sepultado em escuridão, procurei um banco e sentei-me. Todas aquelas linhas esfuziantes e místicas se impunham ao meu espírito, no silêncio completo em que tudo caíra, e eu deixava a meditação (se é que a não encaminhava) ir manso a manso rebuscando o segredo dos prazeres visionários de uma religião de fausto e renunciamiento, compreendendo a sua essência, e invejando quase aqueles que sinceramente os fruíram...

Nisto soaram passos pelo claustro, com risadas alegres, retinidas, e, abrindo-se a portada que me estava fronteira, um imenso retângulo de luz viva rompeu a quietação tenebrosa da nave e por ele desceu uma série de anjos buliçosos, raparigas de elevada estatura, vestidas de claro, trazendo nas mãos fartos molhos de flores profanas...

Não eram turistas inglesas, como a princípio supus, quase contrariado, mas criaturas da raça espanhola que, transpostas as portas do templo, mergulharam sem repulsão na sua atmosfera mística, e sem turbulência nem indiferença lhe foram percorrendo as capelas, ajoelhando aqui e além, conforme encontravam alguma santa imagem de mais particular devoção.

Eram cinco, todas espigadas, flexíveis, airosas, lindas. Depressa lhes reconheci a origem argentina, porque já vira, a miúdo, desde a minha chegada a Espanha, outros tipos afins, inconfundíveis, e sabia que, mercê de condições excepcionais de prosperidade, a grande república sul-americana mandava naquele ano à Europa, a pretexto da exposição universal de Paris (isto foi em 1889!) grande número dos seus habitantes mais privilegiados pela fortuna e pela inteligência. Em toda a Espanha causavam sensação!

Tive ensejo de examinar detidamente as minhas cinco encantadoras importunas, mas sobretudo aquela que quase se me ajoelhou aos pés, tão próximo estava o meu banco de um pequeno altar dedicado a Santa Margarida, o qual se armava na base da mesma coluna a que eu me encostava e parecia objeto de especial devoção por parte da formosa menina. Que

mimosa carnação, que imensos olhos de veludo, que opulência de cabelo negro, ondeado, macio! E que ritmo nos movimentos, que graciosíssimas proporções desde o busto cheio, invertendo, após a cintura longa e flexível a sua curva harmoniosa na curva dos quadris!

Apesar da fervorosa prece em que parecia embebida, não lhe escapou a minha muda e ingênua admiração, e duas ou três vezes os nossos olhares se encontraram. Ao levantar-se julguei até que me encarava com simpatia e esboçava um gesto de despedida...

Pouco se demoraram e completada a volta em redor da igreja desapareceram.

Soaram 2 horas no relógio da torre, lembrando-me que o *Orion* pouco tardaria em partir, e com um profundíssimo suspiro deixei aquela gruta de enlevo e fui ao hotel buscar as malas.

Antes das 3 já me encontrava a bordo do *Orion*, imenso transatlântico deslegante, cujo perfil em forma de abóbora me explicou o motivo da sua demora; era, com efeito, de pouquíssimo andamento, mas em compensação aguentava lindamente o mar, como nesta mesma noite o provou na passagem do golfo de Leão onde, apesar da «tramontana», se dançou até tarde.

No tombadilho reinava a confusão própria dos paquetes de luxo durante as poucas horas de uma escala interessante, e principalmente quando se aproxima o momento de largar.

Os mercadores ambulantes de curiosidades locais davam as últimas investidas aos passageiros a fim de lhes impingir a sua fazenda, que iam enfiando para o regresso à terra; entre o vapor e o cais havia um incessante vaivém de botes com passageiros e provisões; a bordo, as famílias numerosas congregavam-se para verificar se lhes faltava algum dos seus membros, e aquelas a quem eles faltavam, encostadas à amurada, inspecionavam o cais e a Rambla procurando divisar os retardatários.

Após o indispensável exame do beliche que me designaram, subi à tolda para não perder o espetáculo da partida, e isolado, próximo do governo do barco, sentei-me a fumar. Pouco tardou que não visse aparecer um cavalheiro corpulento, com ares de natural e consciente importância, suíças «sal e pimenta» e volumoso abdómen, trazendo pelo braço uma espigada menina de seus 14 anos, ainda de cabelo solto e anáguas, que se me acercaram buscando assento. As feições da rapariga fizeram-me estremecer, tanto lembravam as da visitante da catedral, devota de Santa Margarida.

Eram pai e filha, e conversavam em espanhol com o acentuado sotaque americano, que bem corresponde, no elanguescido, ao português do Brasil.

— Já era tempo de chegarem — dizia o pai em tom entre risonho e severo.

— E se ficassem em terra, pai? — advertiu a menina.

— Teriam de tomar o comboio...

— E tu não te zangavas?

— Não sei... — replicou sorrindo; e como que a pedir desculpa da ingénua observação da filha, para mim sorriu também, percebendo que eu os ouvia e entendia. A minha simpatia, já desperta, facilmente correspondeu com outro sorriso próprio para entabular relações. Conversámos enquanto a rapariga corria à amurada, a perscrutar os cais de binóculo, e voltava a dar conta das suas investigações. Soube então que vinha de Buenos Aires; que a sua família era numerosíssima; que três das suas filhas haviam ido a terra com duas amigas e que a sua demora já o inquietava.

— Ia jurar — observei a fazer-me esperto — que uma das suas filhas que está em terra é muito parecida com esta menina e chama-se Margarida...

— Ora essa! É verdade... mas como sabe isso?...

Ia-lhe apontar a minha assombrosa memória de fisionomias, o encontro na catedral, e o provável nome de Margarida, pelo altar que escolhera para as suas devoções, quando a menina exclamou:

— Olha pai, lá estão elas. Já embarcaram no bote. Anda, vamos à escada esperá-las.

O pai levantou-se sem aguardar as minhas explicações, mas antes de se afastar fixou-me, como que a recordar as feições de alguém muito remotamente visto, e suspeitosamente perguntou:

— O senhor já esteve em Buenos Aires?

— Eu, não — respondi com a tranquilidade e a certeza desafetada de quem diz a verdade.

Mas a filha puxou por ele, levando-o direito à escada dos passageiros, e a conversa interrompeu-se.

Eu segui-os e fácil me foi verificar que me não enganara nas minhas conjeturas. No bote que trazia a família do argentino vinham as cinco senhoras que vira na catedral, e como eu me houvesse aproximado da escada, misturando-me com os mais passageiros, fácil foi também certificar-me de que a linda devota se chamava «Margaret», por ser esse o nome pelo qual as companheiras a designavam. Sucedeu ainda que ao pisar

o tombadilho ela se deteve um instante a falar com o pai, que estava de costas voltadas para mim, e os seus olhos circunvagando distraidamente pararam nos meus, não podendo reprimir uma cintilação de surpresa, e purpurizando-se-lhe o rosto. O pai notou a impressão, voltando-se incontinente a ver quem a provocara, e calculando que fosse eu teve um movimento de viva contrariedade.

Eu, porém, exultava. Sem dúvida Margareta reconhecera-me e isso enchia-me o peito de confiança, de audácia. E ela era uma dessas figuras, por assim dizer secreta e zelosamente idealizadas e esperadas na mocidade, anos a fio, que, encontradas, a alma só trabalha e anseia por cativar.

E que formosa, agora, ao ar livre, na luz crua de uma atmosfera empapada de azul, a que dificilmente se sujeitam as mulheres morenas, sem quebra dos seus encantos naturais. Morena; eu não sei bem se o mate da sua tez admitia a classificação de morena. Não era loira, mas se o rosto estava levemente queimado da aragem do mar, já no pescoço lhe transparecia a suavidade leitosa das pétalas de açucena. E toda ela tal como a vira na catedral, ou melhor ainda: alta, espigada, ondulosa, seio farto, cintura breve, olhos como dois céus...

Outro passageiro, que adregou estar ao meu lado, rapaz de maneiras quebradiças, armado de óculos redondos, tipo sul-americano de cor esverdinhada, afetadamente desdenhoso (era secretário do consulado argentino em Barcelona e mirou-me com inspeccionadora impertinência antes de responder às minhas perguntas) explicou-me que das cinco senhoras três eram filhas do banqueiro Rodolfi, italiano estabelecido desde rapaz na Argentina e casado com uma nativa indiana, cuja fortuna passava por ser imensa e quase assombroso o luxo do seu passado; que tinha inúmeros filhos: dois já sócios que, na sua ausência, ficavam gerindo a casa em Buenos Aires, e dois empregados em Génova e Milão nas sucursais da firma, etc.

Não sei porquê a revelação de tão abundante prole e de tão esplêndida opulência deu-me um choque desagradável, como se levantasse insuperável barreira entre mim e Margareta, a qual, positivamente, me fascinava.

Diligenciei falar-lhe e tive a alegria de perceber que por seu turno ela procurava aproximar-se. Ainda o barco não acabara de levantar ferro e já nós havíamos entabulado conversa, ao abrigo de uma canoa de salvamento, no segundo tombadilho. A hesitação na troca das primeiras palavras, e o enleio da expressão, foram recíprocos; valeu-nos a catedral

e as impressões colhidas em terra... Mas a conversa pouco durou, pois logo tocaram para jantar.

Na sala de jantar a numerosa família Rodolfi ocupava uma vasta mesa oval, e do meu lugar avisto Margareta quase de frente. Namoro franco, descabelado, à portuguesa... A mãe de Margareta, que vejo pela primeira vez, tem, com efeito, todo o tipo indiano: cara larga, malares salientes, cabeleira abundante e crespa, já mais de grisalha, e acabada a refeição retira-se na companhia do marido que lhe dá o braço.

Logo se armou o baile e eu danço com Margareta; danço ainda, sem folga nem descanso, embriagado com o calor do seu corpo, sentindo-lhe, à pressão do meu peito, os seios duros e livres escorregarem sob a blusa de seda vermelha e finíssima como folha de papoula. De repente a irmã mais nova aparece, chama por ela, segreda-lhe qualquer coisa e Margareta para de dançar a pretexto de fadiga. Eu também não danço mais.

Às 11 horas ainda nos encontramos a palrar em redor de uma mesa onde as irmãs e as duas outras companheiras argentinas escreviam. O secretário consular, despejado que foi o seu saco de pilhérias, senta-se ao piano e toca noturnos de Chopin, com certo sentimento e arte. Isso nos empapa de melancolia.

— Porque não dançou mais comigo? — perguntei por fim em tom doído. Hesitação.

— Sentia-me cansada... — e logo: — o senhor já esteve em Buenos Aires?

— Eu?... Nunca estive na América.

— Ah!...

Conversamos com mais desafogo, quase com intimidade. Eu devaneio, positivamente:

— Quanto desejaria possuir uma recordação palpável desta viagem... do nosso encontro... Ela ri da lembrança.

— Recordação?...; nas asas do vento, nas ondas do mar, como já li não sei em que poeta...

Diz-me então que talvez nos vejamos em Florença, onde ela e uma irmã vão passar dois meses, no convento de Ursulinas onde foram educadas. E enquanto refere pormenores sobre o colégio, no qual viverá com liberdade igual à que teria num hotel, toma uma folha de camélia e nela escreve lentamente algumas palavras, erguendo, de quando em quando, para mim o seu olhar profundo, que um sorriso malicioso ilumina. Depois mistura a folha de camélia no monte de folhas caídas, sobre a mesa, da jarra que



a orna, e atira tudo para o chão. Ao tempo as outras meninas haviam terminado a correspondência. Levantam-se todas e dadas as boas-noites desaparecem.

Eu precipito-me sobre as folhas esparsas, buscando febrilmente aquela que me deve assinalar a recordação dessa noite; entretanto o secretário consular executa, a propósito, um scherzo impertinente, escarminho...

Achei a folha; nada diz mas basta para me transportar ao sétimo céu do embevecimento. Ainda hoje a conservo e, coisa curiosíssima, leem-se-lhe as palavras tão distintamente como na hora em que foram escritas:

*Nel Orione, 18 de abril — Margareta.*

No meu camarote encontra-se deitado já, mas de luz acesa e entretido a ler, um rapaz que eu vira sentado à mesa dos Rodolfi e supunha ser irmão de Margareta. Encetamos conversa e ele explica-me que nenhum parentesco o liga ao banqueiro, ao qual vinha recomendado com o encargo de o meter num colégio da Suíça. Com a entrada em Barcelona dos novos passageiros, tinham-no mudado para aquele camarote, e já familiar (e loquaz) dá-me informações, que não peço, acerca dos seus companheiros; depois dispara-me a pergunta de sempre:

— O senhor já esteve em Buenos Aires, não é verdade?

Resposta negativa, enérgica, e em tom aborrecido, mas ele, sem prestar grande atenção ao que lhe digo, observa:

— Margareta é muito linda, não acha? Ela fez-lhe muita impressão...

Aqui o meu lirismo transborda, e num arranco de entusiasmo ponho-me a exaltar os encantos da argentina em termos de pura adoração.

— Em Buenos Aires não há menina mais formosa... — ia ele comentando, mas de repente estaca e pondo-se de joelhos sobre a cama, para espreitar pela rede que, junto ao teto, separa os camarotes, diz de mansinho: — Oiço vozes e risos... Ah! É Margareta e as irmãs que sem dúvida nos escutam...

— Pois se escutavam ouviram a verdade — atalho eu, cheio de falsa coragem, para acudir à confusão em que a descoberta me mergulhara.

Foi uma completa declaração de amor. Como seria recebida? Não tenho ânimo para me deitar (é que estou deveras enamorado) e subo ao tombadilho onde passo quase o resto da noite a fumar e a matutar sobre o caso. Como é que ela me acolheria no dia seguinte? O céu claro

e estrelado; toda a costa de França se desenha a pontos luminosos, nos arabescos das estradas e nas rosaças dos povoados; como eu desejaria ir ali procurar nalguma «vila» ideal o ninho para os nossos eternos amores!...

Dia seguinte. Margareta cora ao avistar-me e eu sinto igualmente afo-guearem-se-me as faces. Bons-dias tímidos. Corresponde com ar amável e franco, os olhos postos nos meus. Depois esquiva-se, parecendo querer evitar-me. O pai, que vinha perto, não me fala, nem corresponde ao meu cumprimento, inclinado, humilde, de boné na mão... Isso perturba-me, entristece-me; mas não me irrita nem indigna.

Daí a pouco subo ao segundo tombadilho onde a gente nova se diver-te brincando. Margareta vem ao meu encontro e sem mais preâmbulos conta que o pai está persuadido de que eu sou alguém, que estive em Buenos Aires, de quem amigos seus tiveram sérios motivos de queixa. Ela, porém, não acredita, fiada na minha negativa e zomba e ri do engano. Conversamos confiadamente, já de coração nas mãos, enquanto os outros saltam, jogam e cantam.

No melhor da conversa surge uma das irmãzinhas (já não sei qual; eram tantas!) e fala-lhe ao ouvido, lançando-me um olhar furtivo e curioso. Compreendo que é emissária do pai, a verificar se estamos juntos. Separo-me sem mais resistência e vou saborear sozinho os sonhos que despontaram do que ela me disse. São imaginações pacatas, burguesas... e deliciosas. Era a mulher que eu sempre ideara para companheira da vida toda... com muitos filhos.

Ao jantar verifico logo que mudaram os lugares, de modo que Margareta me volte as costas, mas ela (que está bastante pálida) teima e insiste em retomar o lugar da véspera. Por fim o pai cede, irritadíssimo, erguendo as mãos ao céu. Trocamos, a furto, rápidos mas profundíssimos olhares.

À noite não consigo falar-lhe. De resto toda a gente recolhe cedo, preparando-se para o desembarque, pois o vapor deve chegar a Génova de madrugada. O meu companheiro conta-me que Margareta e o pai tiveram uma violenta discussão por minha causa, mas ignora os pormenores. Quando acordei, após várias horas de vigília, cortada de fantasias paradisíacas e pesadelos infernais, subo à tolda mas já os não encontro a bordo.

Vou para o hotel «Isotta» onde, conforme Margareta me dissera, o banqueiro reservara aposentos. Chego à hora do primeiro almoço e para evitar mais contrariedades, em vez de ir para a grande sala, onde julgo

que estariam, entro numa salinha próxima. É precisamente aí que toda a família está já reunida. Foi a aparição do espectro de Banquo. Margareta cerra os olhos e inclina a cabeça, com todo o jeito de quem desmaia; o pai faz-se cor de monco de peru e levanta-se arrebatadamente...

Eu bato em retirada e vou tomar o meu café, tranquilamente, na galeria «Mazzini», escolhendo sítio que permite vigiar entradas e saídas do hotel, e pouco tardou que não visse aparecer Margareta, com uma das irmãs e as duas outras companheiras argentinas. Sigo-as, e já perto da catedral, onde vão dar graças a Deus pela feliz viagem, juntámo-nos.

O pai está furioso; nada o convence de que eu não seja quem ele imagina; mas ela tem absoluta confiança em mim; lamenta o equívoco esperando que o pai «talvez um dia me venha a estimar muitíssimo». Porém não vale a pena alimentar-lhe a cólera com a minha presença, insistência inútil pois que dentro de duas semanas, como já me dissera, nos poderemos encontrar livremente em Florença. O seu olhar mergulha no meu para me sondar; depois como que para repassado de melancolia. Eu prometo-lhe que hoje mesmo deixarei Génova e irei esperá-la a Florença. Ela estende-me as mãos e eu levo demoradamente à boca a que ainda não tem luva. Sinto que todo o corpo lhe estremece, e num impulso irreprimível oferece-me os lábios que beijo sofregamente. Foi um desses beijos que valem por mil promessas formais de casamento...

Nessa mesma noite me pus a caminho de Florença, mas fazendo estações em várias cidades de modo a chegar quando Margareta já lá estivesse. Ansiava por tornar a vê-la, porém estava tão certo de que a encontraria que me era mais doloroso esperá-la em lugar fixo, e então às portas dum convento...

O meu primeiro cuidado, naturalmente, foi ir ali procurá-la, apenas larguei o comboio, quando procurava alojamento e tive a tremenda surpresa de saber que as meninas Rodolfi já lá não estavam; dois dias depois de chegarem o pai viera buscá-las...

Na posta-restante aguardava-me a confirmação da desventura, num bilhete de Margareta participando-me que o pai, por motivos de ordem financeira, fora obrigado a voltar imediatamente para Buenos Aires. E nas suas palavras transluzia o ressentimento pela minha pouca pressa em chegar a Florença.

Dois meses depois recebi um jornal onde vi, sublinhado a tinta vermelha, que o banqueiro Rodolfi falira; outros exemplares do mesmo

vieram sucessivamente dar comigo em Lisboa e no Algarve. Todos vinham sobrescritados com a letra de Margareta.

Ainda lhe escrevi mas as cartas voltaram-me recambiadas por insuficiência de endereço.

Esperaria ela que eu a fosse buscar à América? Isso era, precisamente, o que teria feito... se pudesse.

Pobre Margareta! e pobre de mim, que, sem culpa alguma, ainda hoje a sua lembrança me atormenta como um remorso...

*Bougie, janeiro de 1934.*



## CORDÉLIA

*Mais n'est-tu pas toi-même un jet  
d'eau qui s'irise  
Et qui vers l'infini s'élance et puis  
se brise?...*

PHILÉAS LEBESGUE

As minhas relações com gente da Catalunha datam da infância, graças a uns negociantes de cortiça, de S. Feliú de Guixols que se estabeleceram na minha terra e de que ainda hoje lá existe descendência. Gente honrada, trabalhadora e bastante culta, mas sobretudo orgulhosa das virtudes da sua raça e belezas da sua província, do seu trato me veio o conhecimento dos seus poetas, e a curiosidade de lhe visitar a pátria e ver-lhe os monumentos. Numerosas foram, no decorrer da vida, as minhas excursões pela Catalunha, dando-me ensejo de assistir ao extraordinário desenvolvimento da sua capital a que me afeiçoei e onde repetidas vezes fui embarcar para Itália.

Em uma dessas ocasiões, esperando vapor que não aparecia, a minha demora ali foi relativamente grande, permitindo-me penetrar um pouco mais na compreensão do complicado problema catalão, social, religioso e político, ao passo que vagorosamente, e quase sempre a pé, ia explorando os curiosíssimos arredores da grande cidade.

Ao contrário do que me tem sucedido noutros sítios, dos quais a primeira impressão sobrepuja a quantas me produziram visitas subsequentes, ficou-me desses dias, bem vivo na memória, um quadro completo, que esmorece ou apaga a lembrança de todos os outros, com a agitação tumultuosa do operariado ativo, o antagonismo das raças e das crenças, a propaganda sindicalista e a clerical; a expansão fabril e o fanatismo diligente dos jesuítas e frades, que iam enchendo os arrabaldes de

verdadeiros Escuriais, onde a burguesia aprendia a detestar a liberdade... alheia. Isto a par do variadíssimo pitoresco da paisagem, da prestigiosa Sé, das velhas e modernas igrejas, e do porto cujo movimento poucos igualam no Mediterrâneo.

Mas a pintura desse quadro (diversão a que devo renunciar por grande que seja a tentação de a fazer) não tem oportunidade neste relato, ao qual desejo dar o caráter de simplicidade máxima, em linhas sem atavios e traçadas rapidamente.

Flanando uma bela manhã pelo cais, assisto à chegada de um grande vapor, todo pintado de preto, em cuja popa tremulava a bandeira italiana. Tomo informações: chamava-se *Arno*, vinha do Brasil, e seguia nessa tarde para Génova. Corro à agência a comprar bilhete. — Passagens em primeira classe não há, porque o vapor só tem segundas (além das terceiras), porém muito melhores do que as primeiras de outros vapores — diz-me o empregado, mas num tom falho de convicção, mole, e sem mostrar o mínimo interesse pelo caso. Resolvo-me, apesar de tudo. Às 3 horas embarquei e fico estarecido com o espetáculo que o tombadilho do *Arno* me oferecia. Por todos os lados se viam grupos de criaturas esquálidas e andrajosas, em volta de fogareiros onde assavam sardinhas; grupos semelhantes aos que se topam nas vielas imundas de algumas das nossas aldeias marítimas, como Alvor...

O criado de bordo, besuntão e descortês, mal me atende para declarar que nenhum camarote me fora reservado: — Se quiser espere pelo capitão, que foi a terra e não deve tardar — concluiu.

Pelo que me informa um marujo da tripulação, o barco era exclusivamente destinado a emigrantes, e a gente que se encontrava na tolda consistia no refugio das Puilhas e das Sicílias, vomitado pelos Brasis e Uruguais.

Decido voltar para terra, mas quando acenava a um bote para que viesse buscar-me, descubro outro bote, já perto do vapor, com duas elegantes senhoras sentadas trazendo molhos de flores nos regaços. Detenho-me a observar para onde iriam. Vêm para o *Arno*! Atracam à escada. O mesmo marujo das informações anteriores afirma que são passageiras, para as quais há camarote reservado. Uma delas levanta-se. É alta, grácil, serpentina. Acompanham-nas dois homens ainda novos e bem postos. E toda esta gente para o *Arno*? Então eu também posso ir nele.

Os homens são o médico de bordo, rapaz de 30 anos e um primo de 20, tipos venezianos, loiros, quase imberbes, com ares — e o

aprumo — de S. Jorges que já venceram dragões. A senhora alta, que primeiro se levantou, é mulher dum oficial de marinha e regressa a Itália, após longo cruzeiro em navio de vela para fortalecer os pulmões; a outra que se chama Cordélia — rapariga muito nova, de cabelos adamascados, pescoço delgado, cintura fina, quadris largos e rebeldes, harmonizando-se na curva das coxas — é dançarina e trabalhou todo o inverno como «corifea» do corpo de baile do teatro «Lyceu». Ambas piemontesas e naturais da mesma terra, aonde agora vão em curta visita.

O capitão chega em seguida e designa-me um camarote de oficial, excelente. Mas que figura, esse capitão! A assimetria natural do rosto, aumentada por um enorme inchaço da face direita, dá-lhe aspeto monstruoso, e os olhos, cuja luz desfalecia, apagando-se por vezes, eram como dois pequenos calhaus húmidos, tanchados em sanguinolentas cristas de galo.

Também pouco nos secou com a sua presença; sumiu-se para só reaparecer quando chegámos a Génova.

As senhoras e eu somos os únicos passageiros, e além de nós três só o médico e o primo assistem às refeições.

Quando nos sentámos à mesa para jantar já nos conhecíamos, conversávamos, e ríamos como se fôssemos todos amigos de anos. A bailarina fica ao meu lado e eu não me farto de a remirar, encantado sobretudo com o seu ar infantil e bondoso, e não sei o quê de carinhoso na curva do seio que me enternecia. Nos seus olhos garços a luz refletia-se em cambiantes. Cordélia! Este nome shakespeariano vai-lhe a matar.

A mulher do oficial de marinha, senhora de mais de 40 anos, simpática, de aspeto padecente mas resignado, conserva traços de grande beleza; é amável, faz o possível para nos pôr à vontade e recolhe cedo à cama.

Jogamos o *sete e mezzo* todo o serão, a bailarina sempre a meu lado: as nossas mãos tocam-se, os olhares empeçam-se; eu quero perscrutar-lhes a ternura e ela não se esquiva; um intensíssimo desejo me assalta, secando-me a garganta e a boca... O prestígio que desde moço pequeno atribuí às bailarinas ateia o amor que começa; durmo pouco e mal, sempre com a visão do que seria o seu corpo nu, a perpassar-me na mente...

O dia seguinte foi todo de jogos e brincadeiras, não faltando o inevitável *sete e mezzo*. Dois beijos dados a furto, logo de manhã, abrem caminho à intimidade. Desconfio que a «oficiala» não gosta da minha corte a Cordélia, ou pelo menos que a faça tão descabelada na sua presença, mas para a tarde já nos isolamos. O mar está mais doce do que seda, porém o ar



esfria e eu abafou-a debaixo da minha capa; as nossas mãos prendem-se; a sua voz tem o timbre velado, longínquo e casto, mas pressinto que se lhe tocasse no seio desmaiava...

Combinámos um encontro, a data certa, em Turim, onde ela passará duas semanas com a família que a criou e a sua velha ama de leite, que estima ainda mais do que a própria mãe.

Cai a noite; os nossos lábios unem-se, e eu pasmo de que se possam separar, de que se não soldem...

Devemos chegar de manhã cedo a Génova, e ofereço-me para a ir acordar ao camarote. Aceita. Naturalmente não consigo dormir. Às 3 horas bato-lhe à porta muito de mansinho. — Entre — murmura a sua voz quase apagada. Empurro a porta que range levemente, o que me sobressalta e agonia; porém nenhum rumor se ouve. Os meus olhos, acostumados à escuridão, distinguem um braço nu cuja mão acena pela abertura da cortina do leito inferior. Aproximo-me de rastos e beijo a mão, o braço. A mão puxa por mim. Abro a cortina e beijo-a toda: o seio, o ventre, as coxas... Sonho? não; loucura, transporte, êxtase... Os braços frágeis, os seios pequeninos e túmidos, as coxas volumosas e marmóreas... Mas a companheira acorda, ou julga oportuno dar-se por acordada. — Cordélia, quem está aí? — exclama. Silêncio; a mão que por mim puxou acaricia-me demoradamente o rosto e logo assinala a necessidade de me ir embora.

Desembarcámos juntos e acompanho-as à gare onde nos despedimos. — Até breve, em Turim... — segreda-me ela.

Sob a impressão daquele corpo airoso e leve, Génova parece-me outra. Nem reparo na frialdade rígida dos seus imensos palácios de granito. Corro à igreja da «Annunziata» onde passo quase o dia todo, deliciando-me com a alegria do seu faustuosíssimo barroco, a que tão intimamente se casam as pinturas... e o estado da minha alma.

Ao dia seguinte ponho-me a caminho de Turim, passando por Milão, Brecia, Verona, Vicenza e Padova. Aqui encontro, no café «Pedroechi», o médico de bordo, o primo, e a irmã deste, que é noiva daquele e cuja fisionomia nunca mais esqueci: testa de cinco pontas, olhos ridentes, lábios vermelhos como gomos de laranja de sangue. Jantámos juntos, visitámos a feira e assistimos ao espetáculo do circo, onde descubro uma «voltigeuse» que muito faz lembrar Cordélia, o que mais me exacerba o desejo, a ânsia de a rever. Será isso depois de amanhã, sem falta; conforme as indicações

precisas que me deu, vou chegar a Turim três dias depois de ela lá estar e procurá-la-ei às 5 horas da tarde, como expressamente recomendou.

Apeei-me em Turim já perto da meia-noite; dormi regaladamente, despertando tarde com o coração e alma em pleno azul. Mas o dia foi horrorosamente longo. Vou ao museu que é encantador mas não me distrai; subo ao posto alpino cujo panorama tão-pouco me entretém; a cidade, sombria e regular como tábua de xadrez, parece que torna as horas mais compridas... Os jornais da terra anunciam uma série de catástrofes, onde figura um pavoroso incêndio; que diabo me importa a mim que o mundo arda! Porém o mais escandaloso foi a indiferença — quase irritação — com que li no *Petit Journal* a notícia do suicídio do meu amigo Marechal, o elegante oficial belga, companheiro de tantos meses seguidos de alegre vida mundana: — Podia muito bem ter-se matado noutra ocasião — foi a oração fúnebre que lhe rezei...

Alfim aproximam-se as 5 horas da tarde. Tomo um trem, leio, soletrando, na carteira o complicado endereço, e tenho uma inconsciente surpresa, de que só depois me lembrei, ao ver a facilidade com que o cocheiro o entendeu, exclamando: — Ah! Já sei — e partindo sem mais explicações...

Quando entrávamos numa larga e extensa rua, onde o movimento de carros e de gente era intenso, o cocheiro voltou-se para mim e indicando um alto prédio bradou: — Ali está a casa do incêndio...

Apeei-me meio tonto, mas ainda sem perceber claramente que ligação haveria entre a casa incendiada e o endereço que buscava; pronto, porém, me esclareci: o número era o mesmo.

Entrei já tomado de pânico, e quando estava pedindo informações a alguém que parecia representar a autoridade, uma velha lavada em lágrimas, que nos escutava de um banco próximo, levantou-se e encarando-me balbuciu entre soluços:

— É o senhor... é o senhor aquele que a minha desgraçadinha esperava...  
 Era a ama de Cordélia.

Soube então que a bailarina fora uma das vítimas da catástrofe, e do seu lindo corpo torriscado só escapara, intacto, o braço direito, aquele mesmo que pendia nu, à beira da cama, quando eu entrei no camarote para a acordar...

*Djidjelli, fevereiro de 1934.*



?

O meu quarto na hospedaria «Fra Giacomo», em Smirna, era uma gaiola de vidro suspensa sobre o mar, e isso concorreu muito para que eu aí me demorasse mais do que projetara. Não que o panorama fosse risonho; bem pelo contrário. A desarmónica imensidade do golfo, a disposição das esmagadoras montanhas vizinhas, a cidade que não brilha, com o seu casario escuro apinhado nas encostas, nas alturas recortadas de ameias, restos de arruinadas fortificações antigas, todo este conjunto formava um quadro melancólico. E a pretensiosa fachada italiana da cidade (existirá ela ainda?) que levantaram sobre o cais, à semelhança de Messina, era mais um engano que a ninguém alegrava nem contentava. Depois, a situação moral dos habitantes (domínio de dez mil turcos sobre trezentos mil italianos, gregos, arménios e judeus), os receios, os terrores mal disfarçados da população cristã, a qual dir-se-ia que julgava próxima e inevitável a chacina exterminadora com que os muçulmanos a ameaçavam, diariamente e sem reboço, junto a uma profunda crise económica, alimentavam a atmosfera de tristeza que a paisagem, com os seus inúmeros ciprestes, por seu turno acentuava.

Porém o meu amor ao mar, e essa gaiola de vidro, onde eu pairava como se andasse embarcado, retinham-me (embora um pouco a meu pesar) a ponto de conservar o quarto de minha conta durante as várias e clássicas excursões, de que Smirna é o centro obrigatório e das quais as célebres e importantíssimas ruínas de Éfeso constituem o principal objetivo.

Mas não devo esquecer, como nota aprazível, as aldeias na margem do golfo fronteira a Smirna, onde amiúde ia espaiar-se; pontos de veraneio, desabitados na estação em que ali permaneci, mas recamados de jardins encantadores e bem tratados. Então floresciam as tulipas, os jacintos e os lírios, em longos canteiros ovais, como caudas paradas de fabulosos pavões.

Arranquei-me de Smirna com dificuldade, aproveitando o paquete russo *Tchikachoff*, que por ali fez escala direito a Constantinopla, ponto extremo da minha viagem.

Um agigantado marujo, no alto da escada de bordo, recebe a bagagem dos passageiros, brincando; apanhava e distribuía malas e caixas de enormes dimensões como se fossem cartonagens de chocolates finos.

Por todos os lados, na tolda do imenso barco, a confusão e o movimento são intensos: há centenas de soldados russos que voltam da ilha de Creta (em cuja baía a esquadra do tzar permanece, pronta, dizem, para intervir no conflito turco-grego), e tantos ou mais peregrinos, da mesma nacionalidade, que regressam de Jerusalém. O tipo dos peregrinos, com o cabelo comprido e a barba em leque, tem um corte de rigorosa uniformidade que surpreende. Olhos cândidos na aparência, mas que se esquivam e cuja expressão é absolutamente incoercível.

O vapor levanta ferro lentamente e os soldados entoam um desses hinos corais de que os russos possuem o segredo, em harmoniosas massas de milagrosa disciplina; respondem-lhe os peregrinos em largos cantos, mais vagarosos e profundos, de acentuado carácter religioso.

Sobem todos os passageiros ao tombadilho, e à frente dum cortejo de fardas reluzentes adianta-se uma criatura de lenda, figura de Brunehilde, que julguei evocada dos «Nibelungen» (eu andava então saturado de wagnerismo), cuja imagem nunca mais se me desvaneceu da memória, tal qual a vi nessa tarde gloriosa. Será de mais dizer que os seus olhos brilhavam como estrelas? E o ritmo dos movimentos, a frescura da pele, a graça do riso! Sentia-se-lhe a carne firme escorregar debaixo da roupa, que antes lhe descobria do que lhe vendava as formas. Tudo se adivinhava suavemente modelado mas livre. E o peito? sob a alvíssima seda da blusa os seios disparavam, como duas cidras, erguendo os bicos... Ela avança, à frente do cortejo de fardas doiradas, como que embalada nas harmonias do coro, tal uma imperatriz asiática, ou uma deusa. Percorre assim uma boa parte do convés; todos lhe abrem caminho e seguem-na com olhares

acesos em lascívia. Evidentemente o seu corpo exala eflúvios de amor; a sua presença é afrodisíaca e levanta nos corações revoadas de desejos. Lentamente, assim como apareceu, após repetido circuito, desaparece, levando consigo todo o cortejo de fardas doiradas, ao som de um patético coral que já parece lamentar-lhe a ausência...

Na sala de jantar os oficiais sentam-se em volta de uma grande mesa oblonga, a cujo topo, a presidência, está a poltrona reservada para a formosa Brunehilde. Faz-se esperar, e é de ver a repentina e concertada rapidez com que as fardas doiradas se erguem à sua chegada, as respeitosas cortesias com que a acolhem, e o gesto de soberana com que ela lhes ordena que se assentem. Vem ricamente vestida. Sobre o corpete de brocado roxo, em redor do pescoço e caindo-lhe até meio do peito, uma artística renda de oiro e pérolas; os braceletes, mais largos que a mão travessa, de platina fosca e iluminados por esmaltes bizantinos, no mesmo estilo do enorme diadema que lhe cinge a cabeça e dos brincos desmedidos que lhe tocam nos ombros. Conjunto hierático, suavizado pela doçura do seu sorriso, e pelo modo como os seus dedos brancos, de luar, acariciam tudo em que tocam...

Sorrindo encontra o meu olhar idólatra... Sorri mais docemente? Sorri sempre. Sorri aos que a adoram e como que lhe dirigem orações; sorri com um sorriso de parada, disfarçando o pensamento que roda não se sabe por onde; sorri lá do outro mundo, como deusa que é; mas por vezes endurecem-se-lhe as feições, numa expressão de orgulho, fugaz como um relâmpago...

É evidentemente uma criatura excepcional, e causa surpresa vê-la comer como qualquer outra mulher o faria.

Levanta-se antes de findar a sobremesa, e reaparece no convés ao pôr do sol, cercada dos seus escravos cujas fardas ainda mais reluzem, enquanto soldados e peregrinos entoam outro hino, de sedas agitadas sobre mares de violeta, ao sol que morre... Os meus olhos perseguem-na, ela porém não os pressente, aliás o seu sorriso não seria assim cada vez mais doce...

Quem é esta mulher; a que jerarquia pertence; como se chama? Nenhuma das pessoas que interrogo, incluindo o imediato, me podem ou querem informar; julgo até descobrir no modo como este último acolhe o meu inquérito o quer que seja de misteriosamente zombeteiro...

À noite, no salão, reclina-se num divã e os oficiais cercam-na como tríplice muralha doirada a defender um tesoiro único no mundo. Para

melhor a contemplar vou espreitá-la, do tombadilho, pelas janelas do salão. No seio da noite os meus olhos devem fuzilar, porque de repente ela sustém o sorriso e aponta para onde eu estou, com ar alucinado, como quem vê um espectro. Mas o seu rosto logo serena, sem que nenhum dos seus escravos aperceba o olhar de fogo com que, da escuridão da noite, lhe abraço a carne. Essa calma foi talvez um disfarce, para desviar a atenção do séquito, do espectro que divisou; todavia não a pode manter; altera-se-lhe novamente a expressão da fisionomia; inquieta, medrosa, fixa ansiosamente a janela donde a contemplo, busca penetrar o mistério da minha presença; e subitamente, tapando os olhos com ambas as mãos, levanta-se e despede-se, fazendo sinal de que a deixem ir sozinha, porém nenhum dos oficiais a abandona e toda a escolta desce com ela a escada, acompanhando-a, sem dúvida, até à porta do seu camarote...

Fico ardendo em luxúria, e fumando sem cessar entretenho a minha insónia passeando no convés até quase manhã. Para complicar a situação, a atmosfera de sensualidade intensifica-se com a presença de um marujo que, eu já notara de dia, adolescente de expressão felina, imberbe, com a boca de delicado recorte (cujas comissuras comprime sem descanso) se cruza comigo centenas de vezes, na estreita passagem entre a amurada e a parede do salão. O seu olhar fosforesce, provoca-me, persegue-me, acarícia-me...

Ao dia seguinte magnificência azul de mar e céu espelhados. Desse luminoso quadro a deusa surge, sempre com o seu cortejo rutilante. Vem envolta nas pregas dum roupão de veludo cinzento, bordado a azeviche, a cabeça descoberta, com dois fartos bandós de cabelos loiros muito alisados, onde brilham aqueles mesmos tons argênteos que o Velásquez punha no penteado das suas infantas. Vem fresca, viçosa — rociada como rosa de abril. De longe o meu olhar a saúda; reconhece-me? sorri para mim? mas foi um relâmpago: ilusão, certamente. Cerra-se-lhe em volta, mais ciosamente, o círculo de oiro das fardas submissas. Essa impenetrável muralha, porém, já a não isola nem a defende do meu olhar desejoso, ávido...

Mas vamos entrar no Bósforo; eu fico em Constantinopla e ela decerto segue para a Rússia. Não tem pois nada de estranho que aceite ou corresponda agora às orações que lhe reza o meu olhar. Conheço a cruel artimanha, de que a experiência da vida me deu já tantos exemplos, com essas mulheres de acaso que, sentindo-se desejadas, adoradas, correspondem sem pejo aos olhares gulosos de quem sabem ou supõem que vai partir e

nunca mais se encontrará, só pelo prazer de lhe envenenar a existência. Deixá-lo; gozemos o momento presente, que o futuro a Deus pertence. Há instantes em que os nossos olhares se prendem e percorre-me o corpo uma onda de fogo...

Começam a divisar-se os minaretes de Constantinopla; o panorama sem par da prodigiosa cidade desenrola-se lentamente, aos clarões de um sol que brilha entre as pompas fulgurantes que lhe preparam o ocaso.

O *Tchikachoff* lança ferro. Já os criados trouxeram para o tombadilho a bagagem dos passageiros que vão desembarcar e estão pegados às amuradas, embevecidos no maravilhoso espetáculo. Eu vou ao meu camarote, mais para me despedir do que para verificar se lá me ficou alguma coisa esquecida. Volto com as lágrimas nos olhos.

Mas ao chegar à escada, que é de dois lanços e forma uma espécie de gruta imersa em trevas, enxergo o seu vulto. Vem sozinha. Como um louco, desvairado, vou para ela, tomo-a nos braços, deito-a sobre o divã; as minhas mãos sôfregas percorrem-lhe o corpo, os meus lábios ardentes desalteram-se na fonte clara dos seus cabelos, no perfume dos seus olhos, no sumo da sua boca, e param um instante no seu pescoço com um tão violento beijo de vampiro que ela recua e parece querer fugir. Mas eu tenho-a bem presa nos braços que são de ferro. Mordo-a na boca que se abre e cede como um fruto maduro; mordo-a brutalmente e chupo-lhe os dentes como se fosse bagos de laranja. Ela solta um profundíssimo suspiro, beija-me e... desmaia.

Que tempo durou esse delírio? ... Ela levanta-se arrebatadamente e como que voa pela escada acima; eu fico ainda um momento pasmado, o corpo todo embalsamado em gozo, mas com o sentimento de que cometera uma ação má, envergonhado de lhe aparecer. Na mão fechada tenho um punhado de cabelos (arrepelados brutalmente num derradeiro e insensato esforço para a reter) que remexem como se estivessem vivos..., guardo-os junto ao peito, recordação para o resto da vida.

Subo ao tombadilho, gratifico o criado, embarco no bote onde me espera a bagagem, tudo maquinalmente, como se estivesse sonâmbulo.

Sentado no bote nem ousou levantar os olhos para o vapor, mas faço-o, por fim, a medo, e vejo-a que me acena com o seu lenço de rendas, com grande espanto dos escravos que a encaram escandalizados...

*Bougie, março de 1934.*





## O SÍTIO DA MULHER MORTA

Já totalmente impossibilitados de trabalhar, os Elisiários, meus velhos caseiros dos Pegos Verdes, tinham abandonado a propriedade recolhendo-se a um casebre que possuíam na povoação vizinha, a Figueira. Mas como eu lhes desse uma pensão, que embora insignificante os ajudava a viver, mostravam-se-me gratos, e iam amiúde ao «Convento» (era assim designada a propriedade, desde tempos imemoriais, por encerrar o único convento que existia léguas em redor), não para fazer as suas devoções, mas para observar o que lá se passava e dar-me conta do que espiolhavam se alguma vez adregava encontrarem-se comigo. Tinham sido eles que me indicaram para sucessor o António Sagreira, dono de duas courelas minhas estremenhas, rendeiro de várias várzeas que me ficavam fora de mão, e habitual e principal empreiteiro do serviço das «belgas» que transformam os matos em terras de semear.

A indicação surpreendera-me bastante, porque havia entre eles uma antiga rixa que não admitia tréguas, porém depressa compreendi as razões que a motivaram: o Sagreira era implicativo e pechoso, e tinha três filhos valentões que lhe reforçavam a argumentação, mesmo quando sofisticada; assim os meus velhos caseiros se vingavam dos vizinhos com quem haviam andado às bilhardas, e ao mesmo tempo impingiam-me um sucessor que pelas suas malas-artes me faria lamentar a ausência dos reformados.

Com efeito a entrada em funções do Sagreira iniciou uma era de revolução a que nada escapava. Meteu no Convento, na qualidade de quinteiro

permanente, o filho mais velho, que casara havia pouco, e tanto ele como a mulher entendiam de hortejo; limpou de mato uns olivais abandonados e que realmente mereciam melhor sorte; tirou às árvores a lenha seca, o que logo lhes deu melhor aspeto: tudo parecia rejuvenescer, especialmente o pomar de laranjeiras, que eu tinha e tenho em grande estimação e andava bastante descurado (são magníficos os frutos que dá, de duas qualidades, sangue e umbigo); descobriu, desenterrou, patenteou os mil marcos da propriedade que os meus inúmeros vizinhos fingiam ignorar, para se apropriarem de terrenos que me pertenciam; pôs cobro ao roubo das estevas, que os forneiros mandavam colher como se não tivessem dono, e expulsou os pastores e seus rebanhos que pastavam livremente por todos os cantos da herdade. Mas tudo isto à custa de quantas coimas! Elas choviam, e quando, ao domingo, o Sagreira vinha cobrar a fêria, e me trazia a relação das coimas da semana eu punha as mãos na cabeça, fingindo-me assustado, e exclamava:

— Tome cuidado, Sagreira; essa gente acaba por lhe dar cabo da pele e de toda a sua família.

— Não tenha Vossenhoria medo que tudo é gente pacífica; o que eles precisam é sentir a mão do dono e ninguém há de tugar nem mugir.

Porém um dos acoimados era cabreiro do Sr. Baltasar Ponciano, proprietário importante e influente eleitoral da Mexilhoeira Grande, que se não acomodou com o caso, e deu por paus e por pedras para conseguir a anulação da multa, a qual lhe abalava o prestígio. Por fim veio ter comigo (as nossas relações eram excelentes), mas eu não podia decentemente exautorar o meu encarregado e recusei atendê-lo.

Então ele desabafou: não houve nome feio que não chamasse ao Sagreira, e retirou-se vaticinando que eu me havia de arrepender amargamente de lhe ter confiado a administração da propriedade, e ao mesmo tempo jurava que se havia de vingar.

As terras nos Pegos Verdes que pertenciam ao Sr. Ponciano haviam sido mal e porcamente adquiridas, por ocasião de umas partilhas judiciais entre menores de que fora nomeado tutor, e estavam todas mais ou menos encravadas nas minhas, consistindo a parte principal numa extensa mas estreitíssima courela que dava passagem aos moradores do Convento, encurtando-lhes consideravelmente o caminho. De memória de homem nunca fora contestado o direito a essa regalia. Ora dois dias depois da visita do Sr. Ponciano apareceu-me no escritório o Sagreira todo açodado e aflito a participar-me que tinham cortado o caminho, cavando fossos à entrada e à saída da courela.

— Aquele mariola do Ponciano... — ia ele comentar em tom de funda indignação, e não foi pequena a sua surpresa quando eu, com perfeita calma, atalhei para lhe dizer que mandasse atulhar os fossos, e continuassem a servir-se do caminho como se nada houvesse ocorrido.

— Então Vossenhoria toma a responsabilidade...

— Não seja parvo, Sagreira, e faça o que lhe digo.

— Vossenhoria é quem manda... — consentiu ele despedindo-se, o rosto já iluminado com a perspectiva da raiva do Ponciano, e a crescente autoridade que o facto lhe acarretaria, a ele Sagreira.

Mas logo ao domingo seguinte, de orelha caída, veio comunicar-me que o Ponciano mandara levantar paredes de taipa, de metro e meio de altura, no sítio dos fossos.

— Agora é que a coisa não tem remédio nenhum...

— Tem remédio, tem. Hoje mesmo, quando chegar aos Pegos Verdes, mande deitar abaixo as taipas, e passem pelo caminho como de costume.

— Essa agora... essa agora... — pôs-se ele a ruminar, com os olhos esbugalhados direitos a mim. — Mas Vossenhoria é quem manda, e as pessoas aqui presentes — voltando-se para outros quinteiros que assistiam à cena — servirão de testemunhas de que eu não fiz mais que obedecer às ordens que me deram...

E alegre e leve como um pássaro, saltou em cima da mula que o esperava à porta do escritório, e lá foi a galope cumprir a grata missão.

Porém o Sr. Ponciano não era homem para se acomodar com estes expedientes e logo que o advogado, que foi sem demora consultar, o desenganou, aconselhando-o a que estivesse quieto, deixando a passagem livre, a não ser que preferisse intentar uma ação judicial, que seria longa, dispendiosa, e de resultados incertos, o Sr. Ponciano recorreu à intimidação, esboçando uma tragédia que apavorou o Sagreira e a sua prole.

E no domingo, quando já o não esperava e me encontrava conversando com vários caseiros, ei-lo que me aparece, quase que amparado pelos dois filhos mais velhos, o aspeto mais morto do que vivo, e todos três com lenços amarrados à roda da cabeça, como é uso e costume nas crises sazonáticas.

Dados os bons-dias em voz sumida, sem levantar os olhos do chão, e perguntando-lhe eu, realmente apreensivo de os ver assim amachucados, se estavam doentes, o Sagreira, em tom dramático, replicou:

— Prouvera a Deus que fosse doença e doença mortal, pois tudo era melhor do que aquilo que o velhaco do Ponciano imaginou para nos

atormentar. Do que é que aquele ladrão se havia de lembrar?... Saiba Vossenhoria que arranjou um malfeitor, um bandido, um assassino, saído há poucos dias da cadeia de Lagos, e pô-lo a guardar a courela, armado de uma escopeta de dois canos, com ordem de dar um tiro em quem quer que tente passar pelo caminho, e diz ele, alto e bom som, que se Vossenhoria lá for é o primeiro que o apanha...

— Ah! Sim? — atalhei eu entre risonho e agastado. — É só isso? Pois vá-lhe já dizer que na quarta-feira, às 10 horas, eu lá estarei e veremos então quem leva a melhor...

Com esta declaração perentória os Sagreiras pareciam ressuscitados, e sem mais demora abalaram para os Pegos Verdes; eu é que ainda bem não tinha proferido aquelas palavras imprudentes já delas me arrependera, e sentia-me como que atordoado com a ideia de me ir defrontar com um malandrim da mais ínfima espécie, capaz, provavelmente, de me desacatar e insultar. E tudo isto por causa de um caminho que só dava comodidade aos Sagreiras! Mas não havia mais remédio senão cumprir o que prometera...

José Cravo chamava-se o «assassino» e como o Ponciano não possuísse nos Pegos Verdes cabana ou «monte» próprio para o albergar, metera-o em casa de um vizinho meu, que era dos mais encarniçados inimigos dos Sagreiras.

Sem perder tempo, nesse mesmo dia telegrafei a um escrivão de Lagos, meu amigo, pedindo informações pelo próximo correio, as quais recebi logo na noite seguinte.

O José Cravo era enjeitado, alentejano, e tinha o cadastro muito carregado com cenas de tiros, escapando por milagre ao castigo até que a última lhe valera seis meses de prisão, pena que cumprira não havia ainda três semanas. Cabreiro de profissão, fora empregado do Ponciano numa herdade para os lados de Vila do Bispo, e aí se desaviera com um companheiro, mimoseando-o com uma chumbada nas pousadeiras. Durante o processo queixara-se amargamente do patrão, que, afirmava ele, fora a causa de tudo e o abandonara. Tinha uma amante, «lindíssima rapariga de costumes fáceis», mas que lhe era dedicada e fiel embora ele a maltratasse. Saído da cadeia, constava-lhe que partira para a Mexilhoeira, onde o Ponciano

o acolhera, dando-lhe casa e cama, sem dúvida receoso de algum atentado grave.

Má rês, o tal Zé Cravo... Nada me sorria o inevitável encontro, e matutando no partido que poderia tirar das informações recebidas, me pus na quarta-feira a caminho dos Pegos Velhos, de forma a chegar exatamente à hora indicada. Conseguiria eu impor-me ao respeito do «assassino», ou, adotando melhor política, compor-me com ele? Já na pendente desta última solução, lembra-me que para me justificar de antemão eu pensava: a verdadeira definição do «político» é um homem que aprecia os factos pelo que eles realmente são, e por eles regula a sua conduta... Estaria eu também com medo? Felizmente ninguém lia o que me ia na alma...

À entrada da herdade esperavam-me o António Sagreira e os filhos (todos ainda de lenços amarrados à volta da cabeça), e logo me contaram as bravatas e ameaças com que o Zé Cravo acolhera a notícia da minha vinda, fanfarronadas ainda não havia nada repetidas, em voz bem alta diante dos numerosos vizinhos, reunidos à entrada do caminho para assistir ao nosso encontro.

Quando lá cheguei o José Cravo estava de costas, na extremidade oposta da passagem, arengando, com grandes gestos, para um grupo de curiosos, e de costas ficou, como se não tivesse ouvido o trincolejar da «carrinha» em que eu vinha, ou como se a minha presença lhe não merecesse o mínimo cuidado, de modo que me apeei, entrei na courela, e só quando lhe bati com a mão no ombro é que ele se voltou, encarando-me com um sorriso escarninho.

— Então o senhor é que é o assassino? — perguntei.

— O assassino?

— Sim, toda a gente sabe que o Ponciano o encarregou de me matar.

— E o senhor quem é?

— Ó José Cravo, não te ponhas com graças... Vamos conversar a sério e acabemos com este entremês. Nós podemos muito bem entender-nos. Sei que te encontras num mau passo, e se estiver na minha mão o tirar-te de apuros podes contar comigo. De que é que tu mais precisas agora já?...

— Ora isso é que é falar direito... Pois saiba Vossa Excelência...

E contou-me, sem entrar em pormenores, que o Ponciano fora a origem da sua desgraça, mas, sem mais ninguém a que se chegasse ao sair da cadeia, a ele se acolhera, e aceitara o encargo de impedir a passagem pela courela a qualquer outra pessoa que não fosse eu, pois bem sabia que era esse o meu direito; que o Ponciano prometera dar-lhe ali mesmo um «monte», que ia construir, com rebanho de cabras e ovelhas

em que o interessaria, mas ele não acreditava nas suas promessas, e se lhe dessem qualquer outro emprego, fosse qual fosse, aceitava, pois o seu maior desejo era trabalhar honradamente. Observou-me que eu tinha na herdade vários «montes» desabitados, e um deles com um aprisco ainda em muito bom estado, e que seria uma grande esmola dar-lhe guarida e tomá-lo para cabreiro...

Contente com o inesperado jeito que o caso tomava, e sem mais reflexões, chamei pelo Sagreira, participei-lhe que o José Cravo já não estava ao serviço do Ponciano, e subindo para a «carrinha» fomos os três para o Convento, em boa camaradagem, com visível estupefação, ou melhor, desapontamento dos espectadores.

Chegados ao Convento mandei servir o abundante farnel que trouxera de casa, convidei-os para almoçar, e durante a refeição fomos combinando a melhor forma de instalar o José Cravo no «monte» com redil, que ficava para os lados da herdade chamados da «Malhada Verde», deixando assente que se compraria o primeiro gado no próximo mercado de Portimão, que era daí a oito dias.

O António Sagreira mal tocava na comida; não levantava os olhos do prato e a custo se lhe arrancavam as palavras em contraste com o José Cravo que parecia ter duas bocas (uma para falar e outra para comer) em plena atividade; exultava, já entrado no sonho da futura e infalível felicidade... O curioso, porém, é que loquaz e expansivo como parecia, sempre que eu tentava obter explicações sobre a sua repetida afirmação de que o Ponciano fora o «causador da sua desgraça», ele mudava de conversa.

Quando acabámos o almoço, e íamos dar uma rápida volta pela horta (eu estava com pressa de regressar a casa), reparei na espingarda que ele punha a tiracolo, magnífica arma de fabricação inglesa, que devia ter custado bom dinheiro, e perguntei-lhe onde a comprara.

— Não a comprei — explicou mastigando as palavras —, pertencia ao Sr. Ponciano, mas o diabo me leve se ela jamais lhe voltar às mãos...

Findo o passeio pela horta, disse ao José Cravo que fosse imediatamente ao «monte», ver as reparações de que necessitava, e subi para a «carrinha» com o Sagreira, a quem fui dando as últimas instruções sobre o caso, mas ele parecia sucumbido; só abria a boca para repetir: «Vossenhoria é quem manda...» Ao separarmo-nos, à saída da propriedade, reparei que tinha as lágrimas nos olhos:

— Que é isso, Sagreira?

— Não é nada, não é nada — e em voz cava: — Realmente meter Vossenhoria debaixo das suas telhas um assassino da força do Cravo!...

— Não seja tolo, Sagreira. Você cá está para o pôr na ordem, se for preciso...

Sozinho no carro, algo aturdido com a lembrança do que sucedera, e tendo nos ouvidos as últimas palavras do Sagreira: «meter um assassino debaixo das minhas telhas», não conseguia pensar noutros assuntos (alguns havia então bem sérios na minha vida) e vi-me constrangido a fazer rigoroso exame de consciência. O que me levaria a proceder com tanta benignidade, e em vez de buscar uma solução que afastava para sempre o José Cravo, porque fora que eu lhe proporcionara ensejo de ficar ao meu serviço? A impressão que o seu aspeto me causara tinha sido boníssima: de estatura regular, admiravelmente proporcionado; não sei que leveza e elasticidade nos movimentos que surpreendiam; a pele fina (efeito dos meses passados à sombra), e sem o encardido, o queimado da gente do campo; elegante (não é exagero) no seu traje de soriano; a cintura estreita apertada na cinta preta, muito larga; e nos olhos, que sorriam, uma expressão de lealdade, de confiança quase infantil... E o modo como ele dizia «Vossa Excelência», com a naturalidade de quem está habituado a tratar com pessoas de boa sociedade. Mas tudo isto não explicava coisa alguma. O seu cadastro lá estava, para me indicar o perigo das complicações que a sua estada nos Pegos Verdes acarretaria, e certamente ele teria aceitado qualquer soma razoável, que eu lhe oferecesse, para abandonar o serviço do Ponciano e voltar para o Alentejo.

Havia também o gosto de arrelhar o Ponciano, ao qual eu votara profunda aversão (com o rancor do proprietário), desde que ele me empalmara (por tão vis processos) as courelas encravadas na minha herdade; mas isso, tão-pouco era razão suficiente...

Perscrutando com insistência, ao fundo das minhas reflexões perpassava, como fugidia sombra, a frase da carta do escrivão de Lagos, referente à amante do José Cravo: «lindíssima rapariga de costumes fáceis». Isto na boca (ou na pena) de um velho e pacato pai de família, como era o meu correspondente, indicava realmente que a rapariga devia ser formosíssima. E era-lhe fiel e dedicada apesar dos maus-tratos... Uma pérola! Seria para a conhecer, para a ver, que eu procedera de maneira tão insensata? Quando cheguei a esta hipótese, desatei a rir, e o facto é que



se me aplacou a inquietação... «Ora seja o que Deus quiser» — resumi, já sereno e resignado.

Passaram duas semanas sem que me fosse possível voltar aos Pegos Verdes; entretanto fez-se a compra de gado, estipulando-se as condições da criação em termos largos e generosos, que mais encanzinaram os Sagreiras. O José Cravo mostrava-se contente e grato, e mais satisfeito ficou quando eu lhe disse que o negócio de leite, com a fabricação de requeijões e porventura de alguns queijos (se ele os soubesse preparar) ficava para a mulher, que teria metade no produto da venda, mas com a obrigação de me trazer o que fosse necessário para consumo da minha casa.

Durante esses quinze dias não consegui avistar a «pérola»; ela foi duas vezes à minha casa da Rua Direita, em cujo quintal e cavalaria os quinteiros abrigavam as bestas e juntavam as provisões, mas desencontrámo-nos. À minha mulher, porém, ou porque a notasse, ou mercê de algum «espírito santo de orelha», não escapou a formosura da cabreira e com acentuada ironia felicitou-me pela preciosa aquisição.

Isto surpreendeu-me porque na copiosa grinalda dos seus defeitos era a ciumeira que menos brilhava, e ainda mais me atizou o desejo de contemplar tão peregrina beldade.

Entrementes, a pretexto de agradecer (o que nunca fazia) a minha habitual esmola, veio visitar-me o velho Elisiário, caseiro reformado dos Pegos Verdes, e depois das acostumadas lamentações, que abrangiam sempre os sofrimentos hemorroidais do casal (e não haver remédio nenhum para semelhante praga! Pois que Deus nosso Senhor se compadeça da nossa desgraça!); após as jeremiadas de natureza física e espiritual, veio ao assunto exclusivo da sua visita, pelo qual eu esperava logo que o vi aparecer. Nos Pegos Verdes iam mosquitos por cordas: andava o diabo solto. O José Cravo não se entendia com os Sagreiras e recusava obedecer às «ordes» que lhe davam; ele é que queria a toda a força mandar, etc. Mas se era grande a guerra entre os homens, não andava menos acesa entre as mulheres, por causa da tal «santinha» da amiga do José Cravo, que a todos tratava como se fosse ela a rainha e «a verdade manda que se diga: rainha mais linda nunca ninguém viu...»

— Você reparou bem nela, Elisiário?

— Se reparei! Nela me ficaram os olhos. Ai, quem tivesse trinta anos menos... Pois também o Elisiário! Decididamente era indispensável que eu visse quanto antes aquela maravilha.

Ao almoço, minha mulher, a quem o Elisiário fizera igual relato, aludiu à desordem, ajuntando que urgia acabar com semelhante «escândalo».

— Não te aflijas com o que não é da tua alçada — repliquei em tom azedo. — Na próxima semana vou passar uns dias aos Pegos Verdes e logo verei o que mais convém fazer.

O meu escritório estava instalado numa casa térrea, assaz vasta, à entrada da vila, mesmo no ponto onde começava a estrada da Rocha. Ali tinha os meus livros, que constituíam já uma biblioteca respeitável, e alguns quadros e objetos artísticos da maior estimação, adquiridos durante as minhas viagens, e ali passava quase os dias inteiros, principiando logo de manhã, pois era lá que eu ia tomar banho e mudar de roupa. Tudo parecia preparado para a eventualidade (que eu nem por sombras entrevia) de uma separação conjugal: cozinha com todos os petrechos necessários; casa de jantar, e quarto de cama arranjado com certo gosto: um grande leito rococó de pau-santo, coberto com colcha de damasco verde-mar, guarda-roupa da mesma madeira e estilo, e um espelho de balanço, para corpo inteiro, diante do qual as raparigas do campo embasbacavam, se por acaso eu lho mostrava. A cozinha dava para um pátio ladrilhado com saída própria, e como a casa fizesse esquina por ali se escapava quem não quisesse ser visto pelas pessoas que estivessem dentro de casa ou à entrada principal. Tudo isto era favorável aos encontros amorosos e para esse fim a aproveitava com certa frequência; porém minha mulher, que tinha, como já apontei, a qualidade rara de não ser ciumenta, pouco implicava com as perspectivas da minha infidelidade, e nesse campo deixava-me inteiramente à vontade.

Aos domingos, a partir das 11 horas, vinham os caseiros cobrar a fêria e dar conta do que se passara nas suas respetivas fazendas, ficando geralmente tudo despachado às duas da tarde, salvo em dias de mercado em que as transações com o gado obrigavam a maiores demoras. Eu ia a casa almoçar às nove e meia e uma hora depois era certo encontrar-me no escritório.

Às 8 horas do próximo domingo, quando me preparava para sair, bateram-me à porta de uma forma tão hesitante que julguei ser brincadeira de moços e não acudi. Logo repetiram os toques de aldrava, porém ainda sem firmeza nem jeito próprio de quem viesse em comissão de serviço; e mais persuadido de que eram garotos da vizinhança aproximei-me pé ante

pé, e de mau talante abri subitamente a porta, para surpreender e talvez castigar os importunos. No corredor reinava completa escuridão, e pela porta que escancarei rompeu, vivo como fogo, um quadro de sol sustendo uma figura de rapariga, que aos meus olhos encandeados mais pareceu visão sobrenatural. O choque foi tremendo, baralhando-me totalmente as ideias. Aqueles olhos, aquela boca, aquele sorriso... Mas era ela, sem a menor dúvida...

— Júlia... és tu?... — exclamei, puxando por ela e fechando a porta — Júlia, como estás linda... — e sem mais preâmbulos comecei a beijá-la, e levei-a para o quarto de cama onde a luz era também escassa, pois estavam corridas as cortinas da janela.

No acesso de embriaguez que me tomara eu só pensava em satisfazer os sentidos, e cheguei ao final da minha desvairada investida sem quase me aperceber da silenciosa passividade daquela mulher, que se me não repelia tão-pouco me retribuía as carícias, ou dava a menor mostra de as apreciar ou saborear. Foi somente num instante de acalmia, quando pela centésima vez, entre beijos, eu repetia: — Júlia, minha querida Júlia — e ela de repente me perguntou: — Mas como é que sabe o meu nome? — foi então, e só então, que eu caí em mim, adquirindo a consciência do que se passara. Ela era o retrato vivo e exatíssimo de uma Júlia de 15 anos que eu, muito em rapaz no Porto, amara e desejara ardentemente, não lhe tendo alcançado as primícias porque ela me as recusasse, mas porque as circunstâncias o haviam impedido. A sua inesperada aparição, no deslumbrante quadro de luz que a envolvia, acendera essas recordações com vigor que sem me aperceber do absurdo, ou eliminando-me por gravoso, eu apertava nos braços a rapariga como se fosse a mesma Júlia de vinte anos atrás...

Vimos a explicações, mas apressadas e confusas porque o tempo urgia: esperava-me o almoço em casa e podia sobrevir algum importuno, como sucedia amiúde aos domingos, àquela hora. Júlia era com efeito o seu nome, mas no Algarve salvo o amante ninguém mais o sabia. Chamava-se agora Marta, e havia razões especiais que a impediam de usar o outro nome. Ela era natural do Porto e fora, novinha, atirada para a desgraça, de onde o José Cravo a libertara, livrando-a ao mesmo tempo dum mau passo em que involuntariamente caíra, e a obrigara a mudar de nome. Ouvindo-me chamar-lhe Júlia imaginou que eu a conhecera nalguma casa mal-afamada, e não se atrevera a resistir, do que já estava arrependida,

pois sempre fora fiel ao amante, a quem devia gratidão; além disso ele era capaz de a matar, só que suspeitasse da traição.

Enquanto falava parecia estudar-me o rosto a preceito; por fim o sorriso voltou-lhe aos lábios e começou a olhar-me com simpatia. Disse-lhe então que tencionava ir passar dois ou três dias aos Pegos Verdes, na semana em que entrávamos, e lá teríamos ensejo de conversar largamente sobre o passado e o presente, mas na certeza de que eu não desistia, fosse qual fosse o risco de continuar os deliciosos momentos daquela manhã, salvo se ela sentisse por mim qualquer invencível repugnância e se negasse terminantemente a satisfazer o meu desejo. Protestou com veemência contra a ideia da «invencível repugnância» e para o provar beijou-me na boca, mas entrevia tanto empenho para renovar os nossos encontros que os julgava impossíveis.

— Mas tu podes voltar aqui ao escritório.

— Não sei; isto foi um acaso; e já me ia esquecendo o motivo que cá me trouxe. O meu homem aqui manda esta continha do pedreiro que trabalhou no «monte» e que ele não quis dar ao Sagreira porque não se entendem...

— Já cá tinha a notícia de que vocês andam todos a ferro e fogo.

— Todos? Não senhor; é só o meu marido e o velho Sagreira, com o qual os próprios filhos andam às bulhas. Eu cá por mim estou bem com todos, e a Emília, a mulher do Luís que está no Convento, é grande amiga minha.

— Sim? quanto estimo. Desse modo quando eu lá estiver tu poderás conversar comigo as vezes que quiseres...

— Talvez — atalhou ela —, mas deixe-me ir embora que se faz tarde.

Os meus beijos de despedida foram de fogo, mas ficou-me a impressão de que aqueles com que ela correspondia não eram menos ardentes...

Antes de sair pediu para voltar ao quarto de cama, e pôs-se diante do espelho a arranjar o lenço e os cabelos; depois ficou-se quieta e como que pasmada perante a sua própria imagem; por fim atirou-lhe beijos, ao passo que me dizia:

— Há tanto tempo que me não via num espelho como este... É que eu realmente sou bonita, não é verdade?...

Esta inesperada aventura deixou-me como que assombrado e incapaz de desviar dela o pensamento, fosse qual fosse o assunto que lhe solicitasse a atenção. Minha mulher, que durante o almoço não conseguira

tirar-me da modorra em que caíra (mal respondia por monossílabos às suas insistentes perguntas), aconselhou-me a que chamasse o médico: eu parecia sonâmbulo e devia estar seriamente doente.

Mas o caso é que se doença havia era de contentamento, de exultação; no meu espírito persistia a confusão entre as duas Júlias: a virgem tão almejada dos meus tempos de rapaz (deslumbrante fruto em que não conseguira meter o dente) e a mulher perfeita de que gozara sem resistências as delícias, e que era apenas a outra desabrochada e amadurecida.

Para explicar convenientemente este fenómeno, seria necessário narrar o que haviam sido aqueles amores baldados, as horas de luxúria insatisfeita, os riscos de ser surpreendido e trucidado. Um acontecimento capital da minha vida ficara em suspenso, e de repente realizara-se integralmente sem peias nem estorvos.

Agora o que importava era dar-lhe a digna e merecida continuação, mas para isso tornava-se indispensável estudar «in loco» as disposições de todos os fatores adversos ou favoráveis, e foram de verdadeira febre os três ou quatro dias que antecederam a minha ida aos Pegos Verdes.

Os meus aposentos no Convento compunham-se de três quartos, cozinha, e casa de jantar, esta bastante vasta e com janela deitando para a horta. Tanto a cozinha como os quartos eram antigas celas dos frades e abriam para o claustro, o qual tinha uma única entrada e estava tupidamente de laranjeiras e nespereiras de proporções colossais. A habitação dos quinteiros compreendia o antigo refeitório, celeiros, ramada, cavaliçã e mais divisões utilizadas na exploração agrícola; com entrada independente, comunicava, no entanto, com o claustro, por uma porta interior que só servia quando eu lá estava.

No mesmo domingo em que a Júlia ou, melhor, a Marta veio ao escritório, avisei o Sagreira da minha próxima visita, para que a nora procedesse à limpeza e arranjos indispensáveis (era a primeira vez que eu lá ia dormir depois da saída de Elisiário) mas sem indicar dia certo, e quando lá cheguei fiquei muito agradavelmente surpreendido com a ordem e asseio em que encontrei tudo; porém o que mais me impressionou foi a abundância e arte da ornamentação floral, composta de molhos de murta e rosmaninho, em púcaros de barro, e grandes copos de vidro cheios de rosas, jacintos e narcisos. Nem eu sabia que naquela estação (íamos a meio do inverno) houvesse ali tanta flor, e festejei a Emília pelo seu bom

gosto, agradecendo ao mesmo tempo os cuidados que lhe merecera. Mas ela atalhou com vivacidade:

— Tudo isto é obra da menina Marta. Logo que o meu sogro deu notícia da vinda de Vossa Senhoria ela ofereceu-se para me ajudar, e foi ela quem colheu e arranjou as flores, e todas as manhãs vem ver se alguma está murcha para mudar. Ainda hoje ela cá esteve...

— Então vocês são amigas?

— Muito... Ela é uma rapariga muito fina e também muito dada; já me parece que somos como irmãs.

Bravo! Pensei eu com os meus botões. Isto prova, pelo menos, que a linda Júlia consente em continuar a deliciosa aventura começada no domingo. E não cabia em mim de alegre e satisfeito.

Ao meio-dia o José Cravo veio cumprimentar-me. Ele fazia grande diferença da primeira vez que o vira. Agora, tostado pelo sol, com o fato usado, e os largos calções de coiro próprios dos cabreiros, parecia mais forte, mais viril. Oferece os seus serviços, protestando novamente da gratidão que me deve; declara-se contente com a sua situação embora apreensivo com uns casos de morrinha aparecidos nos cordeiros, e termina oferecendo também os serviços da Marta, para tudo quanto fosse necessário:

— Ela já cá veio ajudar a menina Emília no arranjo da casa e está às ordens de Vossa Excelência...

— Já o sabia e agradeço, sobretudo se ela quiser tratar da comida, em que a Emília não é muito forte...

— Ora essa. Considere-a Vossa Excelência como criada sua.

Quando eu acabava de dormir a sesta senti passos na cozinha, e como não tivesse ouvido ranger a porta de entrada ao claustro, cujo ruído era forte e característico, julguei ser a Emília que houvesse passado pela porta interior, e sem me levantar chamei por ela para saber o que me daria para a ceia.

— Não é a Emília, sou eu... — responde-me a Marta, irrompendo pelo quarto dentro e vindo sentar-se-me à beira da cama.

Mais linda do que nunca, tal qual a minha Júlia do Porto...

Novo acesso de loucura amorosa, mas agora em comunhão perfeita — até à medula — com a minha adorada cúmplice.

De repente começou a tutear-me, como se fôssemos velhos conhecidos, ou como se realmente nos tivéssemos já encontrado alguma das casas de perdição por onde ela passara. O tratamento «de tu», na sua boca, era

um encanto novo, mas depressa notei que o usava somente quando eu a chamava Júlia; se dizia Marta ela acudia logo com um «vossa excelência». Observei-lho, mas ela não sabia explicar por que o fazia, e entre risos e beijos segredava-me:

— Eu sei lá porque é... Quando me chamas Júlia o coração pula-me de contente. Dá-me como que uma certeza de que já te vira, que já te conhecera... de que já te amara, a ti, e nunca amei mais ninguém...

— E o José Cravo?... — interrompi eu, estúpida e brutalmente. Vieram-lhe as lágrimas aos olhos.

— Eu gosto dele apesar de me bater, e tenho pena de o atraíçoar. Mas gosto de outra maneira... e não me assusta o castigo que me espera e há de ser grande..., à sua sorte ninguém escapa...

Com beijos lhe fechei a boca, pedindo-lhe perdão de ter falado no amante.

O caso, porém, e que eu não conseguia destrinçar as duas Júlias, e por ter amado a outra julgava-me com direito a ser amado agora por esta.

Curiosa confusão! E não seria esta Júlia pelo menos filha da outra? Nas suas reminiscências aparecia a madrinha, uma virago a quem chamavam a «Siflóilde», que tinha casa de hóspedes, especialmente frequentada por estudantes, e cujos sinais correspondiam aos da minha hospedeira do Porto.

Esses três dias nos Pegos Verdes foram de completa embriaguez. Perfeita liberdade nos encontros que, evidentemente, a Emília favorecia; confiança absoluta por parte do José Cravo; tempo divino, permitindo os longos passeios solitários e sem destino, por montes e vales, a que tão afeiçoado sou. Até o António Sagreira parecia entrado nos eixos; pelo menos abriu as tréguas com o seu competidor, evitando discussões e conflitos.

A estiagem fora grande durante o ano inteiro, diminuindo muitíssimo a água da nora. O Sagreira propunha que a refundassem, explorando ao mesmo tempo uma fonte que lhe ficava perto, e que se fizessem na horta vários trabalhos de aterragem e canalização, no que prontamente consenti, sob condição de que tudo começaria daí a quinze dias, que era quando eu poderia vir passar uma semana aos Pegos Verdes, para dirigir e encaminhar aqueles trabalhos.

Com Marta combinei até nos mínimos detalhes a forma como nos havíamos de encontrar no escritório, de modo a não inspirar desconfiança à minha mulher, nem ao José Cravo.

Bastante rogada contou-me o que se passara na herdade da Vila do Bispo, aclarando o sentido das palavras com que o José Cravo habitualmente se referia ao Ponciano: «causador da minha desgraça». O Ponciano assim que a vira começou a namorá-la, mas tanto nojo lhe causava que um dia ela cuspiu-lhe na cara. Ele então induziu um rapaz, que também era pastor e morava na herdade, a que a seduzisse, prometendo-lhe dinheiro se o conseguisse. O rapaz, apesar das suas repulsas e ameaças de o denunciar ao amante, fez-se atrevido, e ao fim de pouco tempo gabou-se ao Ponciano «de a ter já apanhado»; o que este foi imediatamente contar ao José Cravo. Daí a chumbada nas pousadeiras que, ajuntava ela, mais do que ninguém o Ponciano merecia, mas, para não complicar a situação, nunca dera parte ao amante dos seus requebros. — E nós agora — acrescentava ela — precisamos ter muita conta connosco, não vá ele desconfiar de alguma coisa e armar-nos alguma ratoeira... Sabe o que ele me disse da primeira vez que lhe vim arranjar a ceia?: «toma cuidado com as brincadeiras do patrão, e se algum dia me vires carregar a espingarda com balas, podes ter a certeza de que uma é para ti e a outra para ele». E o José Cravo é homem para o fazer e muito mais...

Pois seria, mas isso em nada perturbava a minha felicidade, o meu embevecimento. Aquela aventura era para mim como que a realização de um sonho delicioso, e não encontrava nas recordações do passado mulher comparável à Júlia que nunca possuía e de que fruía agora a acabada imagem. Tão satisfeito e alegre andava que toda a gente notava a diferença; até a minha mulher (que então estava grávida e sempre macambúzia) me repetia a miúdo: — Mas o que tens tu que pareces outro: remoçaste de dez anos... Isso é de me veres aflita...

Os trabalhos da horta, que propositadamente ampliei, deram-me pretexto a voltar a miúdo aos Pegos Verdes, sem que motivasse reparo, ou suspeita da verdadeira razão que lá me levava. A minha presença ali concorria também para acalmar as rivalidades e invejas que a situação do José Cravo suscitava; a paz, aparentemente, tornou-se perfeita, tendo acabado de todo os melindres e queixas de que a princípio me chegava, por assim dizer, notícia diária.

A disposição topográfica do pequeno largo (para o qual convergiam cinco ruas) onde estava o meu escritório, fazia-o de muita passagem, porque dava saída à vila e abria caminho para a praia; as horas escolhidas



para os nossos encontros, e a habilidade com que a Marta se disfarçava, tapando a boca com um lenço, como se tivesse dor de dentes, ou cobrindo a cabeça com o xale, à moda do campo, tudo parecia garantir a impunidade aos nossos arriscados amores. Porém, ao fim de algum tempo, como sucede sempre em casos tais, foram diminuindo as cautelas, e a rapariga permitia-se liberdades que podiam ser funestas. Por exemplo: uma das coisas que mais a encantavam (e a mim também) era contemplar-se nua, ao espelho móvel do quarto de cama, com risco de sobrevir alguém a que eu não pudesse negar entrada. Pois sucedeu uma vez que por um instante a minha mulher a não apanha em trajas de Eva. Acabava de se vestir quando batem à porta da rua de um modo que se não prestava a dúvidas: era pessoa muito familiar. A Marta mal teve tempo de se escamugir pela porta do pátio. Era a minha mulher, que nunca ali ia, mas por um capricho próprio do estado em que se achava, coitada, resolvera vir em pessoa informar-se da nevralgia que eu simulara ao acordar para me pôr mais cedo ao fresco...

Em frente ao escritório ficava a farmácia de um velho boticário, que já nada vendia e só aos domingos abria o estabelecimento; mais de uma vez me parecera entrever, pela porta envidraçada que dava para o largo, o vulto do Baltasar Ponciano, e isso levava-me a aconselhar mais prudência à Júlia, porém, com grande espanto meu ela replicou-me vivamente:

— Ah! Sim? vem espreitar? pois inda bem, é para que saiba. Acaba por estoirar de inveja...

Eu já não agoirava nada bom de tanta imprudência, mas o amor, o desejo que ela me inspirava cegava-me e os encontros multiplicavam-se sem as necessárias precauções.

Íamos no fim de abril; minha mulher tivera o seu bom sucesso (um mocetão forte e vermelho como um bezerro) mas ficara muito fraca, em consequência da grande hemorragia que sobreviera ao parto; não se levantava, porém acalmara-se-lhe a inquietação pechosa em que andava nos últimos tempos, e toda ela parecia ressumar condescendência e bondade. Foi ela própria que me lembrou a festa do 1.º de Maio, aconselhando-me a que a fosse passar aos Pegos Verdes, no que eu concordei de bom grado.

A festa caía numa terça-feira. No domingo que a precedeu eu esperava a Júlia no escritório, vigiando o largo por uma fresta da janela do quarto de cama, quando divisei distintamente o Ponciano entrando na botica, e depois o seu vulto postado à porta envidraçada. Apressei-me a pôr na

minha janela um grande vaso vermelho, sinal convencionado para indicar à Júlia que devia entrar pela porta do pátio. Ela pouco tardou mas vinha tão despreocupada que só deu pelo sinal muito perto de casa, e hesitou ainda, antes de tomar a outra rua.

— O que sucedeu? — perguntou-me a rir, apenas entrou. Expliquei.

— Pois o pior foi que ali na venda da outra rua estava o Isidro, o pastor da Vila do Bispo que levou a chumbada...

— E viu-te entrar?

— Com certeza.

— E não tens medo?

— Eu já não tenho medo de nada... E agora sempre te quero dizer que ando desconfiada de que o José Cravo não se importa com isto e pensa em deixar-me...

— Sim? Isso é que era oiro sobre azul...

Participei-lhe a minha ida aos Pegos Verdes na terça-feira e recomendei-lhe que arranjasse uma «maia» bonita, com muitas flores.

— Olá; e eu, que pela primeira vez assisto a essa função, hei de mostrar que ninguém me leva a palma nos enfeites da boneca.

Quando o Sagreira chegou apressei-me a falar-lhe na festa projetada, que desejava fosse de estrondo; dei-lhe dinheiro bastante para as filhós, ordem para matar dois carneiros gordos e meia dúzia de galinhas, e chamei o feitor da adega para lhe dizer que nesse mesmo dia mandasse para os Pegos Verdes meia pipa de vinho tinto e dois garrações de vinho doce. O Sagreira parecia assombrado.

— Ora ainda bem — observou. — Que grande regabofe para a rapaziada, que bem o merece..., e nada é de mais para festejar a vinda do morgado com que a divina Providência mimoseou Vossa Senhoria...

Era com efeito o primeiro filho do sexo masculino que me aparecia (até ali só tivera fêmeas), porém que longe eu estava de pensar no caso, a que logo me agarrei.

— Sim senhor, sim senhor... — acudi pressuroso, e voltando-me para o feitor: — Em vez de meia pipa de vinho mande uma pipa cheia.

Combinou-se que a «maia» teria as dimensões do corpo humano, e seria armada na eira, onde logo ao começo da tarde havia sombra e o piso era excelente para se dançar à vontade. Ficou o Sagreira encarregado de fazer os convites e de arranjar dois tocadores de harmónica dos melhores que houvesse nos povos da vizinhança.

Tudo isto em honra da minha Júlia, que tão contente se mostrava com a ideia da festa, e toda a minha pena era de a não poder celebrar em salas de luxo, com banquetes de iguarias raras, regadas a champanhe.

Na terça-feira pus-me a caminho antes do nascer do Sol («fazes bem em ir cedo para evitar o calor» — observou a minha afetuosa esposa), e às 9 horas já eu estava na eira, examinando a «maia» e as ornamentações que me deixaram bastante desapontado.

«Já vejo que a Júlia para festas rústicas tem pouco jeito...» pensei.

No Convento ia enorme azáfama, e não eram menos de doze as raparigas que trabalhavam na cozinha; mas debalde os meus olhos ávidos procuravam entre elas o corpo airoso e o rosto lindo da minha Júlia, o que não passou despercebido à Emília, a qual tão depressa eu cheguei ao meu quarto correu a participar-me que ela viera da vila doente, e não podia assistir à festa.

— Talvez lá para a tarde ela apareça, mas será por pouco tempo, de fugida... — e com ar misterioso: — Não é só doença o que ela tem; o José Cravo zangou-se com ela e deveras; até me parece que lhe bateu e proibiu-lhe de assistir à festa...

Pela volta do meio-dia apresentou-se-me o José Cravo, dizendo que vinha cumprir a sua obrigação: receber ordens. Pouco se demorou, e nem uma só vez, durante a nossa conversa, consegui fixar-lhe os olhos, que se desviavam tão depressa percebiam que os meus os procuravam.

Fácil será imaginar a perturbação que tudo isto me causou. Pretextando enxaqueca não assisti ao jantar, conservando-me em casa febril e ansioso, à espera de que a Júlia viesse, e ao mesmo tempo rogando aos meus deuses que se não arriscasse ao perigo que a desobediência ao amante neste caso lhe oferecia. Do seu monte ao Convento eram pelo menos vinte minutos de caminho (e que caminho: de cabras!) e seria impossível que ele não desse pela sua ausência.

Mas ela sempre veio, ao cair da tarde e já quando eu a não esperava. Que aspeto o seu! Branca de cera; olheiras e lábios roxos; as mãos geladas, e porventura mais encantadora do que nunca.

O amante não lhe batera, mas no domingo à noite, à volta da Figueira, onde fora cobrar a importância de uns carneiros que lá vendera, entrou em casa calado, atirou-se vestido em cima da cama e pôs-se a chorar.

Ela, que estava preparando a ceia, ouviu-lhe os soluços e, com verdadeiro dó, pois nunca o tinha visto chorar acercou-se para o amimar. Mas ele repeliu-a com tal força que a fez cair no chão, e sentando-se à beira da cama principiou a insultá-la. Depois contou que o Isidro da Vila do Bispo (o da chumbada) andara por todas as vendas do povo a dizer que ela ia dar comigo ao escritório, demorando-se horas quando eu estava sozinho, e nunca saindo pela mesma porta por onde entrava, como quem queria escapar à curiosidade da vizinhança, a qual, toda, sabia já quem ela era e zombava das suas artimanhas. Se eu vinha por alguns dias ao Convento era ela que de mim tratava e comigo dormia. E, asseverava o Isidro, o José Cravo era sabedor e consentidor de tudo isto. Era esta parte que mais lhe doía, e quanto repetia isso vinham-lhe ataques de ira que o sufocavam e ficava quase sem sentidos. Em suma ele proibira-a de voltar ao Convento, e ainda nessa manhã lhe repetira que se ela se atrevesse a vir enquanto eu cá estivesse, a matava. Durante o dia mais de uma vez dependurara e limpava a espingarda que o Ponciano, com ser como é tão miserável e vilão ruim, nunca mais reclamou... É por mais que ela procurasse não conseguira encontrar as cargas com bala, que ele habitualmente conservava na arca da roupa metidas na algibeira do jaquetão de ver a Deus. Apesar de tudo ela sempre viera ao Convento, só para me pedir de joelhos que me fosse já embora...

Adverti-lhe que seria a maior das vergonhas se fugisse e isso nunca eu faria. Ela então, lavada em lágrimas e cobrindo-me de beijos, despediu-se soluçando:

— Se o vir carregar a espingarda com balas, ainda que seja de rastos cá te venho dizer.

Eu não me lembro de ter, em toda a minha vida, horas de tão cruciante angústia como as que se seguiram a esta cena. A tensão nervosa era tal que o corpo todo me doía. E afligia-me, sobretudo, a impossibilidade de tomar qualquer resolução definitiva. Raptá-la? A atonia cerebral era completa: na cabeça, mais vazia do que uma esfera de vidro, perpassava em letras de fogo a mesma frase obcecante: tudo menos perdê-la. E com tudo isto a impertinente alegria da festa que não acabava: a sanfoninada música das harmónicas; os gritos das raparigas extenuadas que os lapuzes arrastavam para a dança; o falatório aldrabado dos velhos avinhados...

Tudo menos perdê-la!...

Já cerrara a noite quando aquela gente se resolveu a dar fim à função, apeando a «maia» do mastro a que a haviam ligado de manhã; e em procição ma trouxeram. Recebi-os à janela da casa de jantar que tinha, da parte de fora, um banco de alvenaria onde assentaram a boneca. Depois dos vivos e agradecimentos do estilo lá me deixaram só, ou, melhor, na companhia da «maia», em cuja cabeça puseram o meu chapéu, e que parecia estar descansando das fadigas do dia, mas a máscara voltada para dentro sem me perder de vista. O parapeito da janela chegava-lhe aos ombros, de modo que a luz do candeeiro lhe iluminava a cabeça. Naqule mesmo banco, e naquela mesma posição, costumava eu levar horas, dormitando ou lendo, e a Emília, quando me veio trazer a ceia, ainda se iludiu supondo que a «maia» era eu. Ainda tentou falar a respeito da Marta, mas eu despedi-a, recomendando-lhe que se fosse deitar: no dia seguinte conversaríamos.

Sentei-me à mesa, mas sem tocar em prato algum, e abri um livro com tão expressa vontade de ler, para me distrair (para sair de mim mesmo) que realmente consegui fazê-lo, e ainda hoje recordo as páginas que li, com frases que sou capaz de repetir. Porém fez-se-me no pensamento um tão completo desdobramento, que a leitura atenta o não impedia de conjeturar o que sucederia a Júlia, e o que me sucederia a mim mesmo, se persistisse a loucura que me atacara. Não que eu acreditasse em mortes, nem em tiros...

E justamente neste ponto do meu monólogo ouvi um tiro. — Quem diabo se entreterá a estas horas a dar tiros? — observei aborrecido mas sem por sombras ligar o que ouvira com o caso da Júlia. E continuei lendo e considerando: — Raptá-la? E depois? Mas o José Cravo não seria homem que por dinheiro entrasse nalguma combinação amigável?... — esta ideia como que me aliviou. — Ele não há de ser tão mau como o pintam...

Outro tiro; este então já muito próximo do Convento, e ao mesmo tempo a cabeça da «maia» mexia, e a bilha de água fresca, sobre o aparador, tinia e esguichava água pelo bojo. A bala atravessara a cabeça da boneca e a bilha...

Ao ruído do tiro acudiram logo os quinteiros e mais pessoal que trabalhava no Convento, além da outra gente que por habitar longe ali ficara a passar a noite, e ao verem o furo na cabeça da «maia» declararam unanimemente:

— Isto foi obra do José Cravo; ele julgou que a «maia» era o patrão...

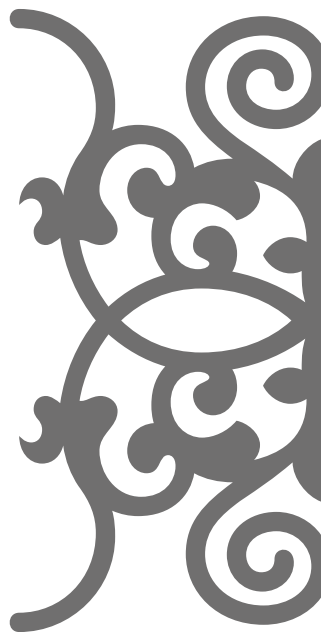
Espantosa, horrível, essa noite que me pareceu infundável, da qual me não posso lembrar sem pavor. E não enlouqueci. Porém duvido que haja nervos que resistam a duas noites como essa. Foi nos seus transe que me apareceram nas fontes as primeiras cãs — e numerosas.

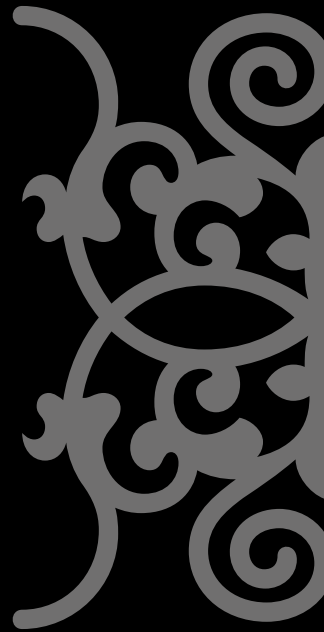
Ainda não rompera a madrugada, e já os moços do curral vinham anunciar que o José Cravo desaparecera e a Marta jazia morta num pequeno terreiro a meio caminho do Convento. Faltou-me o ânimo para a ir ver, mas segundo me contou a Emília o cadáver parecia sorrir. Provavelmente ao ver José Cravo carregar a espingarda com bala, levantara-se da cama, e sem mais roupa do que a camisa e um xale sobre os ombros, deitara a correr para me vir prevenir. Mas o amante seguira-a e logo que a alcançou matou-a com um tiro no coração, como se verificou pela autópsia. A morte devia ter sido instantânea...

O lugar onde encontraram o cadáver passou a ser conhecido pelo «Sítio da mulher morta»; e o curioso é que, poucos dias depois, todo o terreiro estava coberto desses pequenos lírios roxos a que no Algarve chamam flores de maio, e que era raro ver naquela região. Todos os anos o fenómeno se repete.

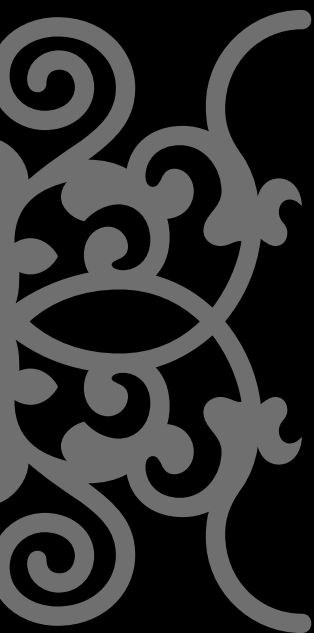
Do José Cravo, até hoje, não houve mais novas nem mandados.

*Bougie, maio de 1934.*











## ÍNDICE

|   |   |
|---|---|
| PREFÁCIO,<br><i>por</i> HELENA CARVALHÃO BUESCU ..... | 5 |
|---|---|

### GENTE SINGULAR

|   |     |
|---|-----|
| D. JOAQUINA EUSTÁQUIA SIMÕES DE ALJEZUR (HISTORIETA QUASE<br>ROMÂNTICA) ..... | 17  |
| JOGOS DE BOLSA .....  | 33  |
| GENTE SINGULAR .....  | 59  |
| ÁLBUM (CONTO GROTESCO) .....  | 85  |
| SEDE DE SANGUE .....  | 97  |
| POSFÁCIO .....  | 113 |
| O TRISTE FIM DO MAJOR TATIBIATE (CONTO SIMBÓLICO) .....                       | 117 |
| PROFECIA CERTA .....  | 129 |

### NOVELAS ERÓTICAS

|                               |     |
|-------------------------------|-----|
| DEUS <i>EX MACHINA</i> .....  | 141 |
| A CIGANA .....                | 173 |
| MARGARETA .....               | 183 |
| CORDÉLIA .....                | 195 |
| ? .....                       | 201 |
| O SÍTIO DA MULHER MORTA ..... | 207 |

### MARIA ADELAIDE

|           |     |
|-----------|-----|
| I .....   | 235 |
| II .....  | 237 |
| III ..... | 239 |
| IV .....  | 241 |

|               |     |
|---------------|-----|
| V .....       | 243 |
| VI .....      | 245 |
| VII .....     | 247 |
| VIII .....    | 249 |
| IX .....      | 251 |
| X .....       | 253 |
| XI .....      | 255 |
| XII .....     | 257 |
| XIII .....    | 259 |
| XIV .....     | 261 |
| XV .....      | 263 |
| XVI .....     | 265 |
| XVII .....    | 267 |
| XVIII .....   | 271 |
| XIX .....     | 273 |
| XX .....      | 275 |
| XXI .....     | 277 |
| XXII .....    | 279 |
| XXIII .....   | 281 |
| XXIV .....    | 285 |
| XXV .....     | 287 |
| XXVI .....    | 289 |
| XXVII .....   | 291 |
| XXVIII .....  | 297 |
| XXIX .....    | 299 |
| XXX .....     | 301 |
| XXXI .....    | 303 |
| XXXII .....   | 305 |
| XXXIII .....  | 307 |
| XXXIV .....   | 309 |
| XXXV .....    | 311 |
| XXXVI .....   | 313 |
| XXXVII .....  | 315 |
| XXXVIII ..... | 317 |
| XXXIX .....   | 319 |
| XL .....      | 321 |

|               |     |
|---------------|-----|
| XL I .....    | 323 |
| XL II .....   | 325 |
| XL III .....  | 327 |
| XL IV .....   | 329 |
| XL V .....    | 331 |
| XL VI .....   | 333 |
| XL VII .....  | 335 |
| XL VIII ..... | 337 |
| XL IX .....   | 339 |
| L .....       | 341 |
| LI .....      | 343 |
| LII .....     | 345 |

**ANA ROSA**

|                       |            |
|-----------------------|------------|
| <b>ANA ROSA .....</b> | <b>351</b> |
|-----------------------|------------|



## OBRAS DE MANUEL TEIXEIRA-GOMES

- Inventário de Junho*, 1.<sup>a</sup> ed., Porto, Typographia de A. J. da Silva Teixeira, 1899; 2.<sup>a</sup> ed., Lisboa, Livraria Classica Editora de A. M. Teixeira, 1918; 3.<sup>a</sup> ed., ilustrada, Lisboa, Seara Nova, 1933; 4.<sup>a</sup> ed., Lisboa, Portugália Editora, 1958; 5.<sup>a</sup> ed., com prefácio de Urbano Tavares Rodrigues, Lisboa, Bertrand Editora, 1984.
- Cartas sem Moral Nenhuma*, 1.<sup>a</sup> ed., Lisboa, Livraria Editora Tavares Cardoso & Irmão, 1903; 2.<sup>a</sup> ed., Lisboa, Clássica Editora, 1912; 3.<sup>a</sup> ed., Lisboa, Seara Nova, 1934; 4.<sup>a</sup> ed., Lisboa, Portugália Editora, [s. d.] (1958); 5.<sup>a</sup> ed., Lisboa, Bertrand Editora, 1986.
- Agosto Azul*, 1.<sup>a</sup> ed., Lisboa, Livraria Classica Editora de A. M. Teixeira, 1904; 2.<sup>a</sup> ed., Lisboa, Seara Nova, 1930; 3.<sup>a</sup> ed., Lisboa, Portugália Editora, 1958; 4.<sup>a</sup> ed., Lisboa, Bertrand Editora, 1984.
- Sabina Freire*, 1.<sup>a</sup> ed., Lisboa, Livraria Classica Editora de A. M. Teixeira, 1905; 2.<sup>a</sup> ed., Lisboa, Seara Nova, 1936; 3.<sup>a</sup> ed. (com estudo crítico de Carlos Malheiro Dias), Lisboa, Portugália Editora, [s. d.] (1958); 4.<sup>a</sup> ed., Lisboa Bertrand Editora, 1987.
- Desenhos e Anecdotas de João de Deus — Reprodução de Um Artigo da Revista Arte & Vida para Ser Vendida em Proveito da Associação das Escolas Moveis pelo Methodo João de Deus*, Lisboa, Livraria Classica Editora de A. M. Teixeira, 1907.
- Gente Singular*, 1.<sup>a</sup> ed., Lisboa, Livraria Clássica Editora de A. M. Teixeira, 1909; 2.<sup>a</sup> ed., Lisboa, Seara Nova, 1931; 3.<sup>a</sup> ed., Lisboa, Portugália Editora, [s. d.] (1958); 4.<sup>a</sup> ed., Lisboa, Bertrand Editora, 1988.
- Cartas a Columbano*, 1.<sup>a</sup> ed., Lisboa, Seara Nova, 1932; 2.<sup>a</sup> ed. [com três retratos do autor por Columbano], Lisboa, Portugália Editora, [s. d.] (1957).
- Regressos*, 1.<sup>a</sup> ed., Lisboa, Seara Nova, 1935; 2.<sup>a</sup> ed., Lisboa, Seara Nova, 1935; 3.<sup>a</sup> ed., Lisboa, Portugália Editora, 1960; 4.<sup>a</sup> ed., Lisboa, Bertrand Editora, 1991.
- Novelas Eróticas*, 1.<sup>a</sup> ed., Lisboa, Seara Nova, 1935; 2.<sup>a</sup> ed., Lisboa, Portugália Editora, [s. d.] (1961).
- Miscelânea*, 1.<sup>a</sup> ed., Lisboa, Seara Nova, 1937; 2.<sup>a</sup> ed., vol. I, Lisboa, Portugália Editora, Lisboa, [s. d.] (1959); 3.<sup>a</sup> ed., Lisboa, Bertrand Editora, 1988.
- Maria Adelaide*, 1.<sup>a</sup> ed., Lisboa, Seara Nova, 1938; 2.<sup>a</sup> ed., Lisboa, Portugália Editora, [s. d.] (1959); 3.<sup>a</sup> ed., Lisboa, Bertrand Editora, 1986; 4.<sup>a</sup> ed., Lisboa, Círculo de Leitores, 1986.

- Carnaval Literário*, 1.<sup>a</sup> ed., Lisboa, Seara Nova, 1939; 2.<sup>a</sup> ed., Lisboa, Portugália Editora, 1960.
- Ana Rosa*, Lisboa, Seara Nova, 1941. [«Proémio» de Castelo Branco Chaves, escrito a 22 de outubro de 1941].
- Londres Maravilhosa*, 1.<sup>a</sup> ed., Lisboa, Seara Nova, 1942; 2.<sup>a</sup> ed., Lisboa, Portugália Editora, [s. d.] (1960).
- Correspondência I: Cartas para Políticos e Diplomatas*, 1.<sup>a</sup> ed., Lisboa, Portugália Editora, 1960.
- Correspondência II: Cartas para Políticos e Diplomatas*, 1.<sup>a</sup> ed., Lisboa, Portugália Editora, 1960.
- Sabina Freire, comédie en trois actes*, Carlos Malheiro Dias (préface), Armand Guibert (traduction), Fondation Calouste Gulbenkian, Centre Culturel Portugais, Presses Universitaires de France, 1971.
- Obras Completas I (Inventário de Junho — Cartas sem Moral Nenhuma — Agosto Azul)*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda/Câmara Municipal de Portimão, 2009.
- Obras Completas II (Gente Singular — Novelas Eróticas — Maria Adelaide)*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda/Câmara Municipal de Portimão, 2009.





ISBN 978-972-27-2951-2



9 789722 729512